

**O jardim etnobotânico medicinal como
possibilidade de entrelaçamentos na
paisagem de Goiás**

Gabriel Aires Peixoto de Lima

UFG - Campus Goiás
2022



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: Gabriel Aires Peixoto de Lima

Título do trabalho: O jardim etnobotânico medicinal como possibilidade de entrelaçamentos na paisagem de Goiás

2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.

Gabriel Aires Peixoto de Lima

Assinatura do autor²

Ciente e de acordo:

Camilla Gomes Jant'J

Assinatura da orientadora²

Data: 28/04/2022

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)s autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento. Imagens coladas não serão aceitas.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lima, Gabriel Aires Peixoto de
O jardim etnobotânico medicinal como possibilidade de entrelaçamentos na paisagem de Goiás [manuscrito] / Gabriel Aires Peixoto de Lima. - 2022.
CCVIII, 208 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Camila Gomes Sant'Anna.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas, Arquitetura e Urbanismo, Cidade de Goiás, 2022.
Bibliografia. Anexos. Apêndice.
Inclui siglas, mapas, fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de figuras.

1. Cerrado. 2. paisagem decolonial. 3. patrimônio. 4. plantas medicinais. 5. saberes. I. Sant'Anna, Camila Gomes, orient. II. Título.

CDU 72

O jardim etnobotânico medicinal como possibilidade de entrelaçamentos na paisagem de Goiás

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo à Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Goiás, Campus Goiás.

Gabriel Aires Peixoto de Lima

Orientadora Prof.^a Dra. Camila Gomes Sant'Anna

Trabalho de conclusão do curso
Curso de Arquitetura e Urbanismo

Goiás, Abril de 2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos treze dias do mês de abril do ano de 2022 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “O jardim etnobotânico medicinal como possibilidade de entrelaçamentos na paisagem de Goiás”, de autoria de Gabriel Aires Peixoto de Lima, do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Dra. Camila Gomes Sant'Anna – orientadora (UAECSA/UFG) e com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Karine Oliveira (UAECSA/UFG) e Carina Folea Paes (Universidade Federal do Paraná - UFPR). Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,0(Dez), tendo sido o TCC considerado aprovado.

O aluno apresentou um trabalho de extrema relevância, que estuda um assunto pouco explorado nas abordagens sobre o Cerrado, a Arquitetura da Paisagem e o Saber Popular, constituindo-se como uma grande contribuição para a Ecologia dos Saberes. A partir de uma revisão bibliográfica e um estudo empírico fundamental no local, o projeto se consolida em uma proposta de jardim etnobotânico, capaz de trazer à tona diferentes camadas do lugar, a partir das suas remanescências e da relação com as fitofisionomias (floração, frutos e formato das folhas) com as diferentes populações.

A banca parabenizou o trabalho e destacou o compromisso social do trabalho e sua capacidade de envolver a população. Recomendou algumas alterações antes da entrega final do volume, que não comprometem em nada a estrutura e o conteúdo do trabalho mas que auxiliarão na compreensão dos leitores: a reelaboração do resumo, a revisão da relação das imagens com o texto e a descrição mais acurada da metodologia projetual adotada.

Ressalta-se também a importância do projeto de extensão realizado associado ao trabalho de conclusão de curso na mobilização da população e na construção de um trabalho interdisciplinar. Outro ponto destacado foi a oportunidade de um trabalho teórico e empírico de se consolidar em um projeto real. No mais, a banca apontou a importância da divulgação do trabalho em palestras, exposições, artigos, concursos, dentre outros.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Camila Gomes Sant'Anna, Professora do Magistério Superior**, em 16/04/2022, às 18:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2792764** e o código CRC **A176DBDE**.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado à Walkíria de Lima Santos (*In Memoriam*), minha fada madrinha desde meu nascimento nessa Terra.

Você foi uma das primeiras pessoas a escutar e acreditar nos meus sonhos e não somente isso, me incentivar a desenhá-los de modo a torná-los realidade. Com lápis de cor e papel te mostrava alguns dos sonhos, fantasias e medos que se passavam na minha cabeça quando criança e, enquanto ríamos conversando sobre eles, os sonhos pareciam mais próximos das minhas mãos e os medos não tão grandes. Seus olhos estão por mim e meus sonhos continuam em seu cuidado, você me ensinou a querer ser livre e a encontrar minha força. Sua resiliência, paciência, amor, fé, atenção e escuta me ensinaram a escolher trilhar caminhos mais gentis comigo e com o próximo. Em uma de nossas últimas conversas nós falamos sobre a importância de continuar sonhando e que, enquanto houvessem sonhos ainda haveria a possibilidade de vida. Assim, continuo sonhando e planto sementes com intenções que sua memória permaneça e por isso, dedico a realização desse sonho a você e te mantenho viva comigo.

À professora Camila Gomes Sant’Anna - Preta, que orienta este trabalho, por sensibilizar minhas paisagens desde o início da graduação.

À professora Karine Camila Oliveira, por incentivar com tanto carinho o pensamento crítico acerca do patrimônio e da memória.

À professora Carina Folea Cardoso Paes, por seus ensinamentos, conselhos, escuta e carinho.

À professora Luciana Helena Alves da Silva, por todo o incentivo e continuar acreditando enquanto outros dizem não fazer sentido.

À toda equipe da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino e à Pastoral da Saúde Regional Rio Vermelho, pelas informações sobre o trabalho que realizam.

À Maria Luíza da Silva Oliveira, pela paciência, empatia e amor com que dedicou seu tempo em me transmitir alguns de seus saberes sobre plantas e muitos ensinamentos de vida.

À Vera Lúcia Antônia dos Santos Lobo, pelo carinho, cuidado e amor que sempre me recebeu na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino, sempre alegre e disposta a contribuir no que fosse necessário.

À todos os membros do projeto de extensão “Jardim da Memória: paisagens de cura”, Dalily, Dani, Elisa, Fablyne, Gustavo, Ingrid, Iza, Malu, Roberta, Victória e Millena, por todas as trocas, experiências na paisagem e aprendizados que trocamos, para sempre serei grato.

À Associação Mulheres Coralinas, pelas informações sobre o trabalho que realizam e por compartilharem de um sonho comum.


À Arcelina, por todo carinho, paciência e histórias contadas.

Às minhas amigas NitGhest - Nathalia Galdêncio e Nolu - Nathalia Lucena por sempre serem apoio, afeto, escuta, suporte, carinho, atenção - e pedir para aguentarem mais dez anos de amizade para fazermos o retorno da nossa banda.

Às amigas da graduação, em especial: Bárbara, Bruna, Duda, Esther, Iza, Larissa, Leka, Monnyque, Valéria, Vanessa, Vic, Fania e Roberta pela amizade, pelos ensinamentos, pela paciência e todo amor e carinho que sempre recebi, levarei vocês para a vida.

À minha família, em especial à minha avó Marisa, minha mãe, Kátia, e à minha tia Cleide, pelo carinho, incentivo e apoio em todos os projetos e sonhos em que me lancei.

À todos colegas e professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Goiás – Campus Goiás, lugar que permitiu aprendizados que levarei para minha vida profissional como arquiteto paisagista e também como pessoa.



*“La naturaleza, por hermosa que sea,
no es jardín si no ha sido domesticada por la mano del hombre,
para crearse un mundo personal que le sirva de refugio
contra la agresión del mundo exterior.”*

Luis Barragán

RESUMO

O trabalho proposto investiga de que maneira as paisagens acolhem ou suprimem saberes ancestrais de determinados grupos com especial interesse na fitoterapia, conhecimento acerca das plantas medicinais, como importante ferramenta de resistência política, socioambiental e cultural dos povos originários da terra. Neste contexto, o estudo da etnobotânica busca compreender a relação subjetiva dos sujeitos com a paisagem dinâmica, para assim, documentar as tradições culturais e suas dinâmicas próprias. Compreende-se assim, o jardim como um espaço desenhado e produzido a partir de uma “ecologia de saberes”, em constante construção e ressignificação, fomentando assim a conscientização ambiental e sociocultural da paisagem decolonial. Dessa forma, com a troca de conhecimentos entre pesquisador e sujeitos locais no que se refere ao uso de plantas medicinais, é proposto um jardim etnobotânico medicinal na Casa Coralinas, sede da associação de artesãs goianas Mulheres Coralinas. Este jardim chamado de Jardim da Memória se constrói a partir das reminiscências do antigo Jardim da Transfiguração, procurando entender as diferentes dimensões das paisagens de cura, no caso da cidade de Goiás. Com o jardim de uso público resultante do entrelaçamento de conhecimentos, sujeitos e paisagens busca-se que o diálogo e a interação entre os saberes científicos e outros saberes contribuam para a preservação da diversidade ambiental e cultural do Cerrado, fortalecendo a relação sujeito/plantas/saberes e discutindo diferentes noções de saúde, direito à paisagem decolonial e biodiversidade.

Palavras-Chave: Cerrado; paisagem decolonial; patrimônio; plantas medicinais; saberes.

ABSTRACT

This proposal investigates how landscapes welcome or suppress ancestral knowledge of certain groups with a special interest in phytotherapy, knowledge about medicinal plants, as an important tool of political, socio-environmental and cultural resistance of the native peoples of the land. In this context, the study of ethnobotany seeks to understand the subjective relationship of individuals with the dynamic landscape, in order to document cultural traditions and their own dynamics. Thus, the garden is understood as a space designed and produced from an “ecology of knowledge”, in constant construction and resignification, thus promoting environmental and sociocultural awareness of the decolonial landscape. In this way, with the exchange of knowledge between researcher and local subjects regarding the use of medicinal plants, a medicinal ethnobotanical garden is proposed in Casa Coralinas, headquarters of the association of artisans from Goiás, Mulheres Coralinas. This garden called Jardim da Memória (Garden of Memory) is built from the reminiscences of the old Garden of Transfiguration, trying to understand the different dimensions of healing landscapes, in the case of the city of Goiás. With the garden for public use resulting from the intertwining of knowledge, subjects and landscapes, dialogue and interaction between scientific knowledge, or not, are sought to contribute to the preservation of the environmental and cultural diversity of the Cerrado, strengthening the subject/plants/knowledge, discussing different notions of health, right to landscape and biodiversity.

Keywords: Cerrado; decolonial landscape; heritage; medicinal plants; knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Morro da Índia a partir da cozinha da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino. Foto: LIMA, 2021.....	20	Figura 25: Entrelaçamento de raízes, fotografia analógica. Foto: LIMA, 2022	69
Figura 02: Melão-de-São-Caetano (<i>Momordica</i>), pastel oleoso e grafite sobre papel pólen 80g/m ² . Fonte: LIMA, 2021	21	Figura 26: Maria Luíza na janela da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino, de portas fechadas, por onde passou a atender as pessoas durante a pandemia do COVID-19. Fotografia analógica. Foto: LIMA, 2021	70
Figura 03: Desenho da paisagem tendo como inspiração tapetes artesanais produzido por mulheres de comunidades rurais, lápis de cor aquarela e pastel oleoso sobre papel pólen. Fonte: LIMA, 2022	23	Figura 27: Rotina de trabalho na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino. Foto: LIMA, 2021	71
Figura 04: Tapetes artesanais produzidos por mulheres de comunidades rurais do município de Goiás. Fonte: LIMA, 2022	25	Figura 28: Mandi (<i>Pimelodus maculatus</i>), bordado sobre algodão cru. Fonte: LIMA, 2022	72
Figura 05: Linha de algodão fiada por mulheres de comunidades rurais do município de Goiás. Foto: LIMA, 2021.....	28	Figura 29: Maria Luíza durante o trabalho de campo coletando plantas medicinais para o preparo de remédios. Foto: LIMA, 2021	74
Figura 06: Esquema conceitual de entrelaçamentos encontrados na paisagem da cidade de Goiás. Fonte: LIMA, 2021.....	30	Figura 30: Dona Maria mostrando as plantas que possui no quintal de sua casa, em Goiás. Foto: LIMA, 2021	75
Figura 07: Oração para Nossa Sr ^a dos Remédios escrita por Maria Luíza da Silva Oliveira. Foto: LIMA, 2021.....	32	Figura 31: Localização e setores limítrofes do setor Rio Vermelho, Goiás.....	77
Figura 08: Vera Lúcia Antônia dos Santos Lobo manuseando folhas desidratadas para o preparo de remédios. Foto: LIMA, 2021.....	33	Figura 32: Principais elementos viários e equipamentos públicos do setor Rio Vermelho, Goiás..	78
Figura 09: Detalhe de bolsa de palha de milho feita por mulheres de comunidades rurais do município de Goiás. Foto: LIMA, 2021.....	38	Figura 33: Mapa de uso do solo do setor Rio Vermelho, Goiás	79
Figura 10: Detalhe de peneira de palha de buriti feita por mulheres de comunidades rurais do município de Goiás. Foto: LIMA, 2021	39	Figura 34: Registros fotográficos do Jardim da Transfiguração no ano de 2005. Fonte: material cedido por Arcelina Helena	80
Figura 11: Cerrado na trilha para o Morro da Antena, na cidade de Goiás. Foto: LIMA, 2021.....	41	Figura 35: Jardim da Transfiguração	82
Figura 12: Cerrado na trilha para o Morro da Antena, na cidade de Goiás. Foto: LIMA, 2021.....	42	Figura 36: Atividades realizadas no Mosteiro da Anunciação do Senhor, no setor Araguay, Goiás	83
Figura 13: Cerrado na rodovia GO-070, no município de Goiás. Foto: LIMA, 2021.....	44	Figura 37: Planta de situação da área de intervenção. Fonte: LIMA, 2022.....	84
Figura 14: Largo do Chafariz de Cauda, cidade de Goiás. Foto: LIMA, 2019.....	49	Figura 38: Esquema conceitual das características ambientais do sítio de intervenção	86
Figura 15: Primeiro assentamento dos bandeirantes à procura de ouro a partir da demarcação das datas de mineração, no ano de 1730	52	Figura 39: Comunicação para identificação das espécies do Jardim da Transfiguração. Fonte: LIMA, 2022	87
Figura 16: Mapa de caracterização do município de Goiás	53	Figura 40: Arcelina contando sobre suas memórias e mostrando fotografias do Jardim da Transfiguração por volta de 2005. Fonte: LIMA, 2022	87
Figura 17: Feira de rua que acontece no bairro João Francisco aos finais de semana, em Goiás, fotografia analógica. Foto: LIMA, 2022	54	Figura 41: Registros fotográficos dos mobiliários do Jardim da Transfiguração. Fonte: material cedido por Arcelina Helena	88
Figura 18: Mosaico de paisagens, patrimônios, texturas e pessoas. Fonte: LIMA, 2021.....	57	Figura 42: Mulheres Coralinas promovendo oficina de encadernação artesanal na Casa Coralinas	90
Figura 19: Pontos de comercialização de fitoterápicos em Goiás. Foto: LIMA, 2021.....	59	Figura 43: Artesanato produzido pelas mulheres na associação. Fonte: LIMA, 2022	91
Figura 20: Sementes de Ipê-rosa (<i>Handroanthusheptaphyllus</i>). Foto: LIMA, 2021	61	Figura 44: Muro de pedra construído com rochas do sítio, fotografia analógica. Fonte: LIMA, 2022	92
Figura 21: Casa Sertaneja Goiana de Dona Francisca, bordado sobre algodão cru. Fonte: SILVA, 2019	63	Figura 45: Vaso de cerâmica com planta espontânea na Casa Coralinas, fotografia analógica. Fonte: LIMA, 2022	93
Figura 22: Interior da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino. Foto: LIMA, 2021	65	Figura 46: Fachada da Casa Coralinas, localizada na Rua Benedita Lemes de Assis, nº 05, setor Rio Vermelho. Fonte: LIMA, 2022	94
Figura 23: Cartilha “Nossas plantas, nossa saúde”.....	66	Figura 47: Mutirão de construção do muro de rochas removidas do sítio para implantação da arquitetura	95
Figura 24: Pilão de madeira usado no preparo de remédios na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino. A ancestralidade como um círculo em que passado, presente e futuro se encontram. Foto: LIMA, 2021	67	Figura 48: Peças de cerâmica moldadas por artesãs da associação com mentoria criativa do designer Marcus Camargo	95
		Figura 49: Encontro com Ebe Maria, secretária executiva das Mulheres Coralinas e Arcelina Helena, fundadora do Jardim da Transfiguração	97

Figura 50: Levantamento técnico da área de intervenção com planta baixa, fachadas e cortes. Fonte: LIMA, 2022	98	Figura 74: Asa-de-andorinha (<i>Euphorbia hirta</i> L.), planta medicinal existente na área de intervenção. Foto: LIMA, 2022	143
Figura 51: Quadro com principais visuais e mobiliários na área de intervenção	100	Figura 75: Quadro de amostras das espécies adotadas para o projeto paisagístico.....	144
Figura 52: Dona Maria, raizeira e Ebe, secretária executiva das Mulheres Coralinas, conversando sobre as ideias para o jardim etnobotânico medicinal. Fonte: LIMA, 2022.....	104	Figura 76: Espaços dos Orixás no Jardim Etnobotânico de Salvador	154
Figura 53: Setorização atual da área de intervenção	105	Figura 77: Metodologia de camadas adotada no desenho do projeto	155
Figura 54: Trilha de terra até o Rio Vermelho, fotografia analógica. Fonte: LIMA, 2022	106	Figura 78: Plantio de árvores de espécies sagradas do candomblé	155
Figura 55: Ação com o projeto de extensão “Jardim da Memória: paisagens de cura”. Fonte: LIMA, 2022	107	Figura 79: Planta baixa do <i>Jardín Etnobotánico</i> de Oaxaca	156
Figura 56: Parte da equipe do projeto de extensão e Mariana, integrante da associação, na preparação para o levantamento da área de intervenção	108	Figura 80: Atrativos do <i>Jardín Etnobotánico</i> de Oaxaca	157
Figura 57: Levantamento arquitetônico da calçada. Identificação, coleta e secagem de espécies medicinais encontradas na área de intervenção. Fonte: LIMA, 2022	109	Figura 81: Campo de flores ruderais junto ao parquinho da área de intervenção, fotografia analógica. Foto: LIMA, 2022	158
Figura 58: Produção de remédios naturais com raizeiras na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino. Fonte: LIMA, 2022	110	Figura 82: Croquis de observação da paisagem na área de intervenção. Foto: LIMA, 2022	159
Figura 59: Picão-preto (<i>Bidens pilosa</i> L.). Fonte: LIMA, 2022	111	Figura 83: Partido projetual baseado na tríade formada por Cerrado, saberes e sujeitos	161
Figura 60: Imersão paisagística e Banho de Floresta. Fonte: LIMA, 2022	112	Figura 84: Calendário anual de frutos. Fonte: LIMA, 2022	162
Figura 61: Falsa-serralha (<i>Emilia fosbergii</i> Nicolson), planta medicinal ruderal existente na área de intervenção. Foto: LIMA, 2022	113	Figura 85: Calendário anual de flores. Fonte: LIMA, 2022	163
Figura 62: Cerrado na trilha para o Morro da Antena, na cidade de Goiás. Foto: LIMA, 2021	114	Figura 86: Esquema de distribuição das espécies tendo como critério luminosidade e porte	166
Figura 63: Mapa impresso com os pontos de coleta indicados com <i>post-it</i> , são indicados os pontos no perímetro urbano e o sentido da rota em direção aos localizados na zona rural do município. Foto: LIMA, 2021	116	Figura 87: Esquema do cromatismo adotado em projeto. Fonte: LIMA, 2022	169
Figura 64: Caminhos percorridos durante a coleta de plantas medicinais na cidade de Goiás. Foto: LIMA, 2021	118	Figura 88: Proposta de fachada para a Casa Coralinas	170
Figura 65: Coleta da entrecasca do Jatobá-do-Cerrado para preparo de óleo medicinal. Foto: LIMA, 2021	119	Figura 89: Planta baixa com proposta geral de intervenção, parte 1. Fonte: LIMA, 2022	172
Figura 66: Mapa com os pontos de coleta de plantas medicinais no município de Goiás. Fonte: LIMA, 2021	120	Figura 90: Planta baixa com proposta geral de intervenção, parte 2. Fonte: LIMA, 2022	174
Figura 67: Mapa com os pontos de coleta de plantas medicinais na cidade de Goiás. Fonte: LIMA, 2021	122	Figura 91: Morros a partir do Mirante João José de Barros, na cidade de Goiás. Foto: Igor Vich, 2021	178
Figura 68: Erva-cidreira-do-Cerrado. Fonte: LIMA, 2022	124	Figura 92: Conversa com as artesãs associadas sobre a pesquisa com plantas medicinais, as propostas de intervenção no jardim e como poderiam contribuir para o projeto paisagístico. Fonte: LIMA, 2022	181
Figura 69: Mulher detentora dos saberes medicinais com plantas, a partir da natureza ela se enxerga e se reconhece. Colagem digital. Fonte: LIMA, 2021	125	Figura 93: Borboleta do gênero <i>Pseudolycaena damo</i> . Foto: LIMA, 2022	182
Figura 70: Exemplos de espécies botânicas do herbário vivo Cerratense. Foto: LIMA, 2021.....	127	Figura 94: Andamento da execução do projeto da fachada, foram construídos os canteiros, piso, instalação do piso tátil e plantio de algumas espécies	183
Figura 71: Pimenta-de-macaco (<i>Xylopia aromatica</i> (Lam.) Mart.), planta medicinal existente na área de intervenção. Foto: LIMA, 2022	134	Figura 95: Dona Maria em sua rotina de trabalho na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino. Foto: LIMA, 2021	187
Figura 72: Passeio para identificação e coleta de espécies medicinais na área de intervenção. Foto: LIMA, 2022	135	Figura 96: Vera Lúcia em sua rotina de trabalho na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino. Foto: LIMA, 2021	190
Figura 73: Escolha das espécies medicinais para a proposta do jardim etnobotânico medicinal. Foto: LIMA, 2022	142	Figura 97: Oficina “Plantas medicinais do Cerrado e benzimento”. Foto: LIMA, 2021	195
		Figura 98: Pequizeiro remanescente ao centro da espiral no Jardim da Transfiguração. Fonte: LIMA, 2022	198
		Figura 99: Despensa onde ficam armazenados os remédios naturais produzidos na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino. Foto: LIMA, 2021	207
		Figura 100: Entrelaçamentos de miçangas coloridas. Fonte: LIMA, 2022.....	208

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
2	ENTRELAÇAMENTOS DE PAISAGENS	29
2.1	Outros saberes e sujeitos	34
3	CERRADO FINITO	43
3.1	Entre morros	51
3.2	Semeadura	62
3.2.1	Dona Maria	71
4	RIO VERMELHO	76
4.1	O Jardim e a memória do lugar	82
4.2	Paisagens de cura	108
5	OUTROS LUGARES DE MEMÓRIA	115
5.1	O herbário vivo	126
5.2	Inspirações	154
5.3	O Jardim da Memória	160
6	HORIZONTES	180
	REFERÊNCIAS	184
	APÊNDICE A - Bisavós, avós, mães.....	188
	APÊNDICE B - Cuidar e passar pra outras pessoas	191
	APÊNDICE C - Partilha	193
	APÊNDICE D - Oração do Cerrado	197
	APÊNDICE E - Vamos dar vida pra isso	199
	ANEXO A	203
	ANEXO B	204
	ANEXO C	206



1. INTRODUÇÃO

A paisagem é compreendida como o resultado de construções no imaginário e no espaço físico em que, nesse processo antrópico de modificação da natureza, a descaracterização do território e de suas paisagens podem acolher ou suprimir saberes ancestrais de determinados grupos. Segundo maior bioma do Brasil ocupando 24% do território nacional, o Cerrado é composto por povos tradicionais da terra como aldeias indígenas, comunidades quilombolas, pequenos agricultores, assentamentos rurais¹, entre outros. Estas populações têm um papel fundamental na promoção e na proteção de sua biodiversidade e dos seus patrimônios.

Dentro deste contexto, ainda é pouco reconhecida e fomentada a contribuição política, socioambiental e cultural desses povos originários para saúde do território, por meio da fitoterapia, por exemplo, conhecimento acerca das plantas medicinais resultante da interação entre a paisagem e as diferentes cosmovisões européias, indígenas e africanas. Com mais de 6000 anos, o uso de plantas medicinais é a forma mais antiga de medicina da Terra no qual os praticantes atuam também na manutenção da biodiversidade a partir da cosmovisão do ser humano como parte integrante da natureza, e não um ser externo a ela.

Entretanto, os saberes de manejo e aproveitamento do Cerrado enquanto patrimônio imaterial desses grupos, assim como sua transmissão estão fortemente associados à oralidade como mecanismo de registro e difusão, vulnerável ao desaparecimento. Nesse sentido, a etnobotânica contribui para a valorização dos povos do Cerrado, no caso deste trabalho, e dos seus saberes a partir de estudos acerca das relações estabelecidas entre sujeitos e plantas, colaborando para a preservação da diversidade ambiental e cultural do Cerrado. Segundo Cotton (1996 apud GOMES, 2012, p. 15):

¹ Os assentamentos rurais são porções do território reconquistado, a partir da reforma agrária e da luta dos camponeses pela redistribuição fundiária de frações do território que tem sido mantida improdutiva e/ou voltada para reserva de valor.



a etnobotânica é uma ciência que analisa o património material, cultural e natural e o património cultural imaterial. No património cultural imaterial estão incluídos aspectos da vida cultural e social, como por exemplo: lugares, religiões, festas, música, medicina popular ou culinária. **O objectivo é registar essas representações e práticas, quais as suas transformações e como se processam, entendendo-as como património.** (GOMES, 2012, p. 15, grifo nosso).

O grande desafio é pensar um espaço em que este patrimônio cultural material e imaterial possa ser não apenas valorizado, como também difundido e construído de forma colaborativa, recuperando o que é a essência da sua construção. Assim, é proposto um jardim etnobotânico medicinal de uso público na Rua Benedita Lemes de Assis, nº 05, setor Rio Vermelho, na Casa Coralinas, sede da associação de artesãs goianas Mulheres Coralinas, junto ao antigo Jardim da Transfiguração, espaço livre cuja fundação e construção se deu em colaboração com a comunidade do bairro e da cidade tendo em vista o fomento da saúde, do lazer, da cultura e do meio ambiente.

Dentro deste contexto, compreende-se o jardim como um veículo do imaginário, concentrando em determinado espaço desenhado e produzido, um conjunto de afetos (BESSE, 2014). O jardim etnobotânico medicinal, chamado de Jardim da Memória², reúne espécies provenientes do conhecimento tradicional sobre as práticas terapêuticas acompanhadas de informações não apenas do modo como as plantas são usadas, mas também da relação entre os grupos sociais e as plantas de que dependem, com importante papel na conscientização ambiental e paisagística.

Sabemos quando um jardim começa, mas não quando termina, em constante movimento o Jardim da Memória proposto é compreendido assim como um “*jardin en mouvement*” (CLÉMENT, 1999a), mas do que nunca necessário para abarcar um saber popular em constante construção e ressignificação. O “*jardin en mouvement*”, de acordo com Clément (1999a), abraça a dinâmica da natureza

² Embora também seja um Jardim de vida, amor, cores, experiências e subjetividades, é adotado o termo “memória” em homenagem à diversidade sociocultural e ambiental que compõem esta paisagem enquanto patrimônio.



e nele as espécies se instalam e se desenvolvem espontaneamente e a experiência estética do lugar surge na contemplação desses processos naturais. Nele o papel de seu cuidador não consiste em controlar a natureza ao seu gosto mas sim, conhecer as espécies a partir da observação de seus comportamentos no transcorrer do tempo, para assim dar destaque a todo o potencial natural do ecossistema ali formado (CLÉMENT, 1999a).

A proposição de um jardim etnobotânico com plantas medicinais oriundas do conhecimento popular de povos tradicionais do Cerrado na cidade de Goiás visa a valorização desses sujeitos locais e seus saberes, destacando seu potencial contributivo para o enfrentamento dos desafios da Arquitetura da Paisagem contemporânea, principalmente no que diz respeito à capacidade deste jardim de repensar o papel do jardim na contemporaneidade, recuperando e discutindo práticas populares e promovendo resiliência social e ecológica. Abaixo, a cronologia das etapas e métodos do trabalho apresentado.

2021

agosto - início do trabalho de conclusão de curso, identificação de sujeitos de relevância na comunidade, revisão bibliográfica;

setembro e outubro - trabalho e pesquisa de campo imersiva na paisagem cerratense com levantamentos e coleta botânica;

novembro - apresentação do andamento, processos e resultados preliminares da pesquisa;

dezembro - pesquisa e escolha da área de intervenção para proposição do jardim etnobotânico medicinal.

2022

janeiro - aproximação com a área de intervenção e grupos sociais envolvidos;

fevereiro - levantamentos (arquitetônico, paisagístico e fotográfico), imersão paisagística, identificação e coleta de espécies;

março - apresentação da proposta da fachada e início da execução, propostas gerais;

abril - entrega do trabalho final

Desse modo, partindo destas questões, esta pesquisa tem como objetivo central entrelaçar saberes medicinais e sujeitos a partir da proposição de um jar-

dim etnobotânico medicinal no setor Rio Vermelho, na Cidade de Goiás. E os seguintes objetivos específicos:

I) Estudo do estado d'arte sobre jardim etnobotânico, paisagem decolonial, saber popular e plantas medicinais cerratenses;

II) Compreender o contexto de origem dos diferentes saberes medicinais com plantas do Cerrado, suas representações e seus significados, dentro do recorte territorial;

III) Identificar os sujeitos envolvidos na manutenção, transmissão e reprodução dos saberes ancestrais com plantas medicinais na dimensão da cidade de Goiás;

IV) Mapear as principais regiões de colheita das espécies para fins medicinais e os principais pontos de difusão desses saberes;

V) Identificar as principais espécies de medicinais utilizadas na cidade de Goiás e organização em um banco de dados, de domínio público;

2. ENTRELAÇAMENTOS DE PAISAGENS

A paisagem é uma manifestação conjunta da natureza, cultura, sociedade e economia, que envolve grande complexidade ao traduzir de forma simbiótica as características objetivas e subjetivas de um determinado lugar. Pensar o presente, reviver o passado e olhar para o futuro envolve a reinterpretação paisagística de Goiás em uma metodologia que os entrelaçamentos revelam suas potencialidades e suas fragilidades.

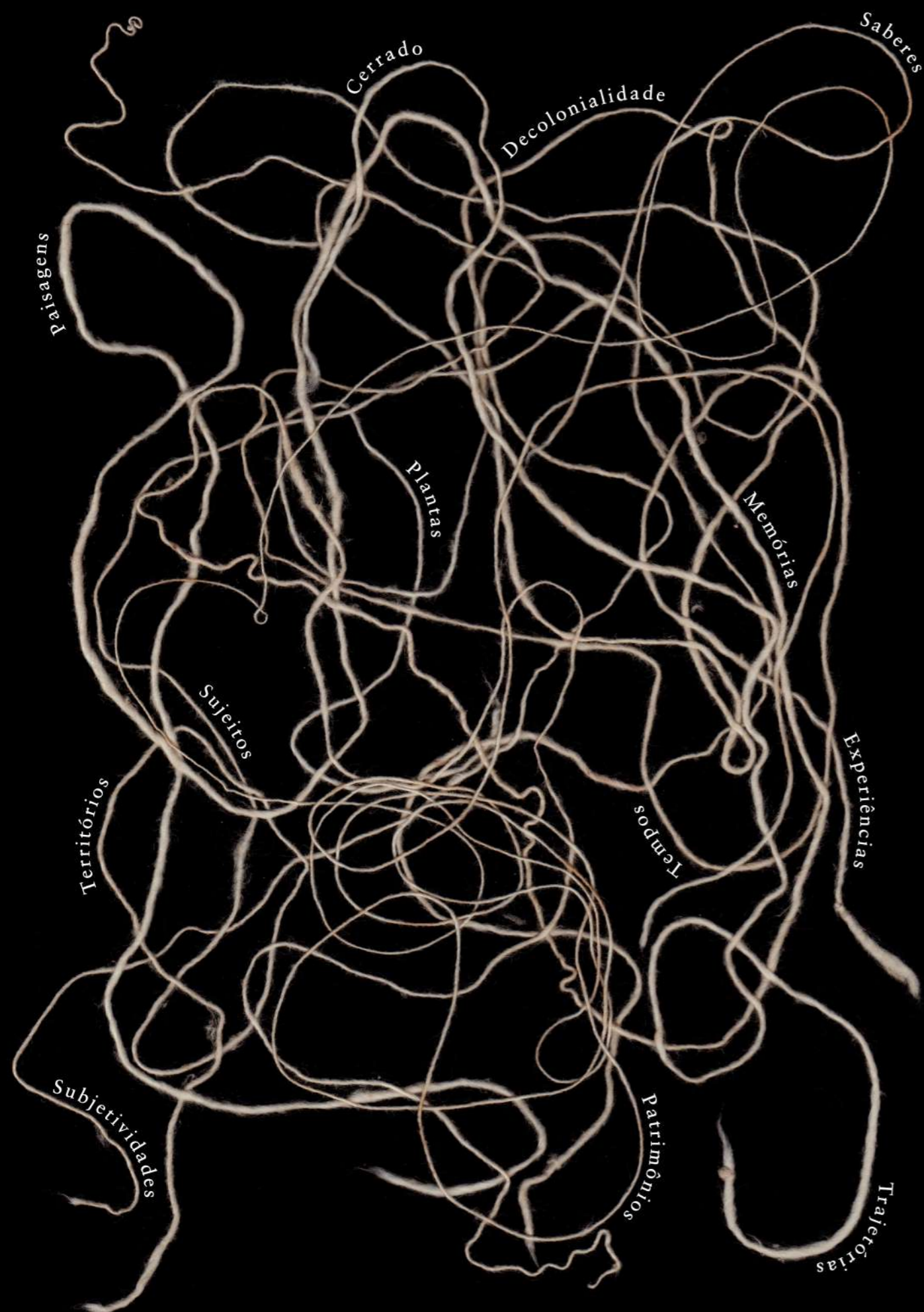
Os *entrelaçamentos* resultam na rica biodiversidade brasileira, nesse sentido, não há rupturas ou dicotomias, dos entrelaçamentos surgem novas possibilidades de “reconstrução de histórias silenciadas, subjetividades reprimidas, linguagens e conhecimentos subalternizados pela ideia de totalidade definida pela racionalidade moderna” (AMARAL, 2015, p. 20) a partir de uma abordagem decolonial da paisagem.

Segundo Dagenais (2004 apud MIGNOLO, 2017, p. 4) a “colonização do tempo foi criada pela invenção renascentista da Idade Média, e a colonização do espaço foi criada pela colonização e conquista do Novo Mundo”. Assim, em uma abordagem decolonial da paisagem, combater a colonização do tempo e do espaço na paisagem significaria romper com o papel passivo da natureza que é concebida como “repositório para a materialidade objetivada, neutralizada e basicamente inerte que existia para a realização das metas econômicas dos “mestres” dos materiais” (MIGNOLO, 2017, p. 7).

Nós, estudiosos e pensadores descoloniais, podemos contribuir não ao relatar para os estudiosos, intelectuais e líderes indígenas qual é o problema, porque eles o conhecem melhor que nós, mas ao agir no domínio hegemônico da academia, onde a ideia de natureza como algo fora dos seres humanos foi consolidada e persiste. (MIGNOLO, 2017, p. 6)

Desse modo, promover o reconhecimento, a valorização e a proteção da paisagem demanda abandonar a visão dicotômica *conservar x produzir*, e a adoção de uma visão mais progressista que busque integrar as paisagens e pessoas não como observadores mas como responsáveis pelo cuidado, preservação e manutenção, integrando o ser humano novamente à natureza. A natureza é o ponto que une, remontando ao que é a origem do ser humano, logo, nosso foco é no que perdemos quando nos separamos dos outros





seres vivos. Assim, questões como os diferentes conceitos podem se complementar e contribuir para o coletivo surgem à medida que esses fios são estendidos e tensionados, investigando os benefícios da interconectividade e o valor de aprender com outros seres, humanos ou não.

Esta pesquisa conduz seu interesse em escutar a comunidade e aprender com ela para assim, ter a experiência necessária para conseguir identificar necessidades e oportunidades de contribuir, ao invés de reforçar o local histórico de hegemonia dos conhecimentos científicos sobre os não-científicos, silenciando vozes à medida que perpetua princípios e práticas hegemônicas. O campo é permanente e a imersão no universo cultural consiste em um processo de confiança em que não há um roteiro ou questionário estruturado e nem sempre convém ou é necessário gravar.

Através da observação de um sistema de significados individuais e coletivos compartilhados em comunidade, a pesquisa buscará apresentar as relações cotidianas dos sujeitos com o patrimônio que os circundam e os inclui com importâncias de diversas naturezas. Ademais, promover a interação e a interdependência entre os saberes científicos e outros saberes, com uma metodologia baseada na escuta e na imersão paisagística abre infinitas possibilidades de criação de novos saberes, identificando preocupações comuns, aproximações complementares e contradições intransponíveis.

Nossa Sra dos Remédios

O' Virgem Maria Mãe
de Jesus, nós vos
pedimos uma bênção
especial para esses
remédios que
vamos preparar.
Pedimos Mãe que
todas as pessoas
que deles tomarem
sejam curados
das enfermidades
do corpo e da
alma.

Nossa Senhora,
dai nos força
e sabedoria para
continuar nossa
missão de curar
através das plan-
tas medicinais
que seu Filho
nos deixou
como legado

Amém

Goás, 18/9/21



2.1 Outros saberes e sujeitos

Boaventura de Sousa Santos (2007), sociólogo português, discorre que o pensamento moderno ocidental está organizado em um sistema constituído por linhas radicais que separam diferentes universos, os chamados “lado de cá” e “lado de lá”. Esse modo de pensar abissal admite a “impossibilidade da copresença dos dois lados da linha” (BOAVENTURA, 2007, p. 71), e ao lado excluído de relevância, restam a inexistência, a invisibilidade e a ausência. Em decorrência do pensamento abissal há uma infinidade de conhecimentos não reconhecidos e ainda desconhecidos, e que mantê-los assim, favorece as ferramentas de controle hegemônico.

O pensamento pós-abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul. Ele confronta a monocultura da ciência moderna com uma ecologia de saberes, na medida em que se funda no reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos (sendo um deles a ciência moderna) e em interações sustentáveis e dinâmicas entre eles sem comprometer sua autonomia. **A ecologia de saberes se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento.** (SANTOS, 2007, p. 85, grifo nosso)

Do outro lado da linha, o lado ocupado por sujeitos e saberes subalternizados, há a negação da existência de um conhecimento real, no lugar existem “crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que na melhor das hipóteses podem se tornar objeto ou matéria-prima de investigações científicas” (SANTOS, 2007, p. 73). A negação pelos grupos hegemônicos se dá a partir de apropriações, silenciamentos e outras violências físicas e simbólicas, os excluindo dos espaços de prestígio e reconhecimento. Assim, romper com o pensamento abissal significa valorizar os sujeitos que produzem conhecimento na escala local e o contexto histórico de produção desses saberes, buscando assim superar a ideia do sujeito como objeto de pesquisa, mas sim como produtor de conhecimento.

Assim, o reconhecimento da persistência do pensamento abissal é condição sine qua non para começar a pensar e a agir para além dele. Sem esse reconhecimento, o pensamento crítico permanecerá um pensamento derivativo, que continuará a reproduzir as linhas abissais por mais antiabissal que se autopromove. Pelo contrário, o pensamento pós-abissal é um pensamento não-derivativo, pois envolve uma ruptura radical com as formas de pensamento e ação da modernidade ocidental. (SANTOS, 2007, p. 85)

A ecologia de saberes proposta por Santos encontra nos entrelaçamentos e intersec-

ções de saberes a potencialidade para criação de uma epistemologia pós-abissal capaz de romper com os paradigmas dominantes. Pautado assim, no diálogo intercultural crítico e no intercâmbio de conhecimentos, sem que um tente se sobrepor ao outro, a ecologia de saberes não exclui a importância do conhecimento científico para a construção do saber, pelo contrário, busca o reconhecimento de que o conhecimento científico não é o único conhecimento válido, existente e relevante. De modo que “a busca de credibilidade para os conhecimentos não-científicos não implica o descrédito do conhecimento científico. Implica simplesmente a sua utilização contra-hegemônica” (SANTOS, 2007, p. 87).

Como ecologia de saberes, o pensamento pós-abissal tem por premissa a ideia da inesgotável diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico. Isso implica renunciar a qualquer epistemologia geral. Existem em todo o mundo não só diversas formas de conhecimento da matéria, da sociedade, da vida e do espírito, mas também muitos e diversos conceitos e critérios sobre o que conta como conhecimento. (SANTOS, 2007, p. 85-86, grifo do original)

Name & Zambuzzi (2019) afirmam que a colonialidade não é um termo abstrato, ela se materializa na “sobrevalorização de territórios, corpos, objetos e saberes de matrizes e padrões de poder branco-burgueses; e, sobretudo, na ocupação, transformação, exploração, inferiorização e destruição de outros territórios, corpos, objetos e saberes” (NAME & ZAMBUZZI, 2019, p. 125). Assim, as ferramentas de registro e representação historicamente valorizam o mesmo grupo hegemônico que as controla, contribuindo para a construção de narrativas que excluem os chamados “outros”.

A colonialidade territorial é o que apontam Delgado & Ruiz (2012, 2014 apud CUNHA, 2019, p. 152) como “o conjunto de padrões de poder que, na práxis territorial, servem para estabelecer hegemonicamente uma concepção de território sobre outras, tratadas como ‘inferiorizadas’”. E é na colonialidade do saber territorial, em que a hegemonia coloca-se desde os modos de planejamento, ocupação e urbanização do território bem como os estilos de vida adotado por seus habitantes (CUNHA, 2019).

Para Paulo Freire (1989) durante o processo de ensino o educador deve “reconhecer

que o conhecimento não é um dado aí, algo imobilizado, concluído, terminado, a ser transferido por quem o adquiriu a quem ainda não o possui” (FREIRE, 1989, p. 17-18), de modo que quando educamos temos o dever de escutar e, ao invés de falar para eles, falar *com eles*, havendo generosidade entre o ato de educar e o de aprender onde o educador ensina mas também aprende.

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros - não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do primeiro grau ou se membros de uma assembleia popular - o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. Mas, como escutar implica falar também, ao dever de escutá-los corresponde o direito que igualmente temos de falar a eles. Escutá-los no sentido acima referido é, no fundo, falar com eles, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los. Dizer-lhes sempre a nossa palavra, sem jamais nos expormos e nos oferecermos à deles, arrogantemente convencidos de que estamos aqui para salvá-los, é uma boa maneira que temos de afirmar o nosso elitismo, sempre autoritário. (FREIRE, 1989, p. 17, grifo do original)

A leitura crítica da realidade, durante o processo de alfabetização, permite a percepção das violências sofridas e contribui para a articulação de ações contra-hegemônicas, nas quais o ato político da educação e da alfabetização desempenham importante papel no combate de estruturas autoritárias do conhecimento, contribuindo assim, para a revisão cognitiva.

Considerando a complexidade das estruturas e mecanismos mantenedores da colonialidade, a corrente investigação assume a revisão cognitiva sob a perspectiva decolonial como uma importante forma de enfrentamento da colonialidade do saber tecnológico. Assim, a abordagem adotada busca direcionar a ação e o desenvolvimento do pensamento, tendo em vista que o processo de pesquisa muitas vezes leva a necessidade de desaprender para aprender uma vez que a colonialidade pode ser observada “nas relações de aprendizagem, no senso comum e na autoimagem dos povos” (AMARAL, 2015, p. 12).

A colonialidade opera reforçando relações assimétricas na sociedade sob o discurso distorcido de democracia onde “direitos humanos são violados para que possam ser

defendidos, a democracia é destruída para que se garanta sua salvaguarda e a vida é eliminada em nome da sua preservação” (SANTOS, 2007, p. 79). Nesse sentido, em conformidade com a modernidade, a colonialidade institucional opera favorecendo historicamente os bens materiais imóveis e a ferida colonial controla o discurso que o patrimônio material é a única representação da história, excluindo uma série de outros valores inseridos.

O artigo nº 216 da Constituição Federal de 1988 define o patrimônio cultural, até então restrito aos bens materiais, como os bens materiais e imateriais “portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 2016). O reconhecimento dos bens imateriais como patrimônio pela Constituição Federal permite, em alguma medida, que os modos de criar, fazer e viver sejam valorizados e preservados a partir de políticas de apoio e fomento.

Mais especificamente, permite-nos perceber como opera a colonialidade territorial na esfera do patrimônio: de um lado, para o que se entende como erudito, produzido a partir do processo de interferência colonial/europeia/branca, cabe o tombamento, quase indissolúvel; e, de outro lado, para o que é compreendido como popular, desenvolvido pelos diversos grupos étnicos não europeus e não brancos, cabe o registro que precisa ser revisado a cada dez anos (e que pode não ser renovado caso não identificada a permanência das práticas identificadas no registro inicial ou se houver uma alteração substancial dessas práticas). (NAME & ZAMBUZZI, 2019, p. 132)

Nesse âmbito, mesmo com a inclusão dos bens imateriais na noção de patrimônio é importante discutir como a institucionalidade acolhe sujeitos e saberes subalternizados ou contribui para sua exclusão da arena de decisões do patrimônio e da paisagem, para assim, reivindicar o local de protagonismo dos sujeitos detentores de saber na condução de suas narrativas no presente e na construção de novas no futuro. A revisão de narrativas históricas trazendo à tona as disputas do passado para o presente visa discutir como as imaterialidades permanecem excluídas das narrativas oficiais por meio da negação e da violação do direito à memória desses sujeitos, para assim, encontrar formas de desestabilizar esses discursos hegemônicos de dentro e fora das instituições.

O patrimônio imaterial resultaria, então, de uma complexa equação: por um lado, visaria a proteger, legitimar, ou valorizar alguns elementos considerados representati-



vos – muitas vezes pelas próprias comunidades étnico-raciais que o preservaram e/ou reproduziram; por outro lado, também objetivaria manter a coesão desses grupos a partir de uma lógica eurocêntrica e brancocêntrica que, sob a égide da colonialidade, legitimaria sua aceção como o que é exótico, tradicional ou de um espaço ou tempo distantes – uma condição ao mesmo tempo singular e inferior. (NAME & ZAMBUZZI, 2019, p. 128)

Assim, neste trabalho é proposto que sujeito e pesquisador trabalham juntos criando diálogos e integrando diferentes conhecimentos através de uma “sociologia das emergências”, termo de Santos (2007) que traduz-se na “amplificação simbólica de sinais, pistas e tendências latentes que, embora dispersas, embrionárias e fragmentadas, apontam para novas constelações de sentido referentes tanto à compreensão como à transformação do mundo” (SANTOS, 2007, p. 83). Nesse sentido, criar diálogos contribui para que essa ecologia emerja como a possibilidade de causar deslocamentos nas bases rígidas da concepção de conhecimento, de patrimônio e de paisagem. A Paisagem-Patrimônio³, dentro da sua complexidade material e imaterial, fomenta o caminho para a reconstrução da sociedade em outros termos, celebrando a biodiversidade, o conhecimento popular e as tradições orais.

³ O termo é utilizado no sentido de reforçar o valor patrimonial material e imaterial da paisagem e a necessidade de rever paradigmas que se concentram nas paisagens centrais e mais reconhecidas.





3. CERRADO FINITO

No processo histórico latino-americano, a construção e modificação da paisagem está centrada na dominação por poder, considerando a paisagem, de modo geral, como “*representação cultural, coletiva e/ou individual*” (BESSE, 2014, p. 17, grifo do original). A paisagem deve ser abordada como componente fundamental do patrimônio natural e cultural, contribuindo para a comunicação com o passado de um povo, e sua promoção e conservação implica no futuro das gerações.

A modernização agrícola dos anos 70 desencadeou o processo de intensa urbanização no Centro-Oeste brasileiro, resultante da mudança radical na ocupação do território com apoio de investimentos e programas do governo federal durante a ditadura militar (1964-1985). A posição geográfica central no país e as características do território, como as extensas planícies propícias para a pecuária e a agricultura mecanizada, favoreceram a exploração do Centro-Oeste. A partir de 1970 a região vive o processo de substituição da economia de subsistência de produção e cultivo da terra, vigente anteriormente, para o modelo que visava o mercado exportador, transformando a região Centro-Oeste em uma das principais produtoras de *commodities*.

Assim, a população da região Centro-Oeste que, historicamente, era predominantemente rural, observa um rápido avanço das atividades agrícolas e o aumento da pressão urbana sobre o território contribui para movimentos migratórios para a região e provoca o esvaziamento do campo (MOYSÉS & SILVA, 2008). A urbanização acelerada cria uma rede urbana concentrada e desigual que além da morfologia das cidades, suas relações, suas interações, modifica também seus conteúdos (CHAVEIRO, 2010).

A urbanização cria problemas complexos que assolam as diversas aglomerações humanas e a paisagem, a complexidade dessas novas relações estabelecidas entre bioma⁴

⁴ Entende-se como bioma o complexo de associações entre diferentes comunidades de seres vivos como vegetação, fauna e demais microorganismos. Embora o bioma considere a fitofisionomia, ou seja, a aparência geral da vegetação, que a delimita, seu complexo engloba mais que o conjunto florístico. Esse complexo resulta no conjunto de padrões de vegetação e tipos de comunidades de seres vivos, com fisiologias características relacionadas ao clima, e dentre outros elementos, a temperatura e a precipitação.



e território demandam uma abordagem integrada. O negligenciamento das questões ambientais, por exemplo, atinge a sociedade como um todo, estando relacionadas e intensificando as desigualdades sociais à medida que reforça um padrão predatório em que “quanto mais o Cerrado se afirma enquanto território, mais é destruído enquanto Bioma” (CHAVEIRO, 2010, p. 1).

A terra ferida, a água contaminada, a população distribuída desigualmente, a renda fraturada, a economia diferenciada nas regiões, o sujeito desenraizado são características que demonstram um contraste: pelo critério das cifras e dos índices de produtividade, o território cerradoeiro é um dos mais promissores economicamente no país. Isso exige que se pense o modelo de desenvolvimento que o dinamiza e que igualmente destrói sua biodiversidade. Ou então, que o proclama por meio de imagens que ressaltam a sua importância vital, mas o abate na forma de usá-lo. (CHAVEIRO, 2010, p. 1)

O Cerrado é o segundo maior bioma brasileiro, se estendendo pelos estados de Goiás, Tocantins, Maranhão, Piauí, Bahia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Distrito Federal, Paraná, Rondônia, Amapá, Roraima, Amazonas e Pará. Ademais, concentra em sua extensão um terço da biodiversidade nacional e 5% da biodiversidade mundial, com a mais rica flora dentre as savanas do planeta. Em sua área de abrangência concentra três grandes aquíferos, responsáveis pela formação e alimentação de importantes cursos hídricos do continente, sendo eles os aquíferos Guarani, Bambuí e Urucuaia (MOYSÉS & SILVA, 2008). A abundância hídrica em suas entranhas ainda é responsável pelo abastecimento das principais bacias hidrográficas brasileiras como a Amazônica, a do São Francisco e a do Prata. Desse modo, o Cerrado *sensu lato* é adotado como um complexo de biomas, mais especificamente três, sendo eles: o campo tropical (campo limpo), a savana (campo sujo, campo cerrado e cerrado *sensu stricto*) e a floresta estacional (cerradão) (BATALHA, 2011).

O desenvolvimento econômico acelerado e o avanço nas transformações destrutivas das paisagens implicam na destruição da natureza como efeito colateral de um planejamento e gestão do desenvolvimento das cidades que não é pensado tendo como objetivo central o equilíbrio entre a ocupação do solo e a proteção de suas áreas de interesse ambiental e sociocultural. A mudança de hábitos impacta nas relações que os sujeitos estabeleciam com a terra, provocando a fragmentação e segregação socioespacial e a

redução da biodiversidade do bioma.

Com povos com raízes tão profundas quanto a vegetação que cresce no bioma, de acordo com dados da Rede Cerrado⁵, no Cerrado goiano há seis terras indígenas, sessenta e quatro comunidades quilombolas e incontáveis comunidades tradicionais. Em equilíbrio e com um grande vínculo com o território, a conservação do modo de vida dessas comunidades depende da conservação da natureza ao mesmo tempo que o conhecimento das plantas e seu manejo contribui para a preservação ecológica do bioma.

Ainda segundo a Rede Cerrado, no estado de Goiás os parques de preservação representam apenas 1% do Cerrado goiano e, considerando o bioma inteiro, menos de 3% da área é efetivamente protegida. A conservação da paisagem Cerratense⁶, além da proteção do ambiente e dos recursos hídricos, envolve também a valorização dos saberes com plantas medicinais, as formas de cultivo sustentável e as maneiras de viver integrado à natureza. Assim, a paisagem enquanto patrimônio detém valor pela sua associação com a memória ancestral coletiva e os significados culturais, naturais e simbólicos que contém.

Esta paisagem savânica mais biodiversa do mundo possui folhas, raízes, entrecascas e flores de espécies nativas com potencial medicinal, entretanto, as populações percebem que as pressões antrópicas causam o desaparecimento de espécies típicas do Cerrado goiano.

Nesse âmbito, entidades como a Articulação Pacari⁷, que desenvolvem pesquisas populares, capacitações e articulações políticas em defesa dos conhecimentos medicinais populares são importantes aliados na resistência cultural e conservação ecológica.

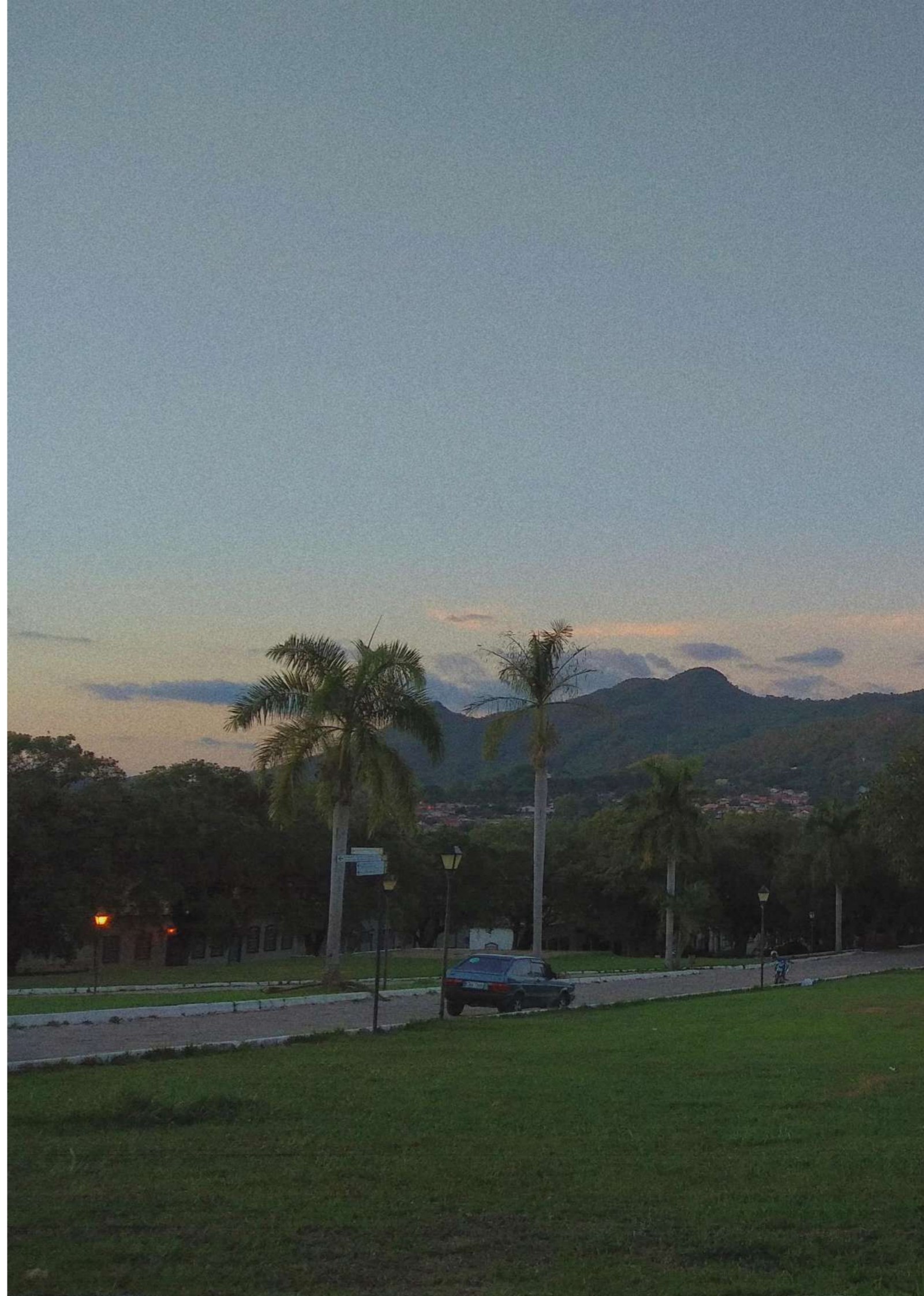
⁵ A Rede Cerrado é uma articulação de mais de 50 entidades da sociedade civil na defesa do território, da cultura, biodiversidade dos cerrados brasileiros e seus povos.

⁶ Cerratense = “do Cerrado”, termo cunhado pelo historiador goiano Paulo Bertran (1948) e pelo fotógrafo Rui Faquini (1943).

⁷ Rede socioambiental formada por organizações comunitárias que praticam medicina tradicional através do uso sustentável dos recursos naturais do bioma Cerrado. As organizações participantes representam principalmente mulheres agricultoras, extrativistas, assentadas da reforma agrária, indígenas, quilombolas, agentes das pastorais da saúde e da criança, que se auto identificam como “raizeiras” (Texto retirado do website da entidade).

Com a fitoterapia podemos nos aproximar das pessoas, dos grupos organizados, de movimentos populares, uma vez que trabalhamos com uma necessidade sentida na pele de cada pessoa: a saúde. Nós acreditamos que mais importante que o poder de cura das plantas medicinais é seu poder de valorização das pessoas que lidam com esse saber, de permitir que elas possam resgatar todo um conhecimento sobre as doenças e como tratá-las, a partir da visão popular. Isso vai motivá-las a, junto de sua comunidade, buscar meios para conseguir as transformações necessárias para melhoria das condições de vida, tão importantes para se ter saúde. (QUEIROZ et al., 1998, p. 4-5)

Como corpos e territórios produtores de saúde, a sobrevivência desses povos tradicionais ligados à terra está atrelada às “farmácias vivas” encontradas na natureza, onde a saúde está na terra, no alimento, na água, no se relacionar com o outro, nas celebrações e rituais. Assim, o uso de plantas medicinais no cuidado com a saúde representa a resistência de uma tradição ancestral no território onde a utilização de fitoterápicos melhora a atenção à saúde, fortalece a agricultura familiar, gera empregos e renda de forma sustentável.



3.1 Entre morros

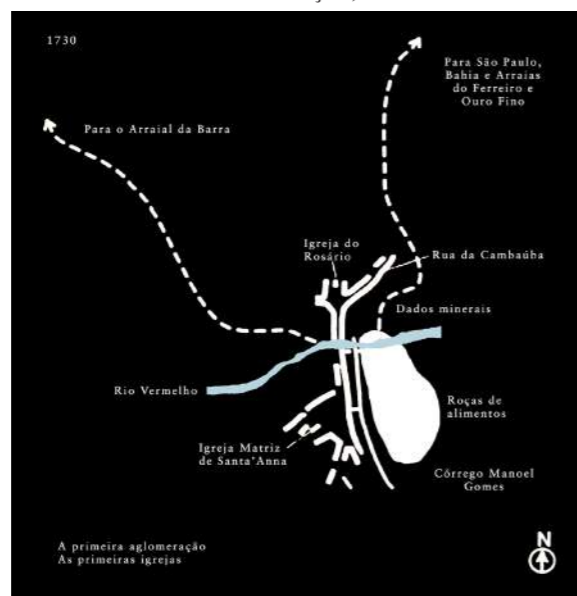
Em meados de 1720, o bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho é enviado pelo governo de São Paulo para localizar a terra que seu pai, o Anhanguera, estivera quarenta anos antes. Então, em 1726 o Anhanguera Filho funda o Arraial da Barra, atual Buenolândia, e no ano seguinte funda o Arraial de Sant'Anna, atual cidade de Goiás, às margens do Rio Vermelho. A cidade cresceu entre morros acompanhando o Rio Vermelho, na margem direita, os morros do Cantagalo e de Santa Bárbara, e na margem esquerda os morros Dom Francisco e do Chapéu do Padre. No novo conjunto urbano da cidade mineradora que se configurava, o lado em relação ao corpo d'água indicava distinção social.

Na atualidade, a paisagem do sítio histórico é resultado de seu complexo processo histórico de formação em decorrência da “exuberante riqueza aurífera, da poderosa centralidade política do estado de Goiás, da decadência da transferência da capital e do ressurgimento do *glamour* com o título de Patrimônio Mundial da UNESCO” (MAGALHÃES FILHO & OLIVEIRA, 2012, p. 32).

Sem dúvida foi o ouro que estruturou a Cidade de Goiás, e muito da sua paisagem atual, são marcas do passado histórico da cidade. Vieram os conflitos étnicos: brancos, índios e negros, gerando mulatos, cablocos e cafuzos, ocasionando uma mistura de saberes na sociedade goiana, que refletem até hoje na arquitetura, na culinária, no modo de contar um “causo”, costumes e hábitos ainda presentes no cotidiano vilaboense. (MAGALHÃES FILHO & OLIVEIRA, 2012, p. 34)



Figura 15: Primeiro assentamento dos bandeirantes à procura de ouro a partir da demarcação das datas de mineração, no ano de 1730.



Fonte: MARTINS, 2004. Modificado por LIMA, 2021.

O conjunto urbano, herança do século XVIII, com arquitetura barroco-colonial levou ao tombamento do centro histórico pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN) em 1951/1978 e rerratificado em 2004, além do reconhecimento como Patrimônio Mundial, em 2001, pela UNESCO. Com conflitos sociais, simbólicos e estéticos que fora desenhada, a paisagem cênica é resultante da interação entre a arquitetura colonial e a natureza exuberante que a cerca, também teve grande importância no reconhecimento do título de Patrimônio Mundial (MAGALHÃES FILHO & OLIVEIRA, 2012).

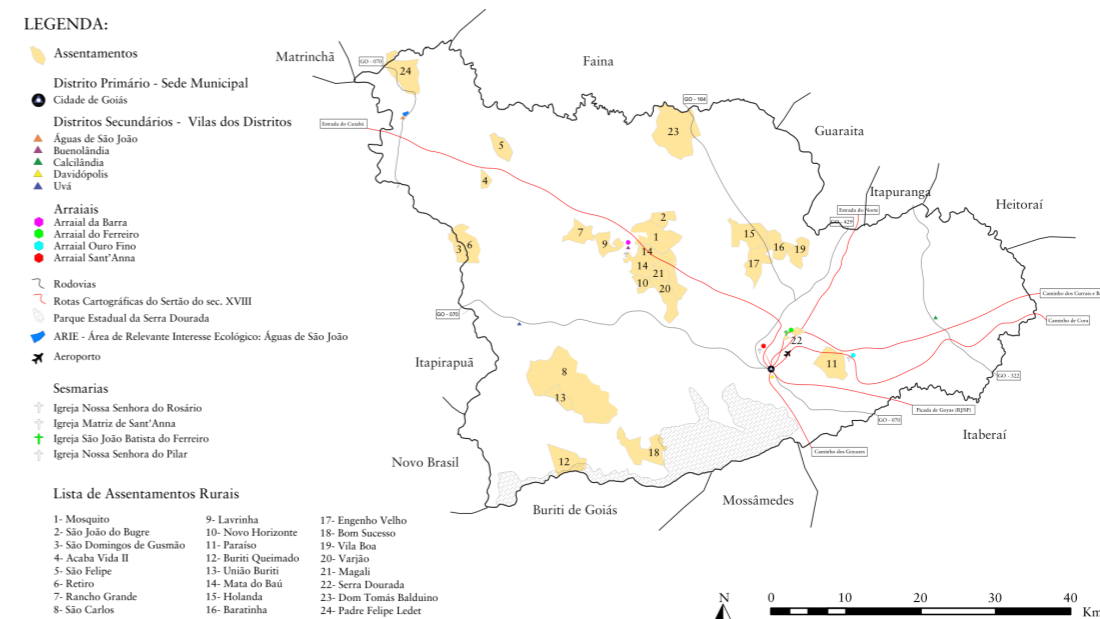
A cidade encontra-se no meio de árvores de pequeno porte e retorcidas, típicas do Cerrado, as linhas tortas da cidade de Goiás foram desenhadas em relevo acidentado, abraçadas harmonicamente pela Serra Dourada. [...] Vila Boa, nasce do seio do rio Vermelho, berço do ouro de aluvião, fez o homem branco desbravar os rincões sertanejos, desenhando na tela verde da exuberante natureza, rabiscos de uma arquitetura colonial, o que seria considerado no século XX: Patrimônio da Humanidade. (MAGALHÃES FILHO & OLIVEIRA, 2012, p. 33)

A cidade de Goiás se relaciona com uma rede muito mais extensa de centros urbanos, povoados, arraiais e atuais distritos que fizeram parte de caminhos coloniais dos sertões. Atualmente o município possui um distrito primário e três secundários, sendo eles Goiás, Águas de São João, Davinópolis e Buenolândia, respectivamente. Estão localizados ainda no município os arraiais do Ferreiro e do Ouro Fino, que remontam ao

século XVIII, além de vinte comunidades rurais e assentamentos⁸.

O município localizado no Planalto Central brasileiro está inserido na microrregião do Rio Vermelho⁹, contando com uma população estimada de 22.122 pessoas (IBGE, 2021) e extensão territorial estimada de 3.108,020 km² (IBGE, 2020). Está situado na bacia do Rio Vermelho, que perfaz uma área de 2.107 km², e tem como principais corpos d' água que norteiam o desenvolvimento do território: Vermelho, Uru, Ferreiro, Uvã e Peixes. E os principais ribeirões são: Bagagem, Pedro Luduvico, Bugre, Bacalhau e Caiamar, o que faz com que o município seja privilegiado em relação a recursos hídricos. No limite municipal com Mossâmedes, na porção sul de seu território, possui parte do Parque Estadual da Serra Dourada, que marca a paisagem da cidade. Ademais, possui uma Área de Relevante Interesse Ecológico (ARIE) e seu perímetro urbano está dentro de uma Área de Preservação Ambiental (APA).

Figura 16: Mapa de caracterização do município de Goiás.



Fonte: Mapa desenvolvido pela discente Victória Malta Canello na disciplina do 8º período URBANIZAÇÃO EM CIDADES PEQUENAS E MÉDIAS da Universidade Federal de Goiás (UFG), 2020.

⁸ Sendo eles: São João do Monte Alegre, Estiva, Mata do Baú, Caiapó, Cristal, Uru, Bom Sucesso, Estrela, Colônia de Uvã, Ruã, Setor Aeroporto, Setor Rio Vermelho, Setor Santa Bárbara e Mossâmedes, e os Pré-assentamentos de Santa Marta, São João do Bugre, Mosquito, Dom Tomás, Paraíso e Padre Felipe Leddet.

⁹ A microrregião do Rio Vermelho é composta por nove municípios sendo eles: Aruanã, Britânia, Matrinchã, Araguapaz, Santa Fé de Goiás, Itapirapuã, Faina, Jussara e Goiás. Esse conjunto geográfico foi definido a partir de similaridades em aspectos econômicos e sociais.



mão para o restabelecimento de sua saúde ou prevenção de doenças” (ARAÚJO, 2004, p. 58, grifo do original). Assim, o arcabouço da medicina rústica é compreendida como “o resultado de uma série de aculturações da medicina popular de Portugal, indígena e negra” (ARAÚJO, 2004, p. 55).

Araújo, a partir de estudos acerca do histórico da medicina através dos milênios, encontra três estágios do conhecimento, sendo eles: mágico, religioso e empírico. Assim, como divisão para a medicina rústica adota medicina mágica, medicina religiosa e medicina empírica (ARAÚJO, 2004), embora afirme que:

A nossa divisão é mais para finalidade didática, não é estanque, e suas linhas divisórias não são intransponíveis: ora um remédio pode situar-se na medicina religiosa, outras vezes na mágica, bem como na empírica. As doenças e suas causas nos induzem a saber melhor qual o tipo de medicina onde as classificamos. (ARAÚJO, 2004, p. 56)

Na comunidade de Goiás há vinte e oito praticantes da benzedura (Ver Tabela 02), ramificação da medicina mágica, em que utilizam a técnica da reza, gesto e oração em seus trabalhos. Do total, dez rezadeiras estão distribuídas na urbe, quatorze benzedoras na sede do município e quatro na zona rural, com predominância de pessoas do gênero feminino. A distribuição espacial dessas sujeitas no perímetro urbano apresenta concentração em bairros como o Santa Bárbara, o antigo Chupa Osso. Contudo, o quantitativo de detentores do saber não corresponde aos praticantes que continuam exercendo o trabalho, tendo como principal motivo indicado a idade avançada da maioria. Derci Felipe de Assis¹⁰, filha e neta de benzedora, é praticante da benzedura há trinta anos e conta que embora o conhecimento neste caso tenha atravessado mais de cem anos por meio de três gerações, há a preocupação com a preservação da prática, uma vez que o envolvimento das novas gerações na manutenção dos saberes mágicos têm caído em decorrência da diminuição da fé da comunidade.

No Candomblé e na Umbanda, dentro da medicina religiosa, a utilização de ervas remonta à herança de africanos trazidos ao Brasil durante o período da escravidão que obtiam na natureza a única fonte para a cura de enfermidades e a continuação do exer-

¹⁰ Relato dado em setembro de 2021 em sua residência, no perímetro urbano do município, durante uma visita para realizar a benzeção.

cício de sua fé. Em Goiás há cinco terreiros de Umbanda e um de Candomblé de Angola, em que os “sacerdotes/líderes” são responsáveis pela preparação de ervas e sua utilização está associada a rituais como o contato com Orixás e outras entidades espirituais, a preparação de banhos para cura de doenças, melhora da sorte, entre outros (CAMPOS, 2013). A distribuição geográfica tanto dos praticantes da medicina mágica quanto da religiosa está concentrada em bairros periféricos do perímetro urbano, a hipótese para isso é o preconceito, racismo e desvalorização com relação a essas práticas que acabam levando os sujeitos para as margens.

Como visto anteriormente, no recorte espacial do estudo há a manifestação dos três tipos de medicina (mágica, religiosa, empírica), com uma cultura imaterial rica e diversa composta por rezas, festas, saberes, entre outros. Entretanto, o presente trabalho terá como foco a medicina empírica, com especial interesse na fitoterapia, em decorrência de ser “a mais largamente empregada, é mesmo a parte mais importante da farmacopeia folclórica. Ela está também presente na medicina mágica, bem como na religiosa” (ARAÚJO, 2004, p. 146), afirmações verificadas durante o processo de pesquisa de campo, acompanhando coleta de espécies, preparo de remédios, etc. Assim, compreende-se a medicina empírica como:

[...] a que se utiliza das ervas, das comidas especiais, das massagens, dos banhos, dos excretos, com o fito de restabelecer a saúde. A fitoterapia é largamente utilizada: das plantas, todas as partes, de umas as raízes, de outras, o caule, a casca, folhas, flores, frutos, sementes e resinas. (ARAÚJO, 2004, p. 134)

Figura 19: Pontos de comercialização de fitoterápicos em Goiás. A esquerda, a Casa das Raízes. A direita, a Casa São Jorge Cachaçaria Dona Helena, ambos localizados no Mercado Municipal.



Fonte: LIMA, 2021.

Tabela 02: Medicina rústica, suas divisões, seus remédios ou técnicas empregados e os oficiais ou agentes da cura.

MEDICINA RÚSTICA		
Medicina mágica		
	TÉCNICAS OU REMÉDIOS EMPREGADOS	OFICIAIS
BENZEDURA	Reza, gesto, oração	Curador, Curador-de-cobras, Rezador, Benzedor, “Benzinheira”
SIMPATIA	Práticas, gesto, palavra, Transferência, Açoterapia, Sus-to	Comadre, “Assistente”, “Os mais velhos”, Pais
PROFILAXIA MÁGICA	“Relique”, patuá, bentinho, amuleto, santinho, talismã	
TORÉ	Adivinhação mágica, procura do nome da moléstia, Defumação, Uso de ervas	Presidente do toré
CATOLICISMO BRASILEIRO OU DE FOLK	Promessa, romaria, novena, confissão	Santos e divindades, padre, beate e milagreiro
Medicina religiosa		
	TÉCNICAS OU REMÉDIOS EMPREGADOS	OFICIAIS
CANDOMBLÉ	Adivinhação simbólica, procura da divindade ofendida para homenageá-la	Pai ou mãe-de-santo
	Terapêutica ritual	Xapanã
Medicina empírica		
	TÉCNICAS OU REMÉDIOS EMPREGADOS	OFICIAIS
FITOTERAPIA	Chazinho, Mezinha, Lamedouro, Garrafada, Cataplasma, Tópico - unguento, Purgante, Vomitório, Suadouro	“Doutor de raízes” Comadre
EXCRETOTERAPIA	Fezes, saliva, leite, cera do ouvido	“Entendidos” “Os mais velhos”
DIETA	Comidas especiais, alimentos proibidos, quentes ou frios, “carregados”	
BALNEOTERAPIA	Banho externo e interno, “ajuda”	
SANGRIA	“Bichas”	Barbeiro
PIRÓTICA	Brasas	O interessado
PINGATERAPIA - panacéia folclórica	Curtimento, Mistura, Massagem, Inalação	

Fonte: ARAÚJO, 2004, p. 59-60

A construção deste acervo documental das práticas com plantas medicinais na cidade de Goiás só foi possível pela colaboração e contribuição de um grupo de pessoas, carinhosamente nomeado de constelação. Essa constelação é ligada por linhas imaginárias que compartilham entre si como qualidade comum as relações próximas que estabelecem com a paisagem enquanto patrimônio, formando um mapa de saberes.



3.2 Semeadura

O primeiro passo para a colheita é o reconhecimento e a preparação do solo, e em seguida, a sementeira. Durante o período de dezembro de 2018 à março de 2020 foi pesquisado¹¹ o antigo Arraial da Barra/GO, atualmente distrito primário de Buenolândia, assumindo os habitantes do Arraial da Barra como narradores e protagonistas da própria história. Com objetivo central de investigar a dinâmica cultural e socioespacial do habitar e da memória sertaneja goiana, foram contadas de forma não linear as histórias de Dita, Amélia, Vaninha e Francisca (LIMA, 2020), sujeitas dessa comunidade, por meio de imagens, signos e linguagens pertencentes a cultura cotidiana do Arraial.

As sujeitas apresentadas desempenham papel importante na estrutura social da comunidade em que estão inseridas, transformando a realidade com seu protagonismo, onde a dinâmica cultural e as relações socioespaciais constituem partes do sentimento de pertencimento ao todo. No quintal da casa de Dona Francisca (*In memoriam*) aconteciam reuniões dos grupos da Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás (Regional Rio Vermelho), ligada à Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino, onde promoviam-se as trocas de saberes e fazeres acerca do saber popular em saúde sobre plantas medicinais do Cerrado, contribuindo para a transmissão do saber tradicional.

Sob o lema da Pastoral “O povo planta saúde”, os grupos desenvolvem ações como debates e discussões a partir da interação entre saberes, educando e promovendo o conhecimento ancestral sobre as plantas por meio da educação e o incentivo de plantio de hortas caseiras e medicinais para consumo e produção de medicamentos naturais, buscando fortalecer, assim, o trabalho coletivo, a cidadania e o protagonismo da mulher sertaneja, no cuidado com o Cerrado e seu elo com o outro (LIMA & FARIA, 2020).

Como resultado da pressão e da articulação política da associação de moradores e cole-

¹¹ Como atividade do projeto de extensão “Casa de Tradições e Paisagens do Cerrado”, sob coordenação da Prof^a Me. Luciana Helena Alves da Silva em um processo investigativo dentro de seu projeto de pesquisa de doutorado em Geografia (IESA/UFG) em andamento intitulado “O Habitar e a Memória em Terras da Santa: Ancestralidade no Arraial da Barra, na Cidade de Goiás/GO”.



tivo de mulheres da Buenolândia, da Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás e da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino, em 02 de junho de 2019, foi sancionado e publicado o projeto de Lei 224 que reconhece como política pública os saberes tradicionais e as práticas de saúde popular em um Programa Municipal de Prática Integrativas e Complementares de Saúde (PMPICS) junto ao Sistema Único de Saúde (SUS). O projeto de lei reconhece o trabalho dos grupos no âmbito municipal da saúde, em que se lê no Art. 2º:

O Programa Municipal de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde - PMPICS do Município de Goiás, tem como objetivo promover a implantação de políticas e diretrizes para as áreas de Acupuntura, Fitoterapia (Fármacia Verde), Florais de Bach, Yoga, Práticas Corporais, Terapia Comunitária, massagem, auriculoterapia, massoterapia, arteterapia, tratamento termal e tratamento naturopático e outras, de acordo com a vocação da sociedade vilboense, incluindo as práticas que possam vir a ser incorporadas pela Política Estadual da Secretaria de Saúde do Estado de Goiás, Lei 16.703/2009 e pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do Ministério da Saúde.

Paralelamente, na disciplina obrigatória Projeto Arquitetônico IV, do curso de Arquitetura e Urbanismo, foi desenvolvido um projeto básico de Unidade Básica de Saúde¹², tipo 1, localizada no bairro Rio Vermelho, na cidade de Goiás. Na intervenção projetual foi proposta a articulação entre o programa arquitetônico de saúde e o projeto paisagístico com plantas medicinais utilizadas na região, de maneira que a promoção da saúde, objetivo da Unidade Básica de Saúde, estivesse presente nas diferentes zonas de intervenção, consolidando assim, diálogos com a população sobre a manipulação de remédios com plantas medicinais, alimentação saudável, cultivo de hortas, políticas públicas, espiritualidade e o território do Cerrado.

As informações das espécies vegetais utilizadas na medicina local, bem como a indicação de seus usos, foram retirados da cartilha “Nossas Plantas, Nossa Saúde” (Figura 20), publicada em 1998 e distribuída gratuitamente pela Casa como uma ferramenta de aproximação da população da saúde de maneira acessível. Para além da contribuição na ampliação da compreensão acerca da saúde, o uso de plantas medicinais está atre-

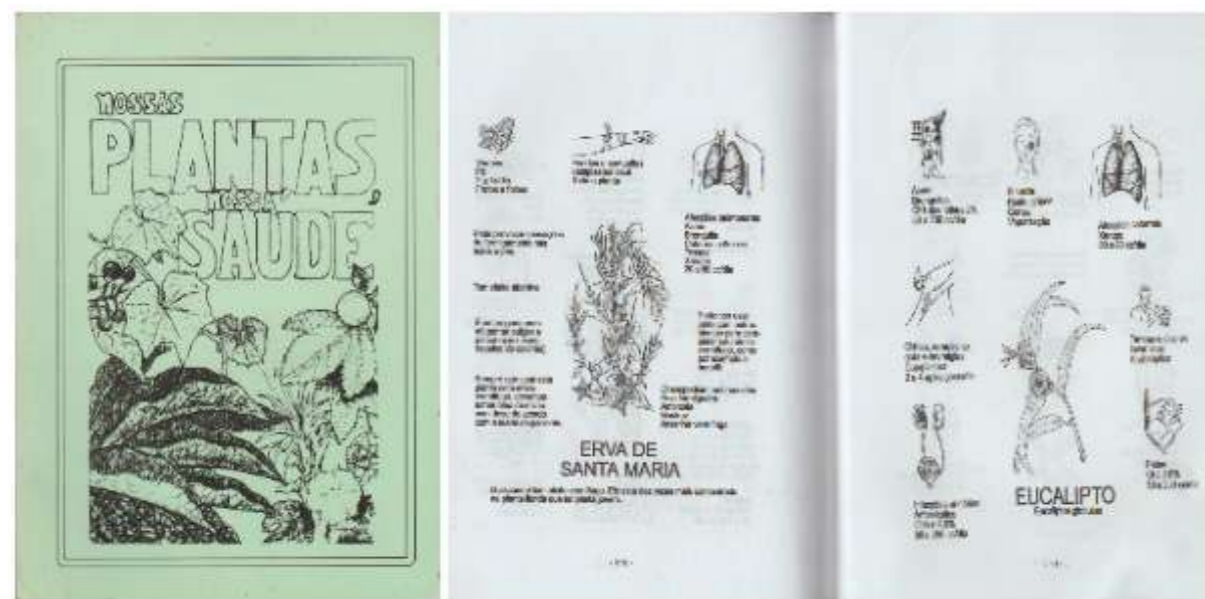
¹² As Unidades Básicas de Saúde (UBS) fazem parte da Política Nacional de Urgência e Emergência, lançada pelo Ministério da Saúde, estruturando e organizando a rede de urgência e emergência no país, para integrar a atenção às urgências. A atenção primária é constituída pelas Unidades Básicas de Saúde (UBS) e Equipes de Saúde da Família.



lado à valorização da vida das pessoas e de suas comunidades, com o empoderamento de seus saberes e ações em educação ambiental. O contato com a cartilha, para elaboração do quadro de espécies¹³ do projeto paisagístico tendo como critério a relevância das plantas para a comunidade e suas propriedades medicinais, mostrou que esse saber tradicional está inserido em uma rede que fortalece o sentido de comunidade, construindo pontes culturais com as tradições medicinais de uso de espécies nativas.

Saúde é o completo bem-estar físico, psíquico e social. Isso depende de fatores como: alimentação, terra, sistema de saúde, moradia, saneamento básico, leis (e cumprimento delas), costumes, educação, família, organização, comunicação, recreação, produção econômica etc. (QUEIROZ et al., 1998, p. 04)

Figura 23: À esquerda, a cartilha “Nossas plantas, nossa saúde” publicada em 1998. À direita, conteúdo da cartilha “Nossas plantas, nossa saúde” com ilustrações das plantas e suas indicações de usos medicinais.



Fonte: QUEIROZ et al., 1998.

A observação participante, método utilizado nas pesquisas mencionadas e que pretende-se aplicar no desenvolvimento deste trabalho, implica, necessariamente, numa dedicação de tempo na comunidade estudada para que se construam laços de confiança. O trabalho que vinha sendo realizado desde 2018 permitiu a aproximação junto aos grupos da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino e da Pastoral da Saúde

¹³ Na lista de espécies utilizadas no projeto estão: alecrim, angico branco, aroeira salsa, calêndula, camomila, copaíba, ipê-roxo, jalapa, sabugueiro e sálvia (Ver Anexo A).



e a inserção do pesquisador no universo cultural dos saberes tradicionais acerca de plantas medicinais na cidade de Goiás.

O longo tempo neste percurso possibilitou acompanhar a atuação diária dessas sujeitas como a produção de remédios, a troca de saberes, a venda de produtos e a identificação da posição de destaque que possuem em decorrência dos anos de ações realizadas no âmbito da promoção do acesso popular à saúde tanto na sede do município como nas comunidades rurais atendidas. Em suma, os dezesseis meses de campo acompanhando a rotina dos grupos, criando vínculo e confiança mútua, possibilitaram construir um conhecimento geral sobre o comportamento e a ação dos grupos que pretendo detalhar nos capítulos seguintes. O estudo de uma comunidade não possui um ponto final e o contato diário mostrou entrelaçamentos de paisagens ainda desconhecidas. A semente havia sido feita, agora surgem as raízes.



3.2.1 Dona Maria

A proximidade com o universo das plantas medicinais na cidade de Goiás anterior ao desenvolvimento da atual pesquisa, a corrente atividade de campo e o constante diálogo com a comunidade permitiram a compreensão da importância de articuladores, como Maria Luíza da Silva Oliveira (Ver Apêndice A). Dona Maria, como é conhecida, junto às outras mulheres da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino, como Vera Lúcia Antônia dos Santos Lobo (Ver Apêndice B) e Gislene Ribeiro Caldas Ferreira¹⁴, desempenham papel de articuladoras “na difusão desse conhecimento tradicional e são responsáveis pela valorização das práticas das comunidades rurais onde desenvolvem rodas de conversa e trocas de experiências” (LIMA & FARIA, 2020, p. 10). Com relação à importância dessa rede de relações para a compreensão do patrimônio, Fonseca (2003 apud AMARAL, 2015, p. 50) afirma que:

a perspectiva de apreender a cultura a partir de uma dimensão valorativa e referencial como uma forma de orientar a gestão patrimonial desloca o foco dos bens em si para a dinâmica social de atribuição de valores, o que significa, por um lado, buscar formas de se aproximar do ponto de vista daquelas/es que vivenciam diretamente as práticas culturais patrimonializadas e, por outro, trazer à arena decisória novos sujeitos e suas perspectivas como especialmente relevantes na delimitação e gestão sobre o patrimônio cultural brasileiro. (AMARAL, 2015, p. 50)

Figura 27: Rotina de trabalho na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino.



Fonte: LIMA, 2021.

¹⁴ A equipe é responsável pela manipulação e produção dos remédios e atendimento ao público. Vale ressaltar que as interlocutoras autorizaram a utilização dos nomes.



Raizeira filha de pequenos agricultores, Maria Luíza da Silva Oliveira nasceu na Fazenda Gongomé em 30 de março de 1944, próximo da cidade de Itaberaí, distante 41 km de Goiás. Licenciada em pedagogia pela Universidade Federal de Goiás, trabalhou na rede estadual de educação durante trinta anos e na Secretaria de Saúde Estadual, essa responsável por sua formação em saúde pública. Após a aposentadoria do serviço público, se dedicou a aprofundar seus conhecimentos sobre plantas medicinais, tradição herdada de suas bisavós. Militante das causas sociais e ambientais, é coordenadora da Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás Regional Serra Dourada desde 1995 e teve papel importante na fundação da Casa da Agricultura Dom Tomás Balduino em 2004, criada como consequência do trabalho realizado nas comunidades atendidas pela Pastoral da Saúde. Desde julho de 2021 é presidenta do Conselho Municipal de Saúde em Goiás.

Dona Maria junto aos grupos da Casa e da Pastoral atua no município de Goiás sendo responsável pela mudança social nas vinte e uma comunidades rurais atendidas através da “conscientização da população acerca da luta pela garantia de seus direitos por melhores condições de vida, e acesso a recursos fundamentais para que isto ocorra: terra, água, trabalho, moradia, alimentação de qualidade, entre outros” (LIMA & FARIA, 2020, p. 7). As ações em política social, cidadania e cultura como palestras e oficinas com foco em plantas medicinais e alimentação natural e de baixo custo, numa visão política e econômica que prioriza os aspectos sociais contribui para a resistência cultural à medida que constrói espaços de trocas de saberes tradicionais acerca das práticas com plantas medicinais (LIMA & FARIA, 2020).

Uma das autoras da Farmacopéia Popular¹⁵, referência bibliográfica importante para esse trabalho, Dona Maria enquanto educadora popular ensina lições importantes como o papel importante da educação como ferramenta de transmissão do legado desses povos e que as práticas medicinais com plantas oferecem melhorias significativas na vida das pessoas. Guardiã do patrimônio em decorrência de seus trabalhos que en-

¹⁵ Publicação resultante de uma pesquisa popular de plantas medicinais, de autoria de 262 autores sociais, entre raizeiros, raizeiras e representantes de farmácias caseiras e/ou comunitárias, que visa o incentivo à prática da medicina tradicional e salvaguarda dos saberes sobre o uso e manejo sustentável de plantas medicinais. (DIAS & LAUREANO, 2009)

volve cuidar da paisagem, ensina ainda a necessidade de reconhecer a responsabilidade desta geração com as futuras, e que o modelo predatório do território desconhece a importância do Cerrado, esgotando a natureza. Essa ligação com o território pode ser definida como topofilia, definida por Tuan (1974) como o “elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vívido e concreto como experiência [...]”(TUAN, 1974, p. 5).

A experiência está voltada para o mundo exterior. Ver e pensar claramente vão além do eu [...] A experiência tem uma conotação de passividade; a palavra sugere o que uma pessoa tem suportado ou sofrido [...] Assim, a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado a criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é constructo da experiência, uma criação de sentimento e pensamento. (TUAN, 1983, p. 10)

Acompanhar seu cotidiano de trabalho com plantas medicinais permitiu experienciar a preparação e realização de oficinas no âmbito dos saberes medicinais do Cerrado (Ver Apêndice C), a ida em campo para coleta de plantas, o manejo, armazenamento das ervas e posterior preparação dos remédios, além disso, foi possível também acompanhar a rotina de trabalho na Casa no atendimento às pessoas que envolve quase sempre uma conversa sobre os hábitos e a rotina de cuidado com a saúde e a recomendação de práticas a fim de restaurar a saúde física, mental e espiritual.

Figura 29: Maria Luíza durante o trabalho de campo coletando plantas medicinais para o preparo de remédios.



Fonte: LIMA, 2021.

Aprendi que o manuseio de plantas deve ser feito com o coração e pensamentos bons, a energia colocada na preparação dos remédios vem da intenção de quem o faz, assim, na solidariedade com o outro é possível promover a cura física e espiritual, sendo necessária generosidade com as questões do outro e honrar de onde vem esses saberes. Assim, submeter-se ao tempo do outro com paciência é uma peça fundamental para o percurso etnográfico com as experiências dos interlocutores e a generosidade de Dona Maria em transmitir seus saberes contribui para a conservação destes no transcorrer do tempo sobre a memória.

Figura 30: Dona Maria mostrando as plantas que possui no quintal de sua casa, em Goiás.



Fonte: LIMA, 2021.

Entendendo que o maior patrimônio são as pessoas, a pesquisa encontrou na extensão a forma de colocar a universidade em diálogo com a comunidade, e que criar uma relação de confiança leva tempo, e depende da curiosidade, escuta, observação, paciência, compaixão, empatia, amor, esperança e coragem. A observação participante permitiu estabelecer diálogos através do entrelaçamento entre teoria e prática de pesquisa com atenção voltada aos saberes que esses sujeitos conseguem costurar em seus cotidianos.

4. RIO VERMELHO

O setor Rio Vermelho foi estabelecido através do parcelamento de uma fazenda nos arredores do Centro Histórico da cidade de Goiás. Antiga propriedade de Osmar Gonçalves Versíssimo, Orúdio Ferreira Adorno e Aécio de Assis Adorno, a fazenda possuía área de 418.794m² (41,28 ha), e foi parcelada em 36 quadras e 585 lotes a partir do decreto nº 28 de 25 de novembro de 1988, assinado pelo então prefeito Adelis Aguiar. Assim, os lotes do parcelamento foram vendidos segundo a legislação, consolidando-se um setor à oeste do perímetro urbano do município de Goiás.

A implantação deste setor fez parte de expansões significativas que ocorreram na década de 1980 no que diz respeito à formação de loteamentos populares no município, como Vila Iracy (atual Jardim das Acácias), promovido por particulares, e setor Aeroporto, promovido pelo poder público, tal como o Rio Vermelho (SANTANA, 2003 apud RAMIRES, 2019). Assim, em relação a ocupação do sítio, o setor Aeroporto ocupa o platô superior, plano e longilíneo; enquanto o Rio Vermelho, implantado na encosta em declive rumo a norte, forma o vale do Rio Vermelho (RAMIRES, 2019).

Embora ambos apresentem morfologia similar em malha retangular - característica dos parcelamentos para habitação popular projetados e empreendidos pelo Poder Público nas décadas de 1980 e 1990 - o projeto e implantação do setor Rio Vermelho seguiu uma estratégia diversa da promovida pela Administração Pública em outros setores, quando se implantou o loteamento sem a edificação de residências padrão. O projeto do parcelamento do Rio Vermelho também desconsiderou algumas características topográficas e hidrográficas locais, como levanta Ramires (2012). Desta forma, a desconsideração dessas condicionantes naturais do terreno desencadeiam em fragilidades no loteamento, uma vez que repercutem em deficiências infraestruturais e intensificam situações de segregações socioespaciais no setor.

Os diferentes grupos sociais estão inseridos no setor Rio Vermelho de acordo com a valorização fundiária, que por sua vez está diretamente ligada às condições infraestru-

turais e potencial construtivo. Segundo Almeida (2004), pode-se perceber três partes distintas, de acordo com as condições topográficas locais; uma área adjacente ao setor Aeroporto, porém separada por um aterro que prejudica a conectividade entre os setores, seguido de outra região de parcelamento mais recente (2010-2015), com predominância de vazios urbanos, no entanto percebe-se um padrão construtivo mais elevado que o restante do setor, que indica a presença de moradores de maior poder aquisitivo na última década. A terceira fração encontra-se a jusante da encosta, onde Almeida (2004) caracteriza como área de maior atenção, visto que o desenho urbano não se adapta às condições topográficas e demais elementos geográficos. Um dos elementos naturais é o rio Vermelho, rodeado pela Área de Preservação permanente conforma o limite natural do setor Rio Vermelho com o setor Bauman (Figura 31).

Figura 31: Localização e setores limítrofes do setor Rio Vermelho, Goiás.



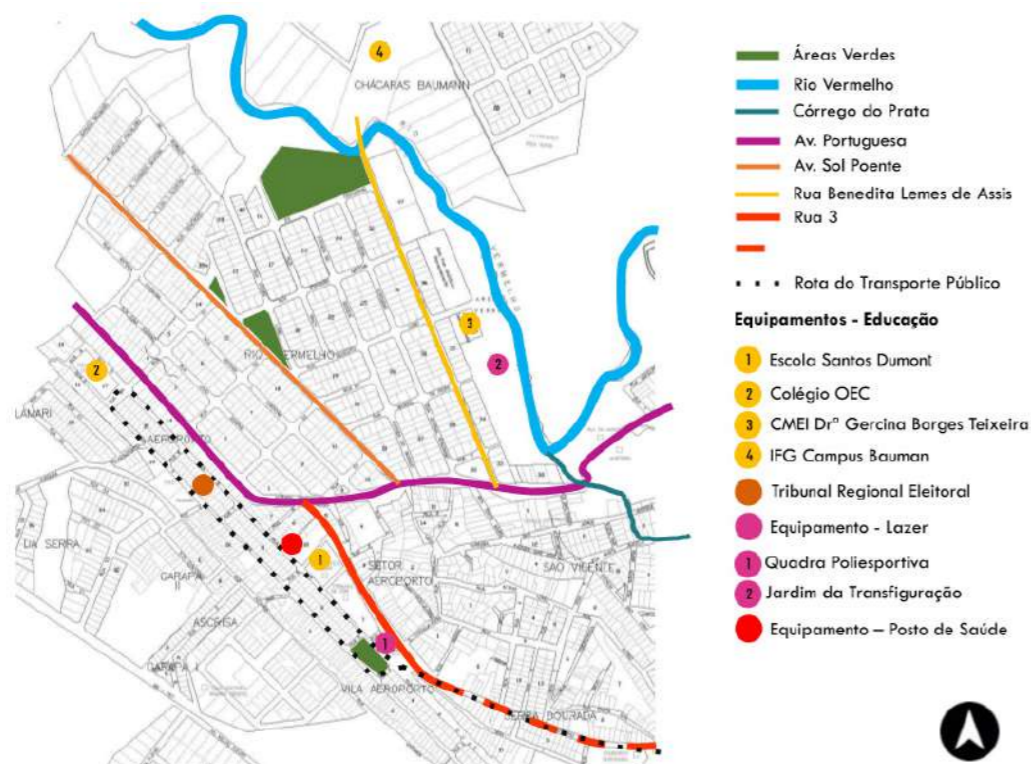
Fonte: Mapa desenvolvido pelos discentes Felipe Oliveira, Izabella Abdala, Isadorah Rodrigues, Maryana Freitas, Steffania Alecrim e Victória Alves na disciplina do 4º período PROJETO ARQUITETÔNICO IV da Universidade Federal de Goiás (UFG), 2019. Modificado por LIMA, 2022.

Entre 2014 e 2017, esse setor vizinho recebeu a construção da sede do Instituto Federal de Goiás (IFG), o conjunto de blocos que é quase imperceptível na paisagem quando se olha a partir do centro histórico, causou uma grande mudança na paisagem da perspectiva dos setores periféricos, principalmente do setor Rio Vermelho. A construção da ponte próxima ao instituto, que atravessa o Rio e vence o limite natural entre os dois setores, também cria novos fluxos para o rio Vermelho e diminui sua distância do

centro histórico.

Apesar dos novos olhares e fluxos trazidos ao setor Rio Vermelho desde a construção do IFG, o setor ainda carece de outros equipamentos públicos consolidados no perímetro do bairro, como de saúde e lazer, o que sobrecarrega os equipamentos de setores vizinhos, à exemplo do Setor Aeroporto e sua UBS, como percebe-se através da Figura 32 em que foram levantados e demarcados os equipamentos públicos da região.

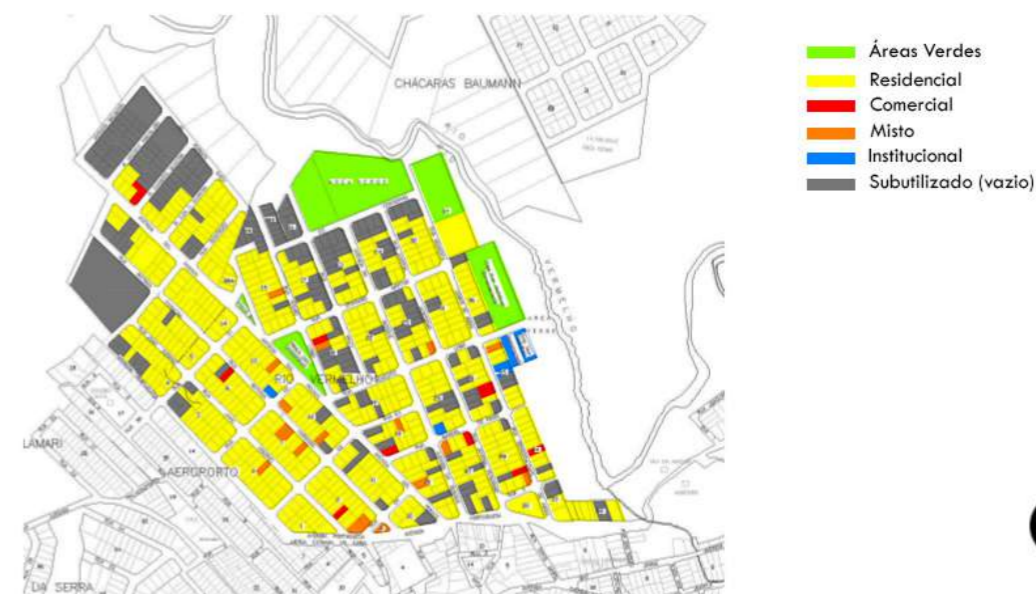
Figura 32: Principais elementos viários e equipamentos públicos do setor Rio Vermelho, Goiás.



Fonte: Mapa desenvolvido pelos discentes Felipe Oliveira, Izabella Abdala, Isadorah Rodrigues, Maryana Freitas, Steffania Alecrim e Victória Alves na disciplina do 4º período PROJETO ARQUITETÔNICO IV da Universidade Federal de Goiás (UFG), 2019. Modificado por LIMA, 2022.

Além disso, observa-se na indicação do uso do solo na Figura 33, que o setor é predominantemente residencial, com pequenas unidades comerciais dispersas, o que evidencia que há ainda um grande fluxo de moradores que se deslocam para outros bairros em busca de comércio e serviços, e indica, também, que possíveis atrativos para moradores de outras regiões são pontuais, o que não gera grande fluxo para o setor.

Figura 33: Mapa de uso do solo do setor Rio Vermelho, Goiás.



Fonte: Mapa desenvolvido pelos discentes Ana Vitória Freitas, Eduarda Barbosa, Gabriel Aires, Lara Silva, Sarah Yasmin e Valéria Ribeiro na disciplina do 4º período PROJETO ARQUITETÔNICO da Universidade Federal de Goiás (UFG), 2019. Modificado por LIMA, 2022.

Os problemas decorrentes da incompatibilidade de seu desenho urbano com os elementos geográficos e a implantação em situação de declive acentuado cria ruas íngremes, dificultando a consolidação de uma infraestrutura urbana, atualmente precária no que diz respeito à pavimentação, ausência de rede de águas pluviais, esgoto e calçadas acessíveis, etc.

Ainda assim, o setor abriga o Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dona Gercina Borges Teixeira, associação de moradores, a praça das Samambaias e o Jardim da Transfiguração que, recentemente, incorporou novos usos junto a Casa Coralinas, sede da associação de artesãs goianas “Mulheres Coralinas”. Percebe-se também, através da Figura 32, a conformação da malha viária do setor com uma predominância de ruas locais, indicativo da sensação de calma relatada por moradores e transeuntes, que caracterizam o setor como tranquilo e de vizinhança acolhedora.



4.1 O Jardim e a memória do lugar

As cidades, sendo sobretudo espaços de agrupamento de seres vivos, possibilitam na escala do cotidiano o entrelaçamento de pessoas e da natureza, assim, espaços livres públicos permanecem em aberto para as constantes apropriações da natureza. Nas fissuras causadas pelas apropriações no cotidiano são percebidas as resistências, entretanto, não bastam frestas mas sim espaços que, em sua apropriação, deslocam as rígidas categorias de patrimônio em que o patrimônio imaterial permanece resistindo como “sistemas de relações sociais e simbólicas capazes de operar uma mediação sensível entre o passado, o presente e o futuro” GONÇALVES (2010, apud GONÇALVES, 2015, p. 216). Logo, a margem não é entendida mais a partir da sua segregação socioespacial, mas sim a partir do seu potencial para abrigar as vozes naturais e socioculturais reprimidas e muitas vezes apagadas, desse modo, parte-se do Jardim da Transfiguração, fundado por Arcelina Helena Públio Dias.

Figura 35: Jardim da Transfiguração



Foto: Lucas Italo Ribeiro Silva, 2018.

Jornalista, escritora, mestre em comunicação, ativista social e viajante, nascida na cidade de São Paulo, São Paulo, em 25 de agosto de 1944, Arcelina Helena Públio Dias¹⁶ se aproxima da cidade de Goiás ao começar a frequentar o Mosteiro da Anunciação do Senhor¹⁷ no início dos anos 2000. Localizado no setor Araguary, o espaço fundado

¹⁶ Informação oral.

¹⁷ Atualmente o Mosteiro da Anunciação do Senhor é administrado pela Diocese de Goiás, que aluga os quartos para visitantes como uma forma de manter o local.

por monges promove atividades com a comunidade tais como oficinas, celebrações e missas, que frequenta regularmente. E então, fascinada pelo trabalho social e espiritual que o Mosteiro desenvolvia, decide se mudar para a comunidade que a acolheu e dá início a um processo de cura e transfiguração após uma grande perda em sua vida.

Figura 36: Atividades realizadas no Mosteiro da Anunciação do Senhor, no setor Araguary, Goiás.



Fonte: Redes sociais Mosteiro da Anunciação, 2016.

Os laços que havia criado ao se estabelecer na cidade e se aproximar da comunidade local a motivam a dar vida ao projeto de um jardim de uso público, distante 390 metros do Mosteiro da Anunciação do Senhor, chamado de Jardim da Transfiguração, fundado mais tarde em 2001, no setor Rio Vermelho, Goiás. O jardim público com dimensão total de 3.200 m², sendo 965 m² são referentes à soma de três lotes e 2.235 m² pertencentes a uma parcela da APP, situada aos fundos.

O local possui três acessos, sendo o principal pela Rua Benedita Lemes de Assis, outro pela lateral com acesso aos fundos do Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Dona Gercina Borges Teixeira e por fim, aos fundos por uma porteira que leva à área restante da APP, com trilha de terra até o Rio Vermelho, apresentando vegetação com características de Mata de Galeria. A morfologia do desenho do Jardim da Transfiguração é marcada por caminhos sinuosos que percorrem o território, impulsionando, devido a sua topografia elevada, diferentes visadas para a paisagem cerratense de Goiás, que não se limitam apenas em enquadrar o território, mas sim em ressignificá-lo.



RUA BENEDITO LOBO

480,00

RUA BENEDITA LEMES DE ASSIS

CMEI
DONA GERCINA

480,00

475,00

AREA
VERDE

AREA
VERDE

490,00

485,00



Figura 38: Esquema conceitual das características ambientais do sítio de intervenção.



Fonte: LIMA, 2022.

As intervenções como a construção de mobiliários, caminhos, canteiros e peças de arte são resultantes dos conhecimentos e mão de obra disponíveis localmente aplicados às características do sítio, envolvendo ainda colaboração coletiva com doações de materiais pela vizinhança e prestadores de serviços como marceneiros e serralheiros.

Com referências dos lugares que sua fundadora visitou, o Jardim da Transfiguração possuía quatro rochas de diferentes colorações, distribuídas em torno da espiral, que indicavam os pontos cardeais, inspirado no Museu Frida Kahlo, antiga residência da artista mexicana, localizada na cidade do México, México. Houve ainda a identificação das árvores existentes no sítio com a ajuda de uma bióloga, atividade que envolveu adultos e crianças do setor, com a confecção de placas de rocha com o escrito referente ao nome popular e o nome científico de cada espécie. Assim, aos poucos e a muitas mãos o espaço vinha sendo ganhando forma coletivamente.

Figura 39: Comunicação para identificação das espécies do Jardim da Transfiguração.



Fonte: LIMA, 2022.

Arcelina conta que o Jardim era frequentado por pessoas de todos os bairros da cidade em virtude das festas e reuniões da comunidade como aniversários, apresentações musicais, missas, entre outras comemorações que ocorriam. As apropriações no lugar eram diversas, aconteciam ainda no quintal, junto a espiral com Pequizeiro ao meio, aulas de poesia e de desenho para crianças. O jardim fundado pela jornalista passa a desempenhar centralidade no que diz respeito à promoção da saúde, cultura e preservação do meio ambiente ao fomentar o convívio social e práticas culturais populares em um espaço livre de lazer junto à natureza. A admiração de Arcelina pela natureza a inspirava a sonhar com um futuro melhor para as crianças e o planeta e seus sonhos inspiravam outras pessoas.

Figura 40: Arcelina contando sobre suas memórias e mostrando fotografias do Jardim da Transfiguração por volta de 2005.



Foto: LIMA, 2022.



O primeiro contato com o espaço livre localizado no setor Rio Vermelho se deu em 2018 e permitiu a descoberta do lugar como importante centralidade na região na promoção da saúde, cultura e preservação do meio ambiente e demonstrou que o equipamento de lazer às margens da cidade fortalece o pertencimento da população moradora do bairro a partir das apropriações que ocorriam como encontros da comunidade em torno de festas populares, aniversários, missas, meditação, entre outras. Assim, Arcelina ao dar iniciativa ao Jardim da Transfiguração, cuja motivação de criação foi atender a necessidade por um espaço que promovesse o convívio sociocultural da população do setor (Ver Apêndice E), cria um jardim público que forma uma rede extensa de pessoas que frequentam o espaço, e por isso, aparece como importante sujeita para a constelação que vem se formando.

Em 2020 o terreno do Jardim da Transfiguração é doado por Arcelina Helena Públio Dias para a associação de artesãs “Mulheres Coralinas” para a construção de sua sede, a “Casa Coralinas”, sob a condição de manutenção das atividades realizadas no Jardim. A Casa Coralinas tem promovido encontros de formações para mulheres na área do artesanato com cerâmicas, bordados e da gastronomia, fomentando o contato com saberes e ofícios tradicionais da cidade de Goiás, além de trabalhar a independência da mulher em aspectos econômicos e sociais, se tornando um ponto de apoio para mulheres de bairros periféricos. Assim, em decorrência da relevância do trabalho que vem realizando no contexto da cidade de Goiás, as Coralinas expandem a constelação.

Figura 42: Mulheres Coralinas promovendo oficina de encadernação artesanal na Casa Coralina.



Fonte: Redes sociais Mulheres Coralinas, 2021.

No ano de 2014, com recursos fornecidos pela Secretaria Especial da Mulher vinculados ao gabinete da então presidenta Dilma Rousseff, foi fundado na cidade de Goiás o projeto Mulheres Coralinas. Gestado e executado pela Secretaria Municipal de Cultura em parceria com o Centro Especializado de Atendimento à Mulher (CEAM) Brasilete Ramos Caiado, o projeto caminhou até 2016 e capacitou 150 mulheres nas áreas de artesanato e gastronomia. O eixo transversal do projeto teve também como atividade a leitura e estudo da vida e da obra de Cora Coralina, artista que serviu de inspiração para o nome do coletivo (PASQUIM FEMINISTA, 2021).

Figura 43: Artesanato produzido pelas mulheres na associação.



Fonte: Redes sociais Mulheres Coralinas, 2021.

Com a finalização do projeto, setenta e uma participantes se unem para formar a Associação Mulheres Coralinas, resultado direto do investimento público da primeira administração petista na cidade de Goiás. Após três anos de trabalho com o Ministério Público do Trabalho do Estado de Goiás (MPT-GO), a associação identifica a necessidade de ampliar suas perspectivas de trabalho, formação e também de espaço para a produção coletiva, dessa forma podendo garantir mais qualidade para os produtos e também qualidade de vida e bem estar para as mulheres que lá trabalham.

A sede¹⁸, dispõe de três espaços: o ateliê de cerâmica, de gastronomia, de encadernação

¹⁸ Tiago Ranieri, procurador chefe do MPT-GO, aprovou o projeto de construção da sede em agosto de 2020. Uma cerimônia simbólica aconteceu em dezembro de 2021, para a entrega de equipamentos ao Coletivo Mulheres Coralinas com a presença de procuradores, desembargadores e da ministra do Tribunal Superior do Trabalho, Delaíde Alves Miranda.



de livros, bordado, costura e de confecção de bonecas, além de um auditório para 100 pessoas. Tudo isso, financiado com o dinheiro recebido de penalizações de empresas que desrespeitam a legislação trabalhista arrecadado pelo MPT-GO. Cora Coralina sendo uma mulher vanguardista, que quebrou barreiras e traçou seu próprio destino se tornou a maior fonte de inspiração para esse projeto. A palavra poética foi o que alimentou seu empoderamento e agora, é o alicerce para a Casa Coralinas.

Figura 46: Fachada da Casa Coralinas, localizada na Rua Benedita Lemes de Assis, nº 05, setor Rio Vermelho.



Fonte: LIMA, 2022.

A construção da sede foi muito importante para garantir que ele perdurasse durante toda a pandemia, as associadas terem um espaço para desempenharem as suas atividades é importante não só por muitas não terem a mesma possibilidade em suas próprias casas, mas também por ser um recinto partilhado e a vida em comunidade representou também a esperança em dias melhores. As associadas acompanharam cada etapa da obra, desde o preparo do terreno com a remoção das pedras até a oficina em que amassa-se o barro com os pés para a confecção dos adobes que foram utilizados na construção. Outras associadas também participaram construindo um muro de pedras e o calçamento de uma via interna que foi batizada de Conceição Rodrigues, Coralina que faleceu durante a pandemia do COVID-19 (PASQUIM FEMINISTA, 2021).

Figura 47: Mutirão de construção do muro de rochas removidas do sítio para implantação da arquitetura.



Fonte: Redes sociais Mulheres Coralinas, 2021.

A associação, além do importante espaço de acolhimento e formação junto à comunidade, desempenha o seu papel político na cidade promovendo atividades culturais que unem as mulheres do coletivo às moradoras fora do Centro Histórico, tornando-se uma importante aliada em uma rede de apoio para mulheres periféricas em posição de vulnerabilidade. A Casa Coralinas ter sido erguida por mulheres em um bairro periférico contribui para a articulação de ações contra-hegemônicas, criando, assim, um espaço de amplificação das vozes da comunidade através da democratização do acesso à cultura. Assim, além de inserir as associadas a espaços de cultura, o coletivo atua descentralizando o acesso aos bens culturais da cidade e fomentando políticas culturais que valorizem os saberes tradicionais (PASQUIM FEMINISTA, 2021).

Figura 48: Peças de cerâmica moldadas por artesãs da associação com mentoria criativa do designer Marcus Camargo.



Fonte: Redes sociais Mulheres Coralinas, 2021.

A implantação da sede das Mulheres Coralinas junto ao Jardim da Transfiguração contribui para o aumento da qualidade de vida da população do Rio Vermelho e entorno e das mulheres associadas, causando mudança social na realidade local. Com a proposição do jardim etnobotânico medicinal junto ao Jardim da Transfiguração e a Casa Coralinas é objetivado o fortalecimento do trabalho desenvolvido por raizeiras, artesãs, benzedeadas e seus saberes tradicionais além de outros articuladores, praticantes e entusiastas da Paisagem-Patrimônio, entrelaçando novos sujeitos, saberes e paisagens. Nesse sentido, em virtude das apropriações e significado para a comunidade, a atual sede das Mulheres Coralinas construída junto ao Jardim da Transfiguração é vista como um local de resistência para os moradores da periferia da cidade de Goiás.

Em vista disso, a proposição do jardim etnobotânico medicinal nesse espaço, dentre os diversos significados que pode assumir, desempenha o papel de uma escola viva com o compromisso de salvaguarda da memória contrapondo narrativas hegemônicas, e assim, rompendo com lugares de subalternidade. Ainda é capaz de recuperar as motivações da criação do Jardim da Transfiguração, criado para abrigar um espaço junto a natureza que possibilitasse o encontro do ser humano com a cultura e a natureza, e a construção da Casa Coralinas no local, fomentando um sistema colaborativo de pensar e desenhar a paisagem, e, na articulação com a comunidade levantar importantes questões como os significados das diferentes paisagens de Goiás para os sujeitos. Pensa-se um jardim a múltiplas mãos em um processo participativo, frente às medidas protetivas da COVID-19.

O jardim etnobotânico medicinal surge como uma primeira tentativa de desenho da paisagem a partir dos entrelaçamentos encontrados no percurso da pesquisa, sua necessidade foi comprovada no trabalho de campo acompanhando a rotina das mulheres da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino e a necessidade de reativação do Jardim da Transfiguração. A proposição do jardim etnobotânico medicinal encontra na paisagem o instrumento reconciliador entre natureza e ser humano cujo desenvolvimento sustentável entre população, cultura e saúde permite transformar o jardim em

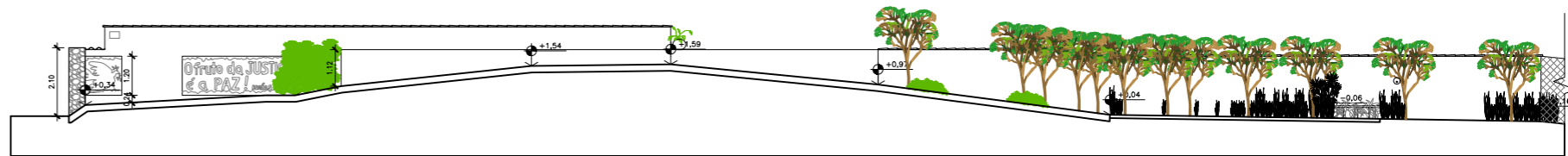
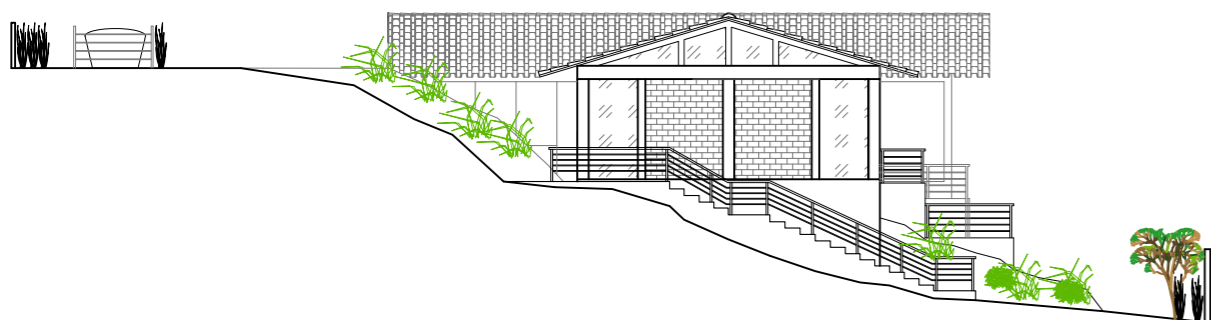
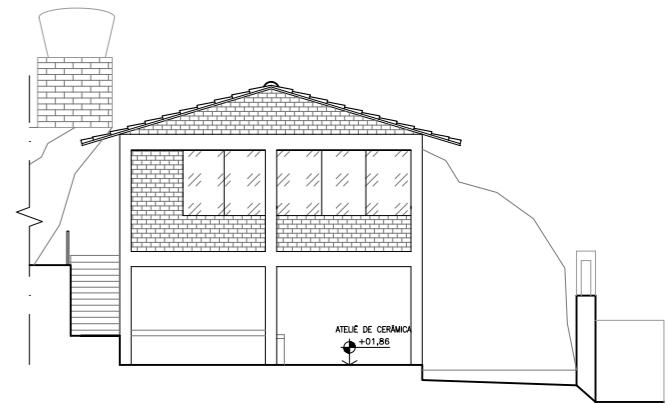
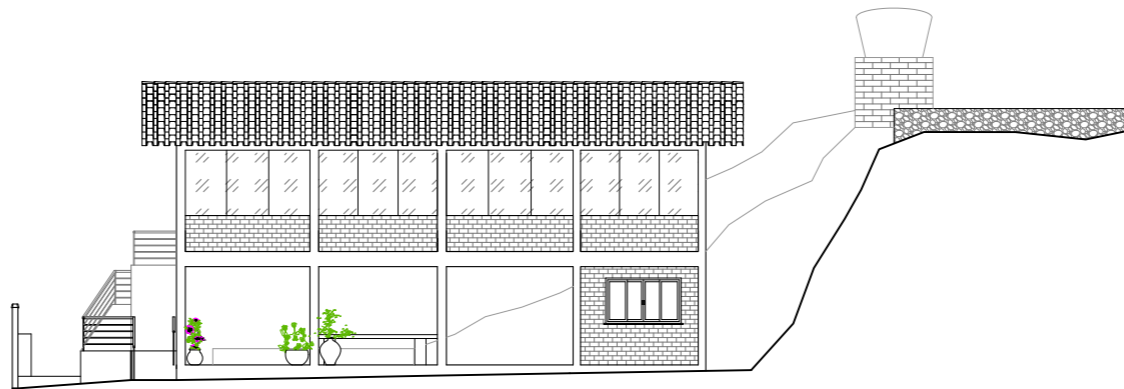
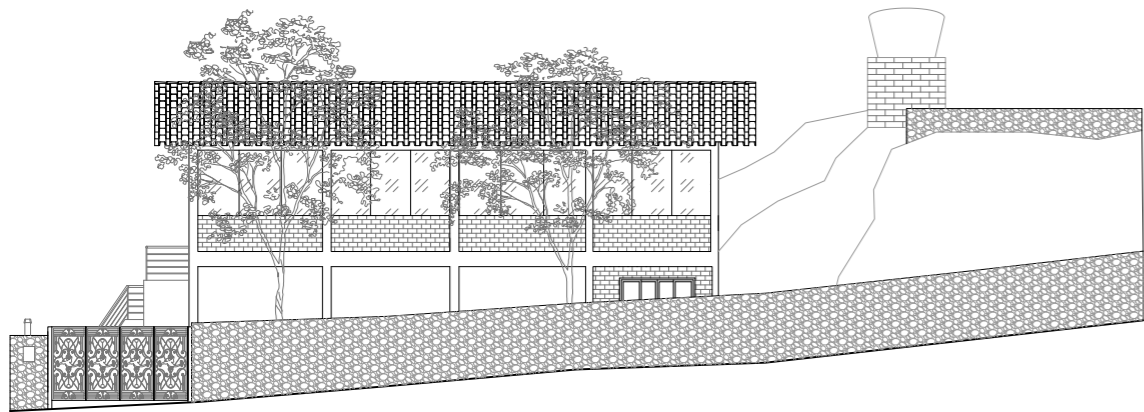
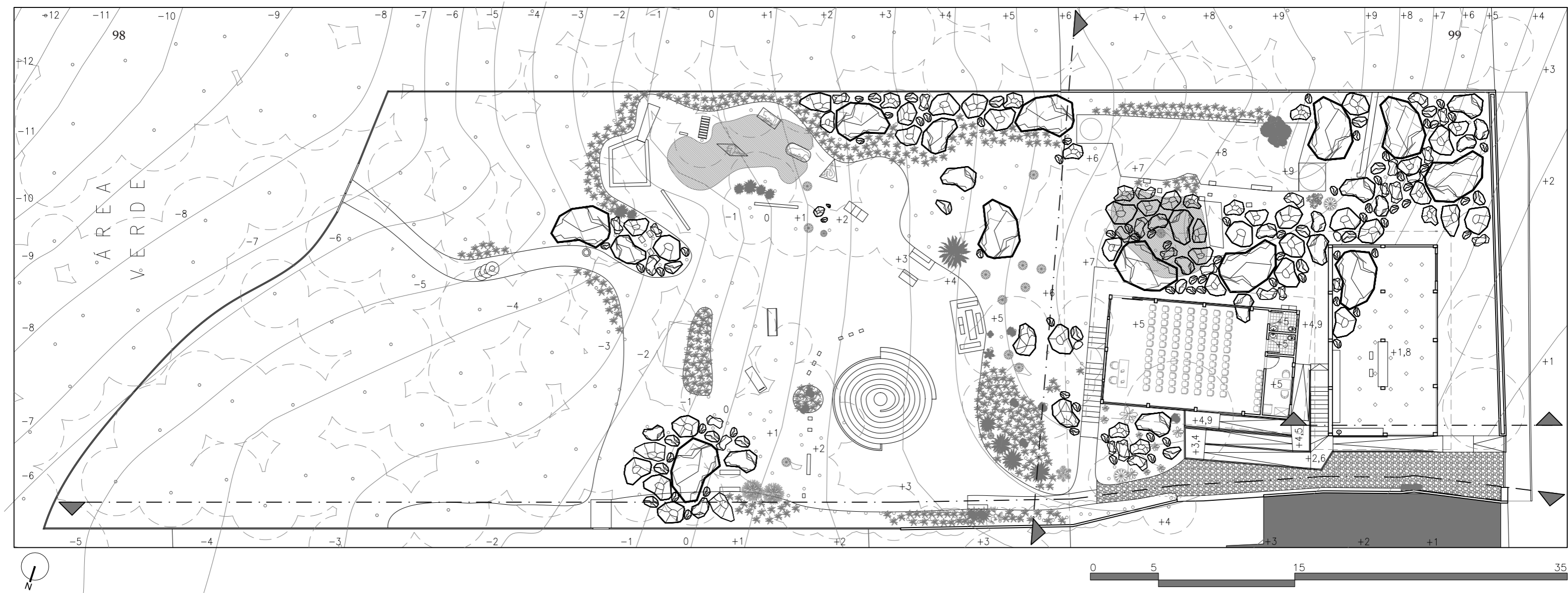
um espaço de aprendizagem coletiva, entendendo que o que é aprendido coletivamente enquanto comunidade é a chave para qualquer transformação, seja ela social, territorial ou epistemológica.

Figura 49: Conversa com Ebe Maria, secretária executiva das Mulheres Coralinas e Arcelina Helena, fundadora do Jardim da Transfiguração.



Fonte: LIMA, 2022.

Para compreender as preocupações dos membros das constelações com relação ao uso e ocupação do espaço foram feitos encontros presenciais, seguindo as medidas de proteção contra o COVID-19 de acordo com o momento pandêmico, responsáveis pela compreensão das camadas de memórias existentes no lugar e as que ainda estavam por vir. O lugar de memória possui intervenções como mobiliários, canteiros, sinalizações e equipamentos de esporte e lazer datadas de sua fundação, por volta de 2001, e recentes como a Casa Coralinas, arquitetura com infraestrutura recente, entre 2020 e 2021, que conta com ateliês, cozinha, escritório e sanitários.



PRINCIPAIS VISUAIS E MOBILIÁRIOS EXISTENTES

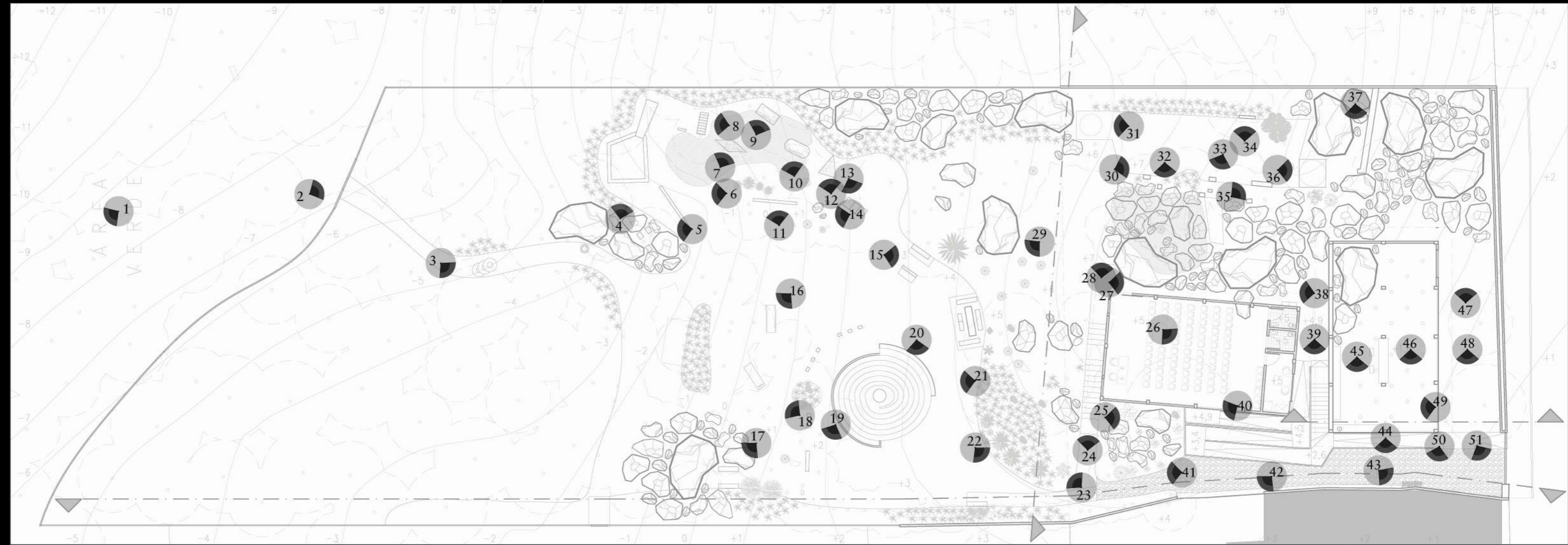




Figura 52: Dona Maria, raizeira e Ebe, secretária executiva das Mulheres Coralinas, conversando sobre as ideias para o jardim etnobotânico medicinal.



Fonte: LIMA, 2022.

No lugar de memória os topônimos carregam homenagens a importantes figuras para a comunidade como o Muro da amizade Jorge Medeiros, na fachada e da Rua Conceição Rodrigues, que dá acesso ao quintal do jardim, que homenageiam um grande amigo da associação e uma Coralina, respectivamente, vítimas do COVID-19. São feitas homenagens a famosas figuras públicas goianas e outras com relevância para a comunidade do setor, como uma forma de empoderar seus sujeitos e suas contribuições como o Monte Tabor Arcelina Helena, o Auditório Leodegária de Jesus, o ateliê de gastronomia Nádia Köler, o ateliê de encadernação Vicência Bretas, o ateliê de cerâmica Alice Gonçalves Noronha, a sala de queima Maria da Gruta e a escadaria das mestras onde esperasse homenagear as grandes mestras de Goiás como Dona Maria Luiza, raizeira, Rosa Preta, Joana Benzedeira, entre outras). Abaixo, a setorização da ocupação atual da área de intervenção.

Figura 53: Setorização atual da área de intervenção.



Abaixo, a cronologia com os principais acontecimentos envolvendo este trabalho e a constelação formada.

1988 - Parcelamento da fazenda que deu origem ao setor Rio Vermelho

2001 - Criação Jardim da Transfiguração

2014 - Projeto Mulheres Coralinas

2016 - Criação Associação Mulheres Coralinas

2017 - Primeiro contato com Goiás e início da graduação em Arquitetura e Urbanismo

2018/2020 - Projeto de extensão “Casa de Tradições e Paisagens do Cerrado”

2020 - Doação do terreno do Jardim da Transfiguração às Mulheres Coralinas

2020/2021 - Construção da Sede “Casa Coralinas”

2021 - Início trabalho de conclusão do curso



4.2 Paisagens de cura

Em janeiro de 2022 é inscrito o projeto de extensão “Jardim da Memória: paisagens de cura”, da Universidade Federal de Goiás - Campus Goiás, sob coordenação da Prof^a Dr^a Camila Gomes Sant’Anna, a equipe do projeto é composta por discentes da graduação, raizeiras e membros da comunidade. Dentre as atividades desenvolvidas pelo grupo transdisciplinar da paisagem estiveram os levantamentos arquitetônico, fotográfico e paisagístico, identificação e coleta de espécies medicinais na área de intervenção, entre outras (Ver Anexo C).

Figura 56: Parte da equipe do projeto de extensão e Mariana, integrante da associação, na preparação para o levantamento da área de intervenção.



Fonte: LIMA, 2022.

O projeto de extensão é um grupo transdisciplinar de investigação paisagística, com enfoque nos saberes medicinais, composto por discentes de instituições de ensino superior como a Universidade Federal de Goiás e o Instituto Federal de Goiás, de diferentes cursos como Agronomia, Arquitetura e Urbanismo, Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Cinema, Serviço Social e Medicina Veterinária, raizeiras e membros da comunidade. O objetivo central é articular diferentes saberes e sujeitos nos processos relacionados a pensar o jardim etnobotânico medicinal a partir dos referenciais da Paisagem-Patrimônio local, discutindo Cerrado, fitoterapia, paisagem e patrimônio imaterial na cidade de Goiás.

A iniciativa da criação do projeto de extensão busca aproximar a academia dos sujeitos

locais no que diz respeito às práticas medicinais com plantas, fortalecendo diálogos entre universidade e comunidade, criando espaços de vocalização, trocas e aprendizados. Dentre as ações desenvolvidas estiveram a imersão paisagística na área de intervenção, o antigo Jardim da Transfiguração, envolvendo o levantamento arquitetônico, fotográfico e paisagístico e também a identificação e coleta de espécies medicinais na área de intervenção.

Figura 57: Levantamento arquitetônico da calçada. Identificação, coleta e secagem de espécies medicinais encontradas na área de intervenção.



Fonte: LIMA, 2022.

Além disso, ocorreram atividades junto às raizeiras na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino envolvendo a produção de remédios naturais, o levantamento das principais espécies exóticas utilizadas em Goiás e sistematização das informações em um banco de dados. As atividades propostas contribuíram para a sensibilização da paisagem dos participantes, valorizando os saberes com grande interesse pela fitoterapia e as práticas do quintal.

Figura 58: Produção de remédios naturais com raizeiras na Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino.



Fonte: LIMA, 2022.

A imersão paisagística na área de intervenção permitiu ainda a prática do Banho de Floresta (*Shinrin-yoku*), terapia japonesa que envolve a imersão prolongada na natureza com benefícios para a saúde física, mental e espiritual como a diminuição do estresse e da pressão arterial, além de melhorias na concentração e imunidade. A experiência envolveu caminhadas pela APP em direção ao trecho do Rio Vermelho na proximidade, com a prática de banhos ao final. O trabalho de campo sofreu adaptações, respeitando os limites do momento pandêmico.

Picão-preto

Bidens pilosa L.

fígado



Figura 60: Imersão paisagística e Banho de Floresta.



Fonte: LIMA, 2022.

A dinâmica permitiu experimentações paisagísticas que contribuíram para que os participantes de áreas diversas pudessem contribuir e aprender com a interação dos saberes, permitindo a reflexão da paisagem por diferentes óticas, conhecendo melhor o meio em que está inserido e assim, trazendo consigo novos hábitos junto à natureza e as raízes ancestrais compartilhadas. A partir de levantamentos, pesquisas, trocas transdisciplinares de experiências e conhecimentos, o projeto trabalhou a valorização do coletivo formando vínculos com os espaços de pesquisa (Jardim da Transfiguração, Casa Coralinas e Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino) e suas práticas cotidianas.



Falsa-serralha

Emilia fosbergii Nicolson

pulmão, olhos e pele

5. OUTROS LUGARES DE MEMÓRIA

A paisagem não deve ser experienciada individualmente, e sim em relação com seu entorno e, como em outras etapas desse trabalho, o tempo permanece sendo um elemento essencial na apreensão dos elementos de legibilidade da paisagem. Nessa apreensão são identificados elementos estruturadores da percepção ambiental como caminhos, limites, marcos e nós, de acordo com Kevin Lynch (1960). Os caminhos são “canais ao longo dos quais o observador costumeiramente, ocasionalmente, ou potencialmente se move” (LYNCH, 1960, p. 47). Os limites não necessariamente atuam como barreiras, mas em excesso ou de acordo com sua morfologia podem ter efeito de segregação e prejudicar a visão do todo. Os marcos são elementos pontuais possíveis de serem vistos mas que o observador não é capaz de adentrar, podendo ter sua escala variada. Os nós são pontos que o observador consegue adentrar e são importantes referenciais no trajeto percorrido (LYNCH, 1960).

A partir do conceito de nós de Lynch (1960), é proposta uma cartografia que mescla expedição e deriva a partir da experiência das interlocutoras que, à medida que o pesquisador media os relatos, também são levantadas questões sobre como a paisagem e seus elementos como rodovias, morros, corpos d’água, flora e fauna guiam suas práticas, entendendo que o “comportamento deve ser compreendido em profundidade, e não simplesmente mapeado” (TUAN, 1974, p. 2).

A paisagem não é, portanto, um simples conjunto de espaços organizados coletivamente pelos homens. É também uma sucessão de rastros, de pegadas que se superpõem no solo e constituem, por assim dizer, sua espessura tanto simbólica quanto material. A paisagem também é um lugar de memória [...] (BESSE, 2014, p. 33)

Para essa cartografia da experiência não cabe uma visão cartesiana da paisagem mas uma sensibilização da paisagem que consiste em aprender a olhar para além da superficialidade das coisas e para isso a experiência sai da escala do mapa e acontece na escala da pessoa. Essencial para a construção dessa cartografia da experiência, a sensibilização da paisagem acontece na mudança da percepção dos espaços que é “mais



abstrato que lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor [...]” (TUAN, 1983, p. 6).

Para tal, é impressa a imagem aérea do perímetro urbano da cidade de Goiás, no tamanho A2 (420x594mm), a escolha se deu pela possibilidade de interação no mapa físico pelas interlocutoras, podendo realizar intervenções e apontamentos dos lugares de coleta de plantas com *post-it*, adesivos, canetas, entre outros. Durante a dinâmica foi percebido que o recorte impresso seria incapaz de incorporar todos os nós apontados por Maria Luíza e Vera Lúcia, uma vez que há áreas fora do perímetro urbano. A construção desta cartografia coletivamente mostrou que a extensão dessa rede de saberes é maior do que se imaginava, o trabalho de difusão dos saberes medicinais desenvolvido pelos grupos da Casa e da Pastoral na zona rural do município, coordenado por Maria Luíza, resulta na formação de nós distantes da sede da urbe com diferentes formatos e escalas mas significativa importância para a conservação e manutenção dessa Paisagem-Patrimônio.

Figura 63: Mapa impresso com os pontos de coleta indicados com *post-it*, são indicados os pontos no perímetro urbano e o sentido da rota em direção aos localizados na zona rural do município.



Fonte: LIMA, 2021.

Até a conclusão deste trabalho, foram identificados quinze lugares de coleta de plantas medicinais no município, com nós tanto no perímetro urbano como na zona rural e, ao invés de filtrar apenas as plantas do Cerrado, é optado pela apresentação de todas as

espécies medicinais encontradas em cada ponto de coleta, na tentativa de compreender as interações entre plantas de diferentes biomas na formação de um ecossistema. Desse modo, são listadas abaixo todas as plantas coletadas em cada ponto buscando compreender como essa paisagem é composta, havendo plantas do Cerrado e de outros biomas que estabelecem relação de companheirismo. Como os lugares e as plantas foram indicadas através de relatos orais podem haver mais espécies e/ou outros lugares de coleta além dos relatados, imprecisão própria da memória que não diminui a importância de seu registro. Em negrito, estão as espécies pertencentes ao bioma Cerrado, que serão incorporadas ao herbário vivo na sequência.

PONTOS DE COLETA DE PLANTAS MEDICINAIS NO MUNICÍPIO DE GOIÁS			
SÍMBOLO	LUGAR	ZONA	ESPÉCIES ENCONTRADAS
01	Aeródromo	Urbana	Algodãozinho, Assa-peixe, Cajuí, Lixeira, Pequi.
02	Arraial de Areias	Rural	Algodãozinho, Batata-milhomem, Creme, Frade, Jatobá, Pequi, Pita.
03	Balneário Santo Antônio	Rural	Cagaita, Jatobá, Lixeira, Mangaba, Pequi, Rosquinha.
04	Buenolândia	Rural	Alfavaca, Babosa, Beldroega, Boldo, Carqueja, Copaíba , Erva-cidreira, Erva-de-Santa-Maria, Funcho, Guaco, Hortelã-gordo, Hortelãzinho, Ipê-amarelo, Jatobá , Losna, Marcelinha, Mil-em-ramas, Mirá, Pequi , Poejo.
05	Casa da Maria Luíza	Urbana	Alfavacão, Babosa, Baunilha, Café, Cajá-manga, Canela, Colônia, Crajiru, Goiaba, Imbé, Jaborandi, Ora-pro-nóbis, Orégano, Pariparoba , Rosa-vermelha, Zedoária.
06	Chácara da Carmelita	Urbana	Abacate, Alfavaca, Carqueja, Chambá, Hortelã-gordo, Hortelãzinho, Tansagem , Terramicina.
07	Chácara do Bispo	Urbana	Chambá, Erva-cidreira, Hortelãzinho, Mirá, São-Caetano.
08	Chácara próxima ao Córrego Canjica	Urbana	Angico, Aroeira-vermelha, Cagaita, Jatobá, Lixeira, Mamacadela, Pé-de-perdiz, Pequi, Tiborna.
09	Comunidade Rural Ruá	Rural	Açafrão, Algodão, Babosa, Boldo, Erva-cidreira, Pimenta malagueta, Sucupira, Tansagem , Terramicina.
10	Horta da Gilda	Urbana	Alecrim, Alfavaca, Artemísia, Chambá, Guaco, Hortelã-gordo, Hortelãzinho, Losna, Manjerição, Mirá.
11	Parque Estadual da Serra Dourada	Rural	Algodãozinho, Ananás, Angico , Araticum, Arnica, Aroeira-vermelha, Canela-de-ema, Chapéu-de-couro, Ipê-roxo, Mangaba, Pequi, Quina.

12	Poço Sucuri	Rural	Amescla, Cainca, Negramina .
13	Quintal da Dona Maria e do Seu Rafael	Urbana	Hortelã-gordo, Hortelã-pimenta.
14	Sede da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino	Urbana	Boldo, Calanchoê, Cardo-santo, Gergelim, Hortelã, Losna, Tanaceto, Terramicina.
15	Trilha para o Morro da Antena	Urbana	Algodãozinho, Angico, Batata infalível, Batata-milhomem, Canela-de-ema, Congonha-de-bugre, Curriola, Frade, Jatobá-do-Cerrado, Murici, Pequi, Salsaparrilha.

Figura 64: A esquerda, caminho percorrido a carro para o Aeródromo. A direita, caminho percorrido a carro para a trilha do Morro da Antena.



Fonte: LIMA, 2021.

Na prática do campo visitando quatro (Aeródromo, Casa da Dona Maria, Sede da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino e Trilha para o Morro da Antena) dos quinze lugares foi possível identificar ainda outro elemento presente nesse universo cultural: a saudação da natureza (Ver Apêndice D). No momento de entrada em campo para coleta de ervas é feita uma oração pedindo permissão para adentrar no Cerrado e retirar suas plantas com o compromisso de manejo adequado visando a preservação do bioma.

Figura 65: A esquerda, coleta da entrecasca do Jatobá-do-Cerrado para preparo de óleo medicinal. A direita, argila cinza aplicada no local da coleta para ajudar no processo de cicatrização da planta.



Fonte: LIMA, 2021.

Por meio dos nós formados foi possível elaborar o herbário vivo, a ser apresentado nos subcapítulos seguintes, composto por tabelas, desenhos e exemplares botânicos como resultado da experiência de campo. Durante esse processo foram levantadas outras questões como critérios para a implantação de novos jardins públicos na cidade, como por exemplo: o distanciamento de automóveis, conexão afetiva, histórico urbano, entre outros. A cartografia desenvolvida permitiu compreender a importância das plantas medicinais para comunidades à margem dos centros urbanos, onde os grupos atuam incentivando o cultivo de hortos medicinais e comestíveis e também demonstrou o papel das paisagens à margem na manutenção dos saberes medicinais com plantas, evidenciando as raízes de um estado onde historicamente os saberes medicinais surgem no espaço rural.

A cartografia elaborada ilustra as relações das partes com o todo formando uma rede de saberes à medida que surgem os entrelaçamentos, assim, essa fonte documental do contexto que esses saberes e seus detentores realizam suas práticas é uma importante parte para o conhecimento e o reconhecimento da própria diversidade cultural da cidade e do país. Ainda, como desdobramento, essa documentação apresenta potencial de inventário e catálogo das paisagens e seus valores ecológicos, históricos e estéticos podendo ser objeto de reflexão sobre qual papel essa paisagem desempenha, quais os interesses para os campos cultural, ecológico, ambiental e social.

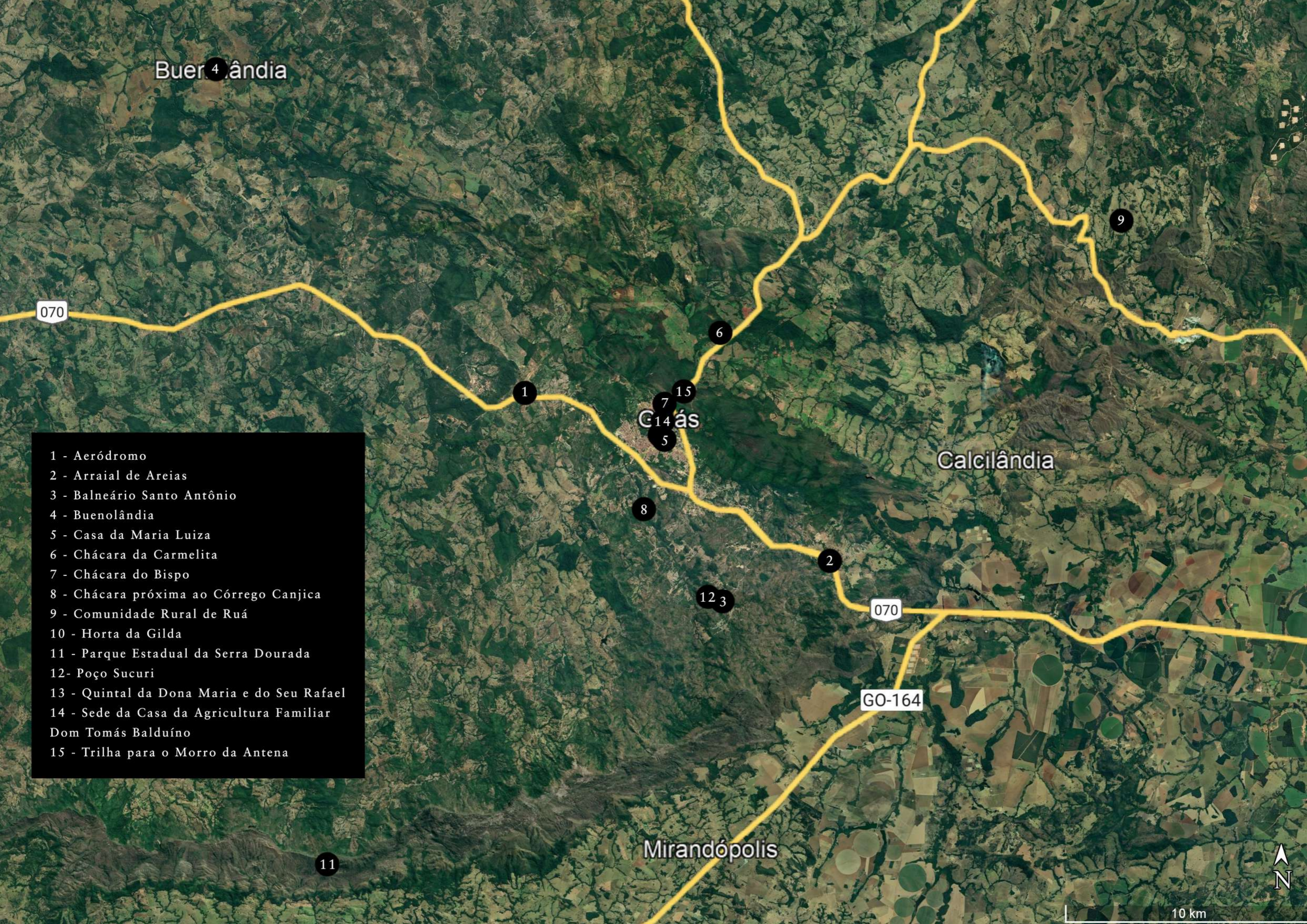


- 1 - Aeródromo
- 2 - Arraial de Areias
- 3 - Balneário Santo Antônio
- 4 - Buenolândia
- 5 - Casa da Maria Luiza
- 6 - Chácara da Carmelita
- 7 - Chácara do Bispo
- 8 - Chácara próxima ao Córrego Canjica
- 9 - Comunidade Rural de Ruá
- 10 - Horta da Gilda
- 11 - Parque Estadual da Serra Dourada
- 12- Poço Sucuri
- 13 - Quintal da Dona Maria e do Seu Rafael
- 14 - Sede da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino
- 15 - Trilha para o Morro da Antena

Davidópolis

1 km





Buenolândia

070

9

6

1

14
15
7
5

Calcilândia

8

2

070

12
3

GO-164

- 1 - Aeródromo
- 2 - Arraial de Areias
- 3 - Balneário Santo Antônio
- 4 - Buenolândia
- 5 - Casa da Maria Luiza
- 6 - Chácara da Carmelita
- 7 - Chácara do Bispo
- 8 - Chácara próxima ao Córrego Canjica
- 9 - Comunidade Rural de Ruá
- 10 - Horta da Gilda
- 11 - Parque Estadual da Serra Dourada
- 12- Poço Sucuri
- 13 - Quintal da Dona Maria e do Seu Rafael
- 14 - Sede da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino
- 15 - Trilha para o Morro da Antena

Mirandópolis

11

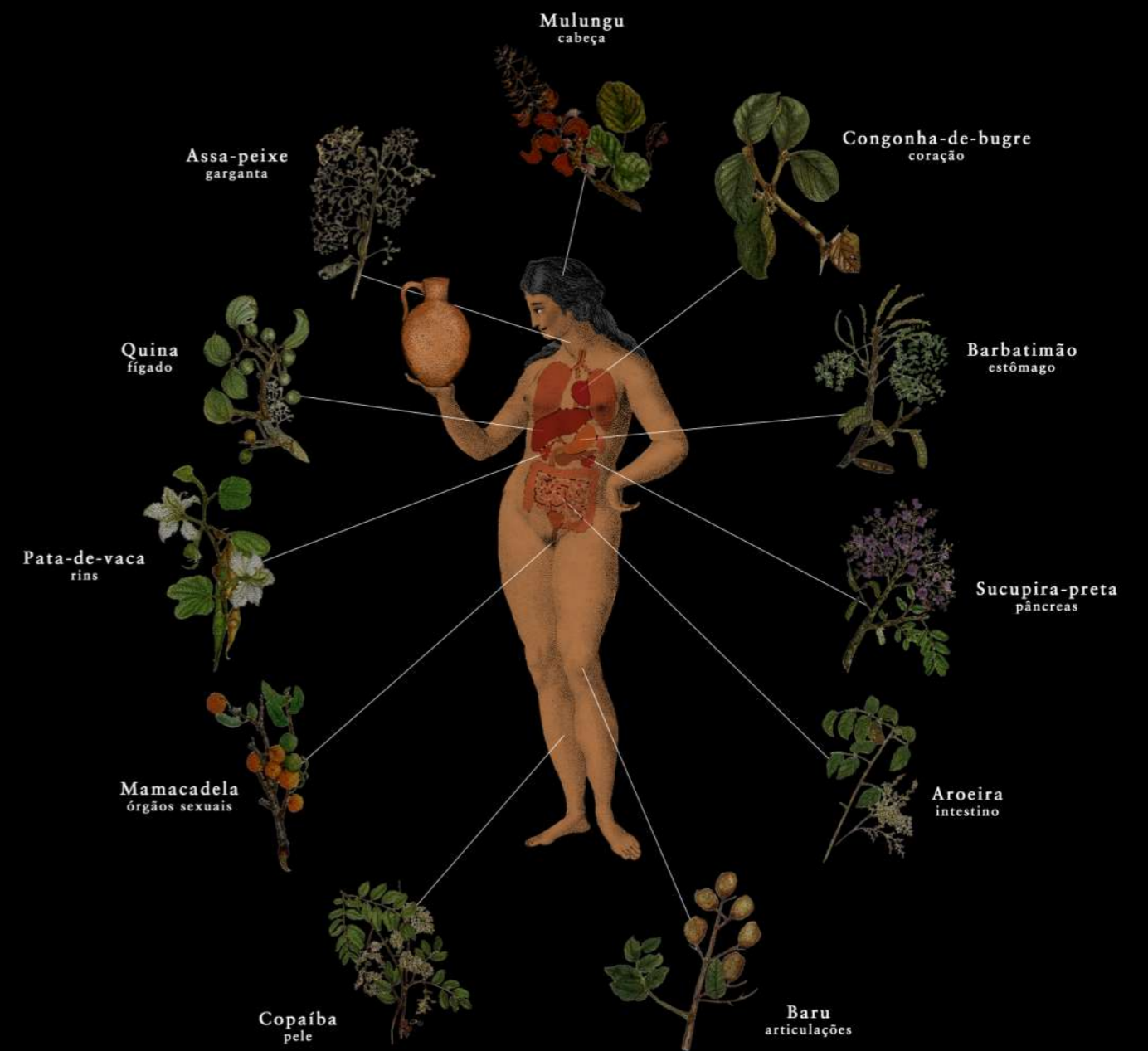
10 km





Erva-cidreira-do-Cerrado

literatura não encontrada nas fontes pesquisadas



5.1 O herbário vivo

De acordo com a definição do dicionário Michaelis, o substantivo masculino herbário refere-se à "coleção científica de plantas dessecadas que se destinam à pesquisa científica; ervário, fitoteca" (HERBÁRIO, 2015). Entretanto, contrária à ideia tradicional de um herbário, a coleção botânica medicinal reunida nesta pesquisa adota o termo "herbário vivo", como sendo o resultado da expressão dinâmica de vida do local, a manifestação de uma natureza viva pulsante e das referências culturais das pessoas apresentadas neste trabalho.

O herbário vivo foi construído coletivamente a partir do levantamento das plantas e de seus usos medicinais pelos grupos atuantes em Goiás, assim, para a determinação da escolha das plantas para a pesquisa, foi adotado como critério sua relevância em relação aos seus usos e apropriações pelos grupos. Desse modo, as espécies listadas seguiram o critério de serem popularmente conhecidas e utilizadas na cidade, podendo ser nativas do bioma Cerrado ou exóticas.

O quadro de espécies é resultado do conhecimento obtido em campo junto das interlocutoras, além da pesquisa bibliográfica com referenciais em Brandão & Rocha (2004), Lorenzi & Matos (2008) e Queiroz et al. (1998). No quadro são apresentadas as informações de uma lista de espécies de projeto de Arquitetura da Paisagem como nome científico, família, ocorrência, porte, etc, junto às propriedades medicinais de cada planta como: a parte utilizada da planta, a forma de uso, sua indicação e a parte do corpo humano em que atua. O presente trabalho não objetiva a catalogação científica mas sim a compreensão da importância das plantas na vida das pessoas, em termos culturais, sendo capazes de valorizar a vida e promover a saúde.

Em constante alteração, o herbário vivo pode vir a sofrer adições ou subtrações em decorrência das mudanças nos usos pelas comunidades locais. Até o encerramento da pesquisa, o herbário referente às espécies nativas do bioma Cerrado conta com 38

espécies, sendo elas: algodãozinho-do-campo, angico-do-Cerrado, arnica-do-Cerrado, aroeira-vermelha, assa-peixe, barbatimão, baru, batata infalível, batata milhomem, cagaita, cajuí, calunga, cana-de-macaco, canela-de-ema, canela-de-velho, chapéu-de-couro, congonha-de-bugre, copaíba, curriola, espinheira-santa, frade, ipê-amarelo, ipê-roxo, jatobá-do-Cerrado, jequitibá-do-Cerrado, lixeira, lobeira, mamacadela, mangaba, murici, mulungu, negramina, pacari, pata-de-vaca, pé-de-perdiz, pequi, salsaparilha, sucupira-branca, sucupira-preta e tansagem.

Figura 70: A esquerda, Congonha-de-bugre - *Rudgea viburnoides* (Cham.) Benth. A direita, Frade - *Casearia sylvestris* Sw.



Foto: LIMA, 2021.

É preciso ter em conta que nem as concepções da natureza nem as manipulações culturais são estáticas, estas não permanecem no tempo, perdendo-se e transformando-se alguns desses conhecimentos e o facto de este processo de criação e transmissão ser feito através da "oralidade" faz com que não haja uma cristalização dos saberes. Os usos que são feitos de uma planta podem variar consoante os especialistas ou o contexto. (GOMES, 2012, p. 15)

ESPÉCIES MEDICINAIS NATIVAS DO BIOMA CERRADO MAIS UTILIZADAS EM GOIÁS												
NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA	ORIGEM	OCORRÊNCIA	TIPO	TAMANHO	SAZONALIDADE	CROMATISMO	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO	PARTE DO CORPO
Algodãozinho-do-campo	<i>Cochlospermum regium</i> (Mart.) Pilger	Cochlospermaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: até 4m	Flores: fevereiro a novembro	Flores: amarelas Frutos: marrom	Raiz, casca, sementes	Chá, compressa, garrafada	Purgativa, abscessos, tumores	Sangue
Angico-do-Cerrado	<i>Anadenanthera falcata</i> .	Fabaceae-Mimosoideae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 20m a 25m	Flores: setembro e outubro Frutos: agosto e setembro	Flores: brancas	Entrecasca, resina	Chá, óleo, tintura, lambedor	Tosse, gripe, anti-inflamatório, cicatrizante, cervicite	Garganta, pele, colo do útero
Arnica-do-Cerrado	<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.	Asteraceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: até 3m	Flores: julho a outubro		Folhas	Tintura, chá, pomada	Hematomas, contusões, dores musculares, varizes, anti-inflamatório	Pele, veias
Aroeira-vermelha	<i>Myracrodruon urundeuva</i> (Engl.) Fr. All.	Anacardiaceae	Nativa	Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica	Arbórea	Altura: 6m a 25m	Flores: de julho a setembro Frutos: setembro a outubro		Cascas	Chá e banhos	Diarréia, úlceras e feridas	Pele, intestino
Assa-peixe	<i>Vernonia cf. polyanthes</i> Less.	Asteraceae (Compositae)	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: até 3m	Flores: janeiro a abril		Folhas, raiz	Chá, compressa	Depurativo, diurético, tosse	Sangue, garganta
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 1m a 7m	Flores: setembro a novembro Frutos: novembro a junho	Flores: creme-esverdeadas	Casca	Chá, garrafada, pomada	Adstringente, cicatrizante, hemostático, afecções do útero, escorbúticas, gonorréia, hérnia, feridas hemorrágicas, diarréia, gastrite	Pele, sangue, útero, intestino, estômago, esôfago
Baru	<i>Dipteryx alata</i> Vog.	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 12m a 15m	Flores: novembro a fevereiro Frutos: janeiro a março		Semente, casca	Óleo	Anti-reumático, tônico, dores na coluna	Articulações, coluna
Batata infalível	<i>Mandevilla velutina</i>	Apocynaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: 2m	Flores: setembro a abril		Batata, rizoma	Comprimidos, garrafadas	Insuficiência cardíaca, doença de Chagas	Coluna, coração
Batata milhomem	<i>Aristolochia</i> spp.	Aristolochiaceae	Nativa	Cerrado	Trepadeira	Comprimento: até 4m	Flores:		Batata	Chá, pó, garrafada, tintura	Indigestão, micose, mal de Parkinson, diabetes, epilepsia	Fígado, estômago, pele, sistema nervoso, pâncreas
Cagaita	<i>Eugenia dysenterica</i> (Mart.) DC	Myrtaceae	Nativa	Cerrado	Subarbustiva	Altura: 4m a 11m	Flores: agosto a setembro Frutos: setembro e outubro		Folhas, fruto, flores, semente, casca	Óleo, chá, suco	Diarréia, laxante	Coração, rins, intestino
Cajuí	<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil	Anacardiaceae	Nativa	Cerrado	Subarbustiva	Altura: até 1,5m	Flores: junho a novembro Frutos: outubro a novembro		Fruto verdadeiro, folhas, casca	Óleo, chá, suco, doce	Afecções de pele, diarréia, antissifilítico, tosse, hipoglicemia	Pele, garganta, pâncreas
Calunga	<i>Simaba ferruginea</i> A. St.-Hil	Simaroubaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: 3m a 5m	Flores:		Raiz, casca	Chá	Azia, má digestão, cicatrização, tônico, febrifuga, diarréia, reumatismo	Estômago, fígado, instestino reto, articulações
Cana-de-macaco	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Costaceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica, região Amazônica	Herbácea	Altura: 1 m a 2m	Flores: ano todo	Inflorescências: vermelhas Flores: amarelas	Folhas, hastes, raízes e rizomas	Suco, decocto, infusão	Depurativo, adstringente, diurético, tônico, emenagogo, diaforético, gonorréia, sífilis, nefrite, picadas de insetos, problemas da bexiga e diabetes, irritações vaginais, leucorreia, tratamento de úlceras	Sistema urinário e reprodutor, pele
Canela-de-ema	<i>Vellozia squamata</i> Pohl	Velloziaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: até 6m	Flores: setembro a dezembro		Folhas, raiz	Chá	Anti-inflamatório, antioxidante, reumastimo, dores de coluna	Articulações, coluna
Canela-de-velho	<i>Miconia albicans</i> (SW.)	Melastomataceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: até 2,5m	Flores: setembro a novembro Frutos: novembro a março	Flores brancas e os Frutos rosados;	Folhas	Chá	Anti-inflamatório, dor, tônico, reumatismo	Sangue, articulações
Chapéu-de-couro	<i>Palicourea rigida</i> H. B. K.	Rubiaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: 2m a 4m	Flores: setembro a janeiro Frutos: março a junho	Flores: amarelas	Folhas	Chá	Diurético, catarro, bronquite e moléstias pulmonares	Pulmão, brônquios
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 10m a 25m	Flores: novembro a março Frutos: maio a outubro		Tronco	Óleo	Cicatrizante, antiblenorrágico, estimulante anti-sifilítico, bronquite, tosse, cistites, urticária e diarréia	Pele, garganta, brônquios, sistema gastrointestinal
Congonha-de-bugre	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Rubiaceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: até 5m	Flores: agosto a setembro Frutos: junho e julho	Flores: brancas	Folhas	Chá	Pressão alta, diurético, doença de Chagas	Coração, rins
Curriola	<i>Pouteria torta</i> (Mart.) Radlk.	Sapotaceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 8m a 14m	Flores: outubro a novembro Frutos: dezembro a janeiro		Fruto	Suco	Diarréia, desidratação	Intestino
Frade	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Salicaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: 4m a 6m	Flores: maio Frutos: junho	Flores cor creme e fruto vermelho;	Folhas, entrecasca, raiz	Chá	Queimaduras, ferimentos, herpes, tônico, depurativo, reumatismo, anti-inflamatório, analgésico, hemostático, gastrite, estomatite, gengivite, aftas, halitose	Pele, sangue, boca, estômago, intestino
Ipê-amarelo-do-Cerrado	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S. Moore	Bignoniaceae	Nativa	Cerrado, Caatinga, Pantanal	Arbórea	Altura: 5m a 10m	Flores: agosto e setembro		Casca, folhas, entrecasca	Chá, lambedor	Gripe, resfriado, inflamações em geral, purgativo, antissifilíticas	Nariz, garganta, intestino
Ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Bignoniaceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica	Arbórea	Altura: 8m a 15m	Flores: julho a agosto Frutos: agosto a outubro	Flores: rosas ou arroxeadas	Entrecasca	Chá	Reumatismo, adstringente, anti-inflamatório e anti-herpética.	Sangue, boca, garganta, articulações
Jatobá-do-Cerrado	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado, Floresta Amazônica Tropical	Arbórea	Altura: até 10m	Flores: abril a agosto	Flores: amarelas	Resina, casca	Chá	Cistite, prostatite e blenorragia	Próstata
Jequitibá-do-Cerrado	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Lecythidaceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: até 30m	Flores: outubro a janeiro Frutos: agosto a outubro	Flores: creme	Casca	Chá	Adstringente, diarréias, anginas, leucorréias, hemorragias uterinas, afecções da boca e da garganta	Amígdalas, boca, intestino
Lixeira	<i>Curatella americana</i> Lineus	Dilleniaceae	Nativa	Cerrado, Caatinga, Amazônia	Arbórea	Altura: até 10m	Flores: julho a outubro Frutos: outubro a janeiro		Folhas, casca	Chá	Cicatrizante, afta, úlcera	Pele, boca, intestino
Lobeira	<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil	Solanaceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 3m a 5m	Flores: setembro a novembro	Flores: roxas	Flores, fruto	Lambedor	Bronquite, asma, diabetes	Trato respiratório, sangue, pâncreas
Mamacadela	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Tréc.	Moraceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: 3m a 5m	Flores: junho a novembro Frutos: agosto a novembro		Raiz	Garrafada	Anti-inflamatório, depurativo, inflamações de útero	Sangue, útero
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomez	Apocynaceae	Nativa	Cerrado, Caatinga	Arbórea	Altura: 5m a 7m	Flores: agosto a novembro Frutos: novembro a janeiro		Casca	Tintura	Depurativo, afecções do útero	Sangue, útero

ESPÉCIES MEDICINAIS NATIVAS DO BIOMA CERRADO MAIS UTILIZADAS EM GOIÁS												
NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA	ORIGEM	OCORRÊNCIA	TIPO	TAMANHO	SAZONALIDADE	CROMATISMO	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO	PARTE DO CORPO
Murici	<i>Byrsonima cf. crassifolia</i> (L.) H. B. & K.	Malpighiaceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: até 8m	Flores: abril a maio Frutos: agosto a novembro		Casca, folhas, fruto, raiz	Chá, banhos	Adstringente, brando laxante, tosse, bronquite	Intestino, garganta, brônquios
Mulungu	<i>Erythrina fusca</i> Loureiro	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica	Arbórea	Altura: 10m a 20m	Flores: maio a setembro	Flores: alaranjado-coral	Casca	Chá	Sedativo de ação suave, tosse	Garganta, sistema nervoso
Negramina	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Monimiaceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 2m a 4m	Flores: outubro Frutos: dezembro a janeiro		Folhas	Chá, banhos	Gripe, resfriados com febre, despacho	Nariz, garganta
Pacari	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil	Lythraceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 5m a 6m	Flores: março a outubro Frutos: abril a agosto	Flores: brancas	Casca, raiz	Tintura	Cicatrizante, antifebril, tônico	Pele
Pata-de-vaca	<i>Bauhinia</i> sp.	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 7m	Flores: quase todo o ano		Folhas	Chá	Anti-reumático, anti-hemorrágico, vermífugo, inchaço, diabetes	Rins, coluna, pâncreas
Pé-de-perdiz	<i>Croton antisiphiliticus</i>	Euphorbiaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: 0,3m a 0,4m	Flores: maio a novembro	Folhas com tons de verde, amarelo, vermelho e alaranjado dependendo da época;	Folhas, raiz	Garrafada, pó, chá, pomada, pílulas	Anti-inflamatório, depurativo, reumatismo, doenças sexualmente transmissíveis	Sangue, útero, ovário, próstata
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Caryocaraceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 6m a 10m	Flores: agosto a novembro Frutos: novembro a fevereiro	Flores: creme	Folhas, fruto	Pomada	Gripes, resfriados	Nariz, garganta
Quina	<i>Strychnos pseudoquina</i> St. Hil.	Loganiaceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 4m a 8m	Flores: janeiro a abril Frutos: abril a agosto		Casca	Chá	Antifebril, malária, dores	Fígado
Salsaparrilha	<i>Smilax aspera</i> L.	Smilacaceae	Nativa	Cerrado	Trepadeira	Comprimento: até 15m	Flores: agosto a novembro	Fruto vermelho escuro Flores: esbranquiçadas	Raiz	Chá, garrafada, pó	Depurativo, feridas, sífilis, reumatismo	Sangue, pele
Sucupira-branca	<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 10m a 15m	Flores: setembro a novembro		Fava, semente, casca	Chá, gargarejo	Anti-inflamatório	Amígdalas
Sucupira-preta	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 8m a 16m	Flores: junho a setembro Frutos: outubro a dezembro		Casca, sementes	Chá	Diabete crônica, antifebril, depurativo	Pâncreas, garganta, sífilis
Tansagem	<i>Plantago major</i> L.	Plantaginaceae	Nativa	Cerrado, Amazônia, Caatinga, Mata Atlântica	Herbácea	Altura: 0,2m a 0,3m	Flores: maio a outubro		Folhas, semente	Cataplasma, chá	Gastrite, feridas, inflamações de garganta, catarro	Estômago, pele, garganta, boca

Quadro elaborado em colaboração com Izabella Stefaisk, Elisa Mariana Obeid, Millena Duarte, graduandas em Arquitetura e Urbanismo, Maria Luiza Barbosa, graduanda em Medicina Veterinária, Maria Luiza da Silva, raizeira e Daniela Ribeiro, raizeira e bióloga.

Em comparativo, no levantamento de campo realizado pela Farmacopéia Popular foram consultados onze municípios diferentes no estado de Goiás, em que foram identificadas as principais plantas utilizadas pelas comunidades (Ver Tabela 03).

Tabela 03: Plantas medicinais nativas do Cerrado mais utilizadas em municípios do estado de Goiás. Número de menções em levantamento da Farmacopéia Popular.

NOME POPULAR	Nº DE MENÇÕES	NOME POPULAR	Nº DE MENÇÕES
Dão Bernardo	27	Pirete	13
Barbatimão	23	Carobinha	12
Velame Branco	23	Quebra Pedra do Cerrado	12
Chapéu de Couro	22	Jatobá	12
Quina	18	Unha D'Anta	12
Carapiá	17	Aroeira	11
Carqueja	15	Emburama	11
Sucupira	15	Mangabeira	11
Grão de Galo	13	Pé-de-perdiz	10
Pau D'Óleo	13	Assa-peixe	10

Fonte: DIAS & LAUREANO, 2009

Das 20 plantas medicinais do Cerrado mais citadas na pesquisa feita abrangendo o estado de Goiás, a cidade de Goiás possui 08 espécies em comum, sendo elas: barbatimão, chapéu-de-couro, quina, sucupira, jatobá, aroeira, pé-de-perdiz e assa-peixe.

Das 38 plantas mencionadas no quadro de espécies as características predominantes de manejo como porte e parte utilizada das plantas foram arbórea (55%) e casca e entrecasca (45%), respectivamente, como apresentado nas tabelas a seguir.

Tabela 04: Portes das plantas medicinais mais usadas na cidade de Goiás.

ARBÓREA	55%
ARBUSTIVA E SUBARBUSTIVA	37%
TREPADEIRA	5%
OUTROS	3%

Tabela 05: Partes de plantas medicinais nativas do Cerrado mais usadas na cidade de Goiás.

CASCA E ENTRESCASCA	45%
FOLHAS	33%
RAIZ	17%
FLORES	5%

Já o herbário referente às espécies exóticas com maior relevância na cidade de Goiás com relação ao uso, são citadas 24 espécies no levantamento, sendo elas: alecrim, alfavaca, arruda, artemísia, café, confrei, cardo-santo, chambá, equinácea, erva-baleeira, erva-de-santa-maria, espinheira-santa, funcho, folha-santa, guaco, hortelã-gordo, hortelã-pimenta, losna, manjerição, mil-em-ramas, nirá, poejo, sálvia e terramicina.

ESPÉCIES MEDICINAIS EXÓTICAS MAIS UTILIZADAS EM GOIÁS														
NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA	ORIGEM	OCORRÊNCIA	TIPO	TAMANHO	NECESSIDADES	SAZONALIDADE	CROMATISMO	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO	PARTE DO CORPO	OBSERVAÇÕES
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Região Mediterrânea	Caatinga	Subarbustivo	Altura: até 1,5m	Solo rico em calcário (alcalinos); Sem excesso de água e de adubação; Sol pleno;	Flores: de maio a outubro	Flores: Lilás Folhas: verdes	Folhas	Chá	Má digestão, gases no aparelho digestivo, dor de cabeça, dismenorria, diurético, cistite, hemorroidas, hipertensão, perda de apetite, fraqueza e memória fraca	Fígado, sistema reprodutor e nervoso, sistema urinário, circulatório e gastrointestinal	Apesar de ser pouco tóxica, a ingestão de grande quantidade das folhas pode provocar intoxicação com aparecimento de sono profundo, espasmos, gastroenterite, sangue na urina, irritação nervosa e nas doses maiores, morte.
Alfavaca	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Ásia tropical	Região da Europa, África, Américas	Subarbustivo	Altura: 0,3m a 0,5m			Flores: brancas	Folhas, inflorescências	Chá	Espasmos, febre, problemas digestivos em geral, infecções bacterianas e parasitas	Boca	Não é recomendado o seu uso para gestantes nos 3 primeiros meses da gravidez.
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Europa meridional	Cerrado	Subarbustivo	Altura: 40 cm a 90 cm	Luz direta ou meia-sombra; rega moderada; solo drenado;	Floração ocorre em Julho	Flores: amarelas	Folhas, raízes	Chá	Desordens menstruais, inflamações de pele, dor de ouvido,	Pele, cabelo, sistema reprodutor feminino	O emprego desta planta, tanto por via oral como por via tópica, deve ser revestido de bastante cuidado, por causa de suas ações tóxicas sobre o útero, provocando hemorragia e, sobre a pele, que sensibilizada pelas furanocumarinas pode sofrer severas queimaduras quando exposta ao sol.
Artemísia	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Asteraceae (Compositae)	Ásia	Amazônia	Herbácea	Altura: 0,3m a 0,6m	Sol pleno e solo bem drenado;	Flores: julho a setembro	Flores: brancas	Folhas, inflorescências	Chá, aplicação	Analgésica, antiespasmódica, anticonvulsiva, dispepsia, astenia, epilepsia, dores reumáticas, febres, anemias, parasitas intestinais, cólicas intestinais, piolhos e feridas.	Sistema reprodutor feminino, estômago, fígado, intestinos	
Café	<i>Coffea arabica</i> L.	Rubiaceae	África	Cerrado, Amazônia e Mata Atlântica	Arvoreta	Altura: até 4m	Sol pleno e quantidade de água média; bastante rega em fase de floração;	Flores: setembro a março Frutos: abril a junho	Flores: brancas Frutos: vermelho ou amarelo	Sementes, folhas	Infusão, decocto, compressas, banhos	Estimulante, hipoglicemiante, afecções dos olhos, diminui sonolência, fadiga	Sistema nervoso central, rins, músculos, coração, estômago,	O aparecimento de tensão nervosa e ansiedade pode ocorrer com a dose de cinco xícaras; acima destas doses aparecem os sintomas de intoxicação pela cafeína que pode ser fatal com a ingestão de dez ou mais xícaras. Mulheres grávidas ou que estejam amamentando devem evitar o uso do café.
Confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae	Europa, Ásia	Encontrada no mundo todo		Altura: até 0,9m			Flores: amarelas, violetas ou rosas	Folhas, raízes	Chá, suco, salada, cataplasma, compressas	Doenças gastrointestinais, disenterias, inflamações, reumatismo, hemorroidas, tosse, bronquite, irregularidades menstruais, hemostático, curativo, fraturas dos ossos, picadas de insetos, queimadura		Seu uso interno, em doses altas ou por tempo prolongado, pode ocasionar o aparecimento de tumores malignos no fígado, nos brônquios e na bexiga, conseqüentes ao desenvolvimento da doença veno-oclusiva, causada pelos alcalóides nesses órgãos.
Cardo-santo	<i>Argemone mexicana</i> L.	Papaveraceae	México	Regiões das Américas, Etiópia, Índia	Herbácea	Altura: até 1m			Flores: amarelas	Raízes, folhas, sementes	Chá	Inflamações da bexiga, úlceras, inflamações oculares, anestésico, dor de dente, abscessos, calmante, purgativo, vomitivo	Bexiga, olhos, gengivas, sistema nervoso	A infusão aquosa das flores induziu forte contração do músculo aórtico e inibição dos movimentos dos intestinos, além do relaxamento do tônus muscular; em preparações com órgãos isolados de animais de laboratório, induziu também a sonolência, aumento da frequência respiratória, sedação, diminuição da motilidade, passividade, alienação e catatonía.
Chambá	<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophylla</i> Leonard	Acanthaceae	Região Tropical da América Latina	Região Amazônica	Herbácea	Altura: até 0,4m	Iluminação: meia sombra ou sol pleno; Irrigação: Regulares, mantendo solo úmido; Solo: rico em matéria orgânica e drenável.	Região Amazônica	Flores: violetas	Folhas e Flores	Infusão e xarope	Reumatismo, cefaleia, febre, cólicas abdominais, inflamações pulmonares, tosse, expectorante, sudorífica, afrodisíaca, analgésico	Pulmão, garganta, estômago, pele	O emprego medicamentoso desta planta deve ser fruído com o cuidado de evitar o uso das folhas secas qual mal conservadas por causa do risco de modificação química da cumarina, provocada por fungos, que pode transformá-la em dicumarol, substância altamente hemorrágica.
Crajiuru	<i>Fridericia chica</i> (Humb. & Bonpl.) L. G. Lohmann	Bignoniaceae	Nativa		Arbustiva	Altura:			Flores: rosas	Folhas	Chá, decocto	Antiinflamatória, antimicrobiana, lavagem de feridas crônicas, micoses, herpes, adstringente, diarreia sanguinolenta, leucemia, icterícia, anemia, albuminúria, psoríase, enterocolite		
Equinácea	<i>Echinacea purpurea</i> (L.) Moench	Asteraceae (Compositae)	Estados Unidos	Norte, nordeste, centro-oeste e sudeste;	Herbácea	Altura: 0,6m a 0,9m	Meia sombra e regas diárias;	Flor: setembro a março	Flores centrais: marrom-arroxeada Flores externas: rosa-arroxeada	Raízes, rizomas, folhas, hastes e flores	Cápsulas, extratos, tinturas, chá, gargarejo, cataplasma, suco	Cicatrizante, imunestimulante, antiviral, antibacteriano, dor de dente, dor de cabeça, artrites, hemorroidas, doenças venéreas, antialérgico, resfriado, faringite, gripe, inflamação na boca,	Sistema imunológico e respiratório, pele e dentes	
Erva-baleeira	<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	Boraginaceae	Nativa		Arbustiva	Altura: 1,5m a 2,5m			Flores: brancas	Folhas	Chá	Antiinflamatória, antiartrítica, analgésica, tônica, antiulcerogênica, reumatismo, artrite reumatoide, gota, dores musculares, coluna, prostatites, nevralgias, contusões, cicatrização		
Erva-de-Santa-Maria	<i>Chenopodium ambrosoides</i> L.	Amaranthaceae	Nativa		Arbustiva	Altura: até 1m		Flores: agosto a novembro		Folhas	Cataplasma, pó, lambedor, garrafada, chá	Vermes, feridas, contusões, afecções pulmonares, asma, bronquite, catarro crônico, tosse, verminifugo	Pele, pulmão	
Espinheira-santa	<i>Maytenus ilicifolia</i> (Schrad.) Planch	Celastraceae	Nativa		Arbustiva	Altura: até 5m		Flores: junho a fevereiro		Folhas	Chá	Gastrite, úlcera, cicatrizante, antitumoral, constipação intestinal.	Estômago, esôfago, pele, intestino	
Funcho	<i>Foeniculum vulgare</i> (Mill.)	Umbelliferae	Região Mediterrânea		Herbácea	Altura: 1,5m a 2,1m	Iluminação: sol pleno; Irrigação: quando o estiver seco; Solo: bem drenado.		Flores: amarelo; Folhas: verde; Caule: verde; Raiz: esbranquiçada	Sementes, folhas e caule	Chá, extrato	Antiinflamatória, estimulante, relaxante, antiespasmódica, carminativa, vermífuga, digestiva, diurética, expectorante	Estômago, intestinos, útero, bexiga, garganta	
Folha-santa	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Crassulaceae	Madagascar		Herbácea	Altura: 1m a 1,5m	Clima quente, sol pleno ou meia-sombra, irrigação abundante e pouco frequente, solo bem drenado	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas;	Flores: avermelhadas; Folhas e caules: verdes	Folhas	Chás	Antiulcera, antiinflamatória, cicatrizante,	Sistema Gastrointestinal	
Guáco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng	Asteraceae	América do Sul	São Paulo até Rio grande do Sul	Trepadeira	Altura: 2m a 3m de	Solo arenoso e rico em matéria orgânica; manter terra úmida; Sol- pleno ou meia-sombra	Flores na primavera	Folhas: verdes; Flores esbranquiçadas	Folhas	Chá e cataplasma	analgésicas, anti-inflamatórias e antioxidantes, broncodilatador, expectorante	Sistema respiratório	O guaco não é indicado para pessoas com câncer, tuberculose, diabetes e doenças no fígado
Hortelã-gordo	<i>Plectranthusamboinicus</i> (Lour.) Spreng	Lamiaceae	África	Região sul	Herbácea Perene	Altura: 40cm a 1m	Solo rico em matéria orgânica e sempre úmido	Floresce: setembro a março	Folhas: verdes	Folhas	Infusão	Antibacteriana, expectorante, antifebril, anti-inflamatória e antisséptica bucal e da garganta, antitussígena, balsâmica, béquica, diafórica e peitoral.	Sistema respiratório, útero, ouvido, entre outros	
Hortelã-pimenta	<i>Mentha piperita</i> L.	Lamiaceae (Labiatae)	Europa		Herbácea Estolonífera	Altura: 30cm a 60cm	Cultivo por caules de outra planta madura; Manter solo úmido; Iluminação por sol-pleno ou meia-sombra		Flores: brancas, rosas ou roxas	Folhas e Ramos	Sumo, infusão, óleo essencial	Distúrbios gastrintestinais, verminifugo (giardíase e amebíase), gases, analgésica, anti-séptica, antiespasmódica, antiinflamatória, tônica, problemas respiratórios.	Intestinos, estômago, pulmões, garganta, boca	O uso da essência é contra-indicado para bebês, e pessoas com cálculos biliares só devem usar a planta com aconselhamento médico.
Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Asteraceae (Compositae)	Europa	Sul e Sudeste	Arbustiva	Altura: 1m	Solo arenoso	Fruto e flor: setembro a março;	Folhas e caules verdes	Folhas	Chá	Anti-pirética, hipnótica, espasmolítica, antiinflamatória, carminativa, diurética, colagoga, emenagoga, abortiva, anti-helmíntica, aperitiva, expectorante, estimulante, vermífuga.	Fígado, útero, bexiga, estômago, rins, entre outros	O uso prolongado de extratos desta planta pode ocasionar danos neurológicos, transtornos digestivos e renais. A losna não deve ser usada durante a gravidez porque pode provocar aborto, nem em caso de pressão alta
Manjerição	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Ásia	Em regiões Equatorial, Subtropical, Tropical;	Perene	Altura: até 1,5m	Luz solar direta de 4h a 6h por dia; irrigação regular; solo rico em matéria orgânica, drenado e arejado	Flores: entre Dezembro e Fevereiro;	Folhas e caules verdes	Folhas	Chá, óleo, cataplasma	Antiespasmódica, digestiva, diurética, sedativa e antioxidante	Coração, estômago	
Mil-em-ramas	<i>Achillea millefolium</i> L.	Asteraceae (Compositae)	Europa	Regiões tropicais e subtropicais;	Herbácea perene	Altura: 0,3m a 0,5m	Locais ensolarados, férteis e com boa umidade.	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Flores: brancas; Caule: verde; Folhas: verde	Folhas e flores	Infusão	Analgésica, antibiótica, anti-inflamatória, adstringente, anti-reumática, anti-séptica, antimicrobiana, anti-hemorrágica, digestiva, diurética, estimulante e expectorante.	Pele, rins, coração, estômago, fígado, entre outros	Contraindicada na gravidez e em mulheres que estejam amamentando.
Nirá	<i>Allium tuberosum</i>	Amaryllidaceae	Ásia		Herbácea perene	Altura: 0,3m a 0,6m	Semear no final do inverno, transplantar na primavera, não plantar perto de leguminosas		Folhagem: verde-escuro; Caule: esbranquiçada	Flores, Folhas e Bulbo	Culinária (como cebola e aco), sopas, saladas	Antisséptico, adstringente, diurética, fortalecedor do sistema imunológico, cicatrizador	Pulmão, bexiga, estômago	
Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Lamiaceae	Europa, Ásia e Península Arábica	Regiões temperadas	Rasteira	Altura: 0,1m	Locais úmidos ou junto de cursos fluviais; Solos ácidos, com humidade edáfica, permanente ou estacional	Flor: dezembro a junho	Flores: Rosadas; Caule: Arroxeado; Folhas: Verde vivo	Folhas e inflorescências	Óleo essencial, Extrato e Infusão	Carminativa, antiespasmódica, sudorífica, repelente de insetos, inseticida, tratamento de doenças infecciosas (antisséptica), antioxidante, digestiva, colagoga, fungicida, emenagoga, contra amenorria, doenças reumatológicas e respiratórias, gota, coriza, resfriados, dores de cabeça e de menstruação, inflamações cutâneas e doenças de pele, comichão e dor por picadas de insetos	Sistema imunológico, nervoso e gastrointestinal, pulmões, boca e pele	O óleo essencial não deve ser administrado por via interna durante a gravidez (possibilidade de aborto), durante a lactação, a crianças menores de seis anos ou a doentes com sensibilidade gastrointestinal, doença renal ou com doenças neurológicas; O óleo é hepatotóxico e pode ainda provocar danos irreversíveis nos rins quando usado em doses elevadas ou em períodos longos. Em doses acima de 3 g, o óleo essencial é neurotóxico, origina vômitos e até pode provocar depressão cardiopulmonar. Na aplicação tópica pode causar dermatites de contacto
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i>	Lamiaceae	Mediterrâneo	Encontrada no mundo todo	Herbácea perene	Altura: 0,3m a 0,6m	Sol pleno e rega diária;	Flor: dezembro a março	Folhas: Verde acinzentadas; Flores: violáceas (raras)	Folhas	Chá, óleo essencial, extrato	Ansiolítica, relaxante, redutora da lactação, antiglicemiante, antimicrobiana, higiene bucal, combate a leucorréias, cicatrização de feridas, cura de aftas, combate a dores de dente, cura de úlceras, emenagoga, cicatrizante, quimiopreventivo	Sistema reprodutor feminino e hormonal, sistema circulatório, nervoso e gástrico, ganganta e boca	
Terramicina	<i>Alternanthera</i> sp.	Amaranthaceae	Nativa	Norte, Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil	Herbácea perene	Altura: 0,6m a 1,2m	Solos drenados ou encharcados ocupados por lavouras anuais ou perenes	Flor: junho a setembro	Folhas: Variáveis de esverdeadas a arroxeadas; Flores: Branca amarelentas; Ramos: Arroxeados	Folhas	Chá, extrato, banhos e lavagens	Diurética, digestiva, depurativa, analgésica, antimicrobiana, antifúngica, antiviral, hepatoprotetora, antiarreica, contra prisão de ventre, antitumoral, béquica	Fígado e Bexiga	

Quadro elaborado em colaboração com Izabella Stefaisk, Elisa Mariana Obeid, Millena Duarte, graduandas em Arquitetura e Urbanismo, Maria Luiza Barbosa, graduanda em Medicina Veterinária, Maria Luiza da Silva, raizeira e Daniela Ribeiro, raizeira e bióloga.

No levantamento de campo junto da equipe do projeto de extensão “Jardim da Memória: paisagens de cura” foi realizado um passeio na área de intervenção guiado pelas raizeiras Dona Maria e Daniela Ribeiro, também integrantes da equipe.

Figura 72: Passeio para identificação e coleta de espécies medicinais na área de intervenção.



Fonte: LIMA, 2022.

No percurso foram identificadas 43 espécies de plantas medicinais, podendo ser encontradas espontaneamente entre as rochas, cultivadas em vasos, remanescentes do Jardim da Transfiguração ou plantadas recentemente pelas Mulheres Coralinas, como por exemplo, em homenagem aos membros que faleceram vítimas do COVID-19 como ocorreu recentemente. Desse modo, o herbário medicinal referente às reminiscências e apropriações atuais é composto pelas seguintes espécies: açafraão, angico-do-Cerrado, asa-de-andorinha, avenca, babosa, baunilha, beldroega, boldo, bonina-branca, bougainville branco, brilhantina, cajuí, capim-cidreira, capim-serralha, carapiá, catinga-de-bode, chapéu-de-Napoleão, chicá, copaíba, erva-botão, erva-cidreira-do-Cerrado, erva-jaboti, erva-moura, falsa-serralha, flamboyant, folha-santa, guaimbê, mamão, manga, mentrasto, mamica de porca, mucuna, moringa, urtiga, pé-de-galinha, pega-pinto, picão-preto, pimenta-de-macaco, pitanga, quebra-pedra, rosa-branca, salsão e vinca. Destas, 67% são exóticas e 23% são nativas do bioma Cerrado.



Pimenta-de-macaco

Xylopia aromatica (Lam.) Mart.

pele, sistema gastrointestinal e nervoso

ESPÉCIES MEDICINAIS PREEXISTENTES NO JARDIM DA MEMÓRIA														
NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA	ORIGEM	OCORRÊNCIA	TIPO	TAMANHO	NECESSIDADES	SAZONALIDADE	CROMATISMO	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO	PARTE DO CORPO	OBSERVAÇÕES
Açafrão	<i>Curcuma longa</i> L.	Zingiberaceae	Índia	Regiões tropicais	Herbácea	Altura: 1,3m a 1,5m	Solo: Preferência por argilo-arenosos e férteis (adaptável); Iluminação: plena ou pouca sombra	Colheita: entre junho e agosto	Flores: amarelas	Rizomas	Frescos, tintura	Anti-hepatotóxica, anti-hiperlipidêmica, antiinflamatório, disfunções hepáticas, anti-histamínica	Digestório, garganta e faringe	
Angico-do-Cerrado	<i>Anadenanthera falcata</i> .	Fabaceae-Mimosoideae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 20m a 25m	Iluminação: plena; Solo: pouco exigente	Flores: setembro e outubro Frutos: agosto e setembro	Flores: brancas	Entrecasca, resina	Chá, óleo, tintura, lambedor	Tosse, gripe, anti-inflamatório, cicatrizante, cervicite	Garganta, pele, colo do útero	
Asa-de-andorinha					Herbácea									
Avenca														
Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Xanthorrhoeaceae	África	Regiões tropicais e subtropicais	Herbácea	Altura: até 1m	Solo: bem drenado, leve, arenoso ou argiloso; Iluminação: plena, adaptável a meia-sombra	Flores: outono	Flores: amarelas	Folhas	Aplicação local, compressas, massagens	Cicatrizante, antimicrobiana, hemorróidas, contusões e dores reumáticas.	Pele e intestino	Lambedores, xaropes e outros remédios preparados com esta planta, podem causar grave crise de nefrite aguda quando tomados em doses mais altas que as recomendadas, provocando, especialmente em crianças, intensa retenção de água no corpo, que pode ser fatal.
Baunilha														
Beldroega	<i>Portulaca oleraceae</i> L.	Portulacaceae	Norte da África	Caatinga, Mata Atlântica, Amazônia e Cerrado	Herbácea prostrada	Altura: 0,2m a 0,4m	Solos: ricos em matéria orgânica	Flores: período de chuva ou com alta irrigação	Flores: amarela	Toda a planta	Unguento, chá, extrato, uso oral	Sudorífica, emoliente, anti-inflamatória, diurética, vermífuga, antipirética, antibacteriana, em disenteria, enterite aguda, mastite, hemorroidas, cólicas renais, queimaduras, úlceras, emenagoga, diurética, anti-helmíntica, diabetes, problemas digestivos, emoliente, em problemas musculares, tônica, depurativa do sangue, cicatrizante, prevenção de infartos, fortalecimento do sistema imunológico, hipertensiva, relaxante muscular	Rins, pele, fígado, olhos e cabelo	
Boldo, Alumã	<i>Vernonanthura condensata</i> (Baker) H. Rob	Asteraceae (Compositae)	África tropical	Regiões dos trópicos	Arvoreta	Altura: 2m a 4m	Sol pleno; Regar sempre que o solo estiver seco;	Flores: Verão	Flores: brancas	Folhas	Chá	Insuficiência hepática, inflamação da vesícula, analgésico, sífilis, estimula o apetite, distúrbios do fígado e estômago, cole	Vesícula biliar, digestório, fígado, cabeça	
Bonina-branca														
Bougaville branco														
Brilhantina														
Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	Nativa		Arbórea	Altura: 5m a 10m			Flores: vermelhas a púrpura	Entrecasca, goma, LCC	Uso oral, bochechos, gargarejos	Antidiabética, adstringente, anti-diarréica, depurativa, tônica, antiasmática, antisséptico, antiinflamatório, úlceras da boca, afecções da garganta		O LCC (líquido da castanha do caju) causa forte irritação na pele, deixando cicatrizes quase indeléveis.
Capim-cidreira, Capim-santo, Erva-cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Poaceae (Gramineae)	Velho mundo	Regiões Sul e Sudeste do Brasil	Herbácea	Altura: até 1 m	Sol pleno e solo bem drenado;	Sem frutos e inflorescência raras	Folhas: verdes	Folhas	Chá, tintura	Calmante, espasmolítica, analgésico, cólicas uterinas e intestinais, nervosismo, estados de inquietação	Músculos, Sistema nervoso, pele	Recomenda-se cuidado para evitar a presença de microfragmentos da folha no chá, os quais poderiam causar pequenas lesões nas mucosas que revestem o aparelho digestivo, da boca aos intestinos.
Capim-serralha														
Carapiá	<i>Dorstenia cayapia</i> Vell.	Moraceae	Nativa	Cerrado	Herbácea	Comprimento: 0,15-0,25 m	Sol pleno e regas bem recorrentes;	Frutos: Novembro e Dezembro	Folhas: verdes	Folhas, raízes, rizomas, infrutescências	Chá, pó, decocto, compressas locais, cataplasma	Analgésico, antiinflamatório, diaforética, digestiva, diurética, emenagoga, febrífuga, purgativa, tônica, estimulante e estomáquica, picada de cobra, fraturas ósseas	Estômago, intestino, pele, ossos, nervos	
Catinga-de-bode	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Asteraceae (Compositae)				Altura: até 1m			Inflorescências: lilás a branco	Folhas	Chá, pó, decocto, compressas locais	Hemostática, cicatrizante, analgésico, antiinflamatória, antirreumática, cólicas menstruais, dores nas articulações		Considerando a ação hepatotóxica dos alcaloides é recomendável que sejam usados para fins medicinais, somente os espécimes desta planta em estado vegetativo (sem flores).
Chapéu-de-Napoleão														
Chichá	<i>Sterculia striata</i> (St. Hil.) Naud	Sterculiaceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 10m a 15m				Frutos: vermelhos				
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 10m a 25m		Flores: novembro a março Frutos: maio a outubro		Tronco	Óleo	Cicatrizante, antienfarrágico, estimulante anti-sifilítico, bronquite, tosse, cistites, urticária e diarreia	Pele, garganta, brônquios, sistema gastrointestinal	
Erva-botão, Agrião-do-brejo	<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L.	Asteraceae (Compositae)	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbácea	Altura: 0,2m a 0,8m	Sol pleno e pouca rega;	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas;	Inflorescências: brancas Frutos: pretos	Folhas, raízes	Suco	Tosse, bronquite, asma, diarreia, sífilis, propriedades colagoga, tônica, emética, purgativa, desobstruente, antiinflamatória, proteção hepática,	Fígado, pulmão, cabelo, sistema nervoso e circulatório	
Erva-cidreira-do-Cerrado			Nativa											
Erva-jaboti	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Piperaceae	Nativa		Herbácea	Altura: 0,2m a 0,4m			Flores: verdes	Ramos e folhas	Chá, emplastro, compressas locais	Diurético, emoliente, antipruriginoso, tosse, dor de garganta, enfarto do miocárdio, feridas, Chagas, gengivite		

ESPÉCIES MEDICINAIS PREEXISTENTES NO JARDIM DA MEMÓRIA														
NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA	ORIGEM	OCORRÊNCIA	TIPO	TAMANHO	NECESSIDADES	SAZONALIDADE	CROMATISMO	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO	PARTE DO CORPO	OBSERVAÇÕES
Erva-moura	<i>Solanum americanum</i> Mill.	Solanaceae	Nativa		Herbácea	Altura: 0,4m a 0,9m			Flores: brancas Frutos: pretos	Folhas	Chá, decocto, cataplasma	Analgésico, sedativo, narcótica leve, expectorante, anafrodisíaca, diurética, emoliente, depurativa, espasmos da bexiga, dores nas articulações, vermífugo, cicatrizante, eczema, úlceras, excitação nervosa		As folhas cruas e os frutos verdes são venenosos por causa da presença dos glicocaloides, que uma vez hidrolizados no intestino produzem alcalinas, as quais absorvidas pelo organismo produzem sintomas de depressão no sistema nervoso central.
Falsa-serralha, Serralha-brava	<i>Emilia fosbergii</i> Nicolson	Asteraceae (Compositae)	Ásia tropical	Nordeste, Norte e Sudeste	Herbácea	Altura: 0,3m a 0,6m	Sol pleno e bastante rega;	Flores o ano todo	Flores: vermelhas	Raízes, flores, folhas	Chá, compressa	Febriífuga, antiasmática, antiofálmica, asma, bronquite, resfriados, dores do corpo, faringite, amigdalite, diurético, feridas, pruridos, eczemas, chagas, escaras	Pulmão, olhos, pele	
Flamboyant			Nativa											
Folha-santa	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Crassulaceae			Herbácea	Altura: até 1m			Flores: Arroxeadas	Folhas	Xaropes, sumo	Furúnculos, tosse, anexite, gastrite, antialérgicas, antiúlceras e imunossupressivas, contra leishmaniose (especialmente cutânea), inseticida		Não deve ser usada continuamente por risco de hipotireoidismo
Guaimbê	<i>Philodendron selloum</i> Schott ex Endl.	Araceae	Nativa		Arbustiva	Altura: 1,5m	Iluminação: meia-sombra;		Inflorescência: Verde por fora, branco por dentro	Folhas, caule, raízes, sementes, flores	Suco, pó, sementes, decocto, cataplasma	Antirreumática, antialérgica, vesicatória e vulnerária; contra orquite, reumatismo e úlceras, antiparasitária, hidropisia e úlceras externas		
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	América central e Caribe	Regiões subtropicais	Arbustiva	Altura 2m a 3m	Sol pleno, regas periódicas, nos primeiros meses de plantio;	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Flores: creme	Frutos, sementes, látex e raízes	Uso oral, solução do látex, látex puro, sementes secas e moídas, chá	Digestiva, diurética, laxante, asma, diabete, vermífugo, eliminação de sardas, calos e verrugas, emenagoga, antipirética, peitoral, estomáquica, sedativas, calmativas, afecções das vias respiratórias (tosse, bronquites e muco), antibacteriana, anti-helmíntica, alívio da indigestão, redução do ritmo cardíaco, baixar a pressão sanguínea, vasoconstrição, espasmolítico da musculatura lisa, contra amebas	Estômago, fígado, pulmão, pele	Fruto verde: abortivo; Folhas: tóxicas em altas doses
Manga														
Mentrasto	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Asteraceae	Cosmopolita tropical	Cerrado	Herbácea	Altura: até 1m	Áreas úmidas	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Inflorescências: lilás a branca; Frutos: pretos	Folhas	Óleo essencial, tintura, decocto, pó, extrato alcoólico, unguento, compressas, fricções	Hemostática, cicatrizante, inibidor de contrações intestinais, depressor cardíaco, leve inibição de tumores, analgésico, dores de artrose, articulares, de traumatismos e reumáticas, inseticida, anti-inflamatória, antireumática, alívio das cólicas menstruais, como estimulante para ovulação	Pele, intestinos, sistema reprodutor e nervoso	Utilizar espécimes em estado vegetativo devido a possível efeito hepatotóxico
Mamica de porca	<i>Brosimum gaudichadii</i> Trécul	Moraceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Altura: 2m a 8m			Flores: amareladas; Frutos: amarelo-alaranjados	Frutos, raízes, cascas, folhas	Extrato, decocto, uso interno, chá	Vitiligo, manchas de pele, depurativo do sangue, doenças reumáticas, intoxicações crônicas, dermatoses em geral, má circulação sanguínea, gripe, resfriado e bronquite		
Mucuna (feijão preto)														
Moringa	<i>Moringa ovalifolia</i> Dinter & Berger	Moringaceae	África tropical		Arbórea	Altura: até 10m			Flores: esbranquiçadas	Sementes, flores, folhas, raízes	Lavagens, compressas, sumo, uso interno, pomada, extrato	Limpeza de feridas infectadas, gota, dores reumáticas, cicatrizante, rubefaciente local, melhora de apetite, auxílio na digestão, purificador de água, antimicrobiano, bactericida, hipotensora, hipoglicemiante, anti-inflamatória		
Urtiga	<i>Urtica dioica</i> L.	Urticaceae	Europa		Subarbusto	Altura: de 0,4m a 1,2m			Flores: brancas ou amareladas	Folhas, ramos, raízes	Chá, uso oral, extrato	Antireumática, antisséptica, bactericida, adstringente, diurética-depurativa, estimulante circulatório, antianêmica, emenagoga, afrodisíaca, hemostática, hipoglicêmica, hipotensiva, estomáquica, vasodilatadora, vermífuga, estancamento de sangramento, emagrecimento, rinite alérgica crônica, diurética, hiperplasia de próstata		Folhas e ramos com pelos e cerdas com forte ação urticante
Pé-de-galinha														
Pega-pinto, Erva-tostão	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Nyctaginaceae	Nativa	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Herbácea	Altura: 0,5m a 0,7m	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Flores: brancas ou vermelhas	Raízes	Chá, cataplasma	Males do fígado, hepatite, icterícia, pedra na vesícula, diurético, colagoga, mordedura de cobra e bicho-do-pé, hemostática, antiespasmódica	Rins, fígado	
Picão-preto	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae (Compositae)	América tropical		Herbácea	Altura: 0,5m a 1,3m			Frutos: pretos	Folhas, flores, frutos	Chá	Angina, diabetes, diarreia, aftosa, hepatite, laringite, verminose, hidropisia, diurético, emenagoga, febres, blenorragia, leucorreia, problemas do fígado e infecções urinárias e vaginais	Fígado	
Pimenta-de-macaco, Aduncum	<i>Piper aduncum</i> L.	Piperaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Altura: 2m a 4m	Rega diária e sol pleno;	Flores: setembro a novembro Frutos: abril a julho	Flores: brancas Frutos: verde-amarelado	Folhas, raízes, frutos	Chá, tintura	Tônico, carminativo, antiespasmódico, afecções do fígado, vesícula e do baço, picada de cobra, erisipela	Sistema gastrointestinal e nervoso, pele	

ESPÉCIES MEDICINAIS PREEXISTENTES NO JARDIM DA MEMÓRIA														
NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA	ORIGEM	OCORRÊNCIA	TIPO	TAMANHO	NECESSIDADES	SAZONALIDADE	CROMATISMO	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO	PARTE DO CORPO	OBSERVAÇÕES
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Nativa	Cerrado	Arbusto	Altura: 4m a 10m	Rega diária e sol pleno;	Fruto: de Outubro a Janeiro; Flores: junho a dezembro	Frutos: vermelhos, amarelos ou pretos	Frutos, folhas	Uso oral, sucos, geleias, doces, chá, extrato alcoólico	Excitante, febrífuga, aromática, antireumática, antidiarréica, diarreias infantis, verminoses, febres infantis, bronquite, tosse, ansiedade, hipertensão arterial, antimicrobiana	Sistema respiratório, imunológico, intestinos e próstata	
Pluméria (Agoniada)														
Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Phyllanthaceae	América	Região tropical	Erva ruderal	Altura: 0,4m a 0,8m	Solo: qualquer tipo; Insoiação: preferência por baixa radiação	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Folhas verdes	Toda a planta	Uso oral, injeção, cápsulas, chá	Remédio para os rins, para eliminar pedras dos rins, urinar mais; promoção de relaxamento dos ureteres, analgésico, aumenta a filtração glomerular e a excreção de ácido úrico; litíase renal, reumatismo gotoso, hepatite B	Rins	Mesmo sendo considerado eficiente no tratamento de litíase renal é importante avaliar o tamanho das pedras existentes para que não haja a possibilidade de obstrução
Rosa-branca														
Salsão	<i>Apium graveolens</i> L.	Apiaceae (Umbelliferae)	Sul da Europa	Todo o mundo	Herbácea	Altura: 0,3m a 0,6m			Flores: brancas	Toda a planta	Óleo, uso oral, chá	Flatulência, reumatismo, tônica, reduz a pressão sanguínea, alivia a indigestão, estimula a atividade uterina, diurética, anti-inflamatória, sedativa, afrodisíaca, depurativa, excitante, expectorante, febrífuga, antiescorbútica, em cálculos renais, colite crônica, anemia (deficiência de ferro)		
Vinca	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Apocynaceae	Madagascar	Regiões tropicais e subtropicais	Subarbusciva	Altura: até 0,8m	Sol pleno e regas periódicas;	Floração o ano todo;	Flores: brancas ou róseas	Folhas, flores, sementes	Tintura, sumo, chá	Sudorífica, diurética, hipoglicemiante, febrífuga, antileucêmico	Sangue, Rins, Pancreas	As raízes são consideradas tóxicas.

Quadro elaborado em colaboração com Izabella Stefaisk, Elisa Mariana Obeid, Millena Duarte, graduandas em Arquitetura e Urbanismo, Maria Luiza Barbosa, graduanda em Medicina Veterinária, Maria Luiza da Silva, raizeira e Daniela Ribeiro, raizeira e bióloga.

Assim, tendo em mãos as tabelas referentes ao herbário vivo Cerradense, de espécies exóticas e remanescentes, são escolhidas as espécies que entrarão na proposta paisagística do jardim etnobotânico medicinal, com o auxílio de Dona Maria na recepção da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino. Tendo como critério a relevância do uso pela comunidade, aspectos estéticos e sensoriais da morfologia vegetal como floração, frutos, formato das folhas, presença de odores ou a atração de fauna são escolhidas 54 espécies correspondendo a 56% é nativa do bioma Cerrado e 44% exótica.

Tabela 06: Origem das plantas propostas para o projeto paisagístico

NATIVA BIOMA CERRADO	36%
NATIVA BIOMA CERRADO PREEXISTENTE	20%
EXÓTICA	18%
EXÓTICA PREEXISTENTE	26%

Então, para a projeto paisagístico são propostas 54 espécies medicinais, sendo elas: alecrim, algodãozinho-do-campo, angico-do-Cerrado, arruda, artemísia, asa-de-andorinha, babosa, barbatimão, batata infalível, beldroega, boldo, café, cagaita, cajuí, cana-de-macaco, canela-de-velho, capim-cidreira, carapiá, carqueja, chambá, chapéu-de-

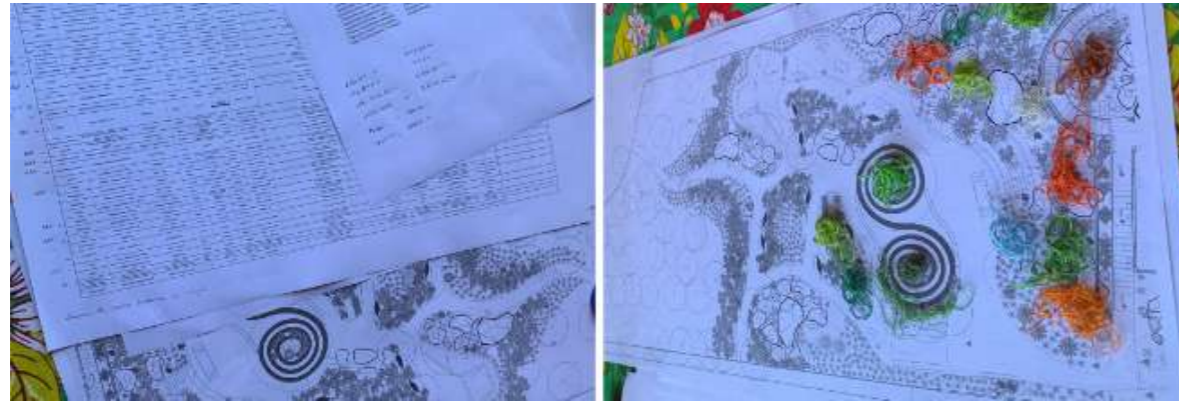
-couro, congonha-de-bugre, equinácea, erva-botão, falsa-serralha, folha-santa, frade, guaco, guaimbê, hortelã-gordo, ipê-amarelo-do-Cerrado, ipê-roxo, jatobá-do-Cerrado, jequitibá-do-Cerrado, lobeira, losna, mamão, manjerição, mentrasto, mil-em-ramas, mulungu, pacari, pé-de-perdiz, pega-pinto, pequi, pimenta-de-macaco, pitanga, poejo, quebra-pedra, rosa-branca, salsaparrilha, sálvia, terramicina e vinca.

Tabela 07: Portes das plantas propostas para o jardim etnobotânico medicinal

ARBÓREA.....	25%
ARBUSTIVA E SUBARBUSTIVA.....	16%
HERBÁCEA.....	19%
OUTROS.....	8%

Além da escolha das espécies foi feita a dinâmica de indicar o local de plantio utilizando linhas emboladas, observada anteriormente a dificuldade de interação com mapas e materiais gráficos utilizando lápis, caneta e adesivos. A dinâmica foi proposta buscando uma forma de comunicação alternativa que mediasse a proposta de desenho da paisagem com a interação da interlocutora na base do desenho da área de intervenção, contudo, não obteve a adesão esperada.

Figura 73: Escolha das espécies medicinais para a proposta do jardim etnobotânico medicinal.



Fonte: LIMA, 2022.

A tentativa de desenho da paisagem junto aos detentores de saberes utilizando de bases impressas e lápis se mostrou ineficiente e com um processo com trocas pouco fluidas sendo provavelmente a imersão na paisagem um método mais familiar ao cotidiano das sujeitas. Pensar a paisagem em consonância com a prática de trabalho das raizeiras, como o plantio, a coleta, identificação de espécies medicinais, significa retornar a natureza.

Asa-de-andorinha

Euphorbia hirta L.

sistema reprodutor, intestinal e respiratório



AMOSTRA DE ESPÉCIES VEGETAIS MEDICINAIS A SEREM UTILIZADAS



Alecim



Algodãozinho-do-campo



Angico-do-Cerrado



Arruda



Artemisia



Asa-de-andorinha



Babosa



Barbatimão



Batata infalível



Beldroega



Boldo alumã



Café



Cagaita



Cajú



Cana-de-macaco



Capim-cidreira



Canela-de-velho



Carapiá



Carqueja



Chambá



Chapéu-de-couro



Congonha-de-bugre



Equinácea



Erva-botão



Falsa-serralha



Folha-santa



Frade



Guaco



Guaimbê



Hortelã-gordo



Ipê-amarelo-do-Cerrado



Ipê-roxo



Jatobá-do-Cerrado



Jequitibá-do-Cerrado



Lobeira



Losna



Mamão



Manjerição



Mentrasto



Mil-em-ramas



Mulungu



Pacari



Pé-de-perdiz



Pega-pinto



Pequi



Pimenta-de-macaco



Pitanga



Poejo



Quebra-pedra



Rosa-branca



Salsaparrilha



Sálvia



Terramicina



Vinca

QUADRO DE ESPÉCIES PROPOSTAS PARA O JARDIM DA MEMÓRIA															
SIGLA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA	ORIGEM	OCORRÊNCIA	TIPO	NECESSIDADES	SAZONALIDADE	CROMATISMO	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO	PARTE DO CORPO	OBSERVAÇÕES	BIBLIOGRAFIA
ROS OFF	Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	Região Mediterrânea	Caatinga	Subarbastivo	Solo rico em calcário (alcalinos); Sem excesso de água e de adubação; Sol pleno;	Flores: de maio a outubro	Flores: Lilás Folhas: verdes	Folhas	Chá	Má digestão, gases no aparelho digestivo, dor de cabeça, dismenorria, diurético, cistite, hemorroidas, hipertensão, perda de apetite, fraqueza e memória fraca	Fígado, sistema reprodutor e nervoso, sistema urinário, circulatório e gastrointestinal	Apesar de ser pouco tóxica, a ingestão de grande quantidade das folhas pode provocar intoxicação com aparecimento de sono profundo, espasmos, gastroenterite, sangue na urina, irritação nervosa e nas doses maiores, morte.	(LORENZI & MATOS, 2008; SILVERIO, 2008)
COC REG	Algodãozinho-do-campo	<i>Cochlospermum regium</i> (Mart.) Pilger	Cochlospermaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Solo bem drenado e com adubação; deixar o solo bem seco até a próxima rega; sol pleno;	Flores: fevereiro a novembro	Flores: amarelas Frutos: marrom	Raiz, casca, sementes	Chá, compressa, garrafada	Purgativa, abcessos, tumores	Sangue		(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
ANA FAL	Angico-do-Cerrado	<i>Anadenanthera falcata</i> .	Fabaceae-Mimosoideae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Iluminação: plena; Solo: pouco exigente	Flores: setembro e outubro Frutos: agosto e setembro	Flores: brancas	Entrecasca, resina	Chá, óleo, tintura, lambedor	Tosse, gripe, anti-inflamatório, cicatrizante, cervicite	Garganta, pele, colo do útero		(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
RUT GRA	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	Europa meridional	Cerrado	Subarbastivo	Luz direta ou meia-sombra; rega moderada; solo drenado;	Floração ocorre em Julho	Flores: amarelas	Folhas, raízes	Chá	Desordens menstruais, inflamações de pele, dor de ouvido, dor de dente, febre, câimbras, doenças do fígado, verminose, contra piolho e dor de dente. Também utilizada tradicionalmente para benzimentos.	Pele, cabelo, sistema reprodutor feminino	O emprego desta planta, tanto por via oral como por via tópica, deve ser revestir de bastante cuidado, por causa de suas ações tóxicas sobre o útero, provocando hemorragia e, sobre a pele, que sensibilizada pelas furanocumarinas pode sofrer severas queimaduras quando exposta ao sol.	(KÖRBES, 2020; LORENZI & MATOS, 2008; SILVERIO, 2008)
ART VUL	Artemísia	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Asteraceae (Compositae)	Ásia	Amazônia	Herbácea	Sol pleno e solo bem drenado;	Flores: julho a setembro	Flores: brancas	Folhas, inflorescências	Chá, aplicação	Analgésica, antiespasmódica, anticonvulsiva, dispepsia, astenia, epilepsia, dores reumáticas, febres, anemias, parasitas intestinais, cólicas intestinais, piolhos e feridas.	Sistema reprodutor feminino, estômago, fígado, intestinos	Contra indicada para gestantes	(LORENZI & MATOS, 2008; SILVERIO, 2008)
TRI DIV	Asa-de-andorinha	<i>Euphorbia hirta</i> L.	Euphorbiaceae	Américas	Regiões tropicais	Herbácea	Solos ricos em nutrientes; Rega constante sem encharcamento; exige pouca iluminação;	Floração: Maio	Inflorescências avermelhadas; Folhas verde escuro-arroxeadas, caule escorpióide	Planta toda	Chá, pó, decoção para banho de assento	Afrodisíaca, laxante, demulcente, vermífuga, depurativa, cicatrizante da mucosa ginecológica, ativadora da fertilidade feminina. Atua contra bronquites, dispnéias, verrugas, amenorréias, leucorréias, parasitoses e	Sistema reprodutor, intestinal e respiratório	Só deve ser utilizada após secagem. Evitar o contato do látex em mucosas.	(CARNEIRO, 2008; CARVALHO & VILARINHO, 2017; RIBEIRO-SOUZA et al., 2010)
XAN VER	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Xanthorrhoeaceae	África	Regiões tropicais e subtropicais	Herbácea	Solo: bem drenado, leve, arenosos ou argilosos; Iluminação: plena, adaptável a meia-sombra	Flores: de março a junho	Folhas cor verde a cinza-esverdeado	Folhas	Aplicação local, compressas, massagens	Cicatrizante, antimicrobiana, hemorroidas, contusões e dores reumáticas.	Pele e intestino	Lambedores, xaropes e outros remédios preparados com esta planta, podem causar grave crise de nefrite aguda quando tomados em doses mais altas que as recomendadas, provocando, especialmente em crianças, intensa retenção de água no corpo, que pode ser fatal.	(LORENZI & MATOS, 2008)
STR ADS	Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado	Arbórea	Rega diária e sol pleno;	Flores: setembro a novembro Frutos: novembro a junho	Flores: creme-esverdeadas	Casca	Chá, garrafada, pomada	Adstringente, cicatrizante, hemostático, afecções do útero, escurbúlicas, gonorréia, hérnia, feridas hemorrágicas, diarreia, gastrite	Pele, sangue, útero, intestino, estômago, esôfago		(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
MAN VEL	Batata infalível	<i>Mandevilla velutina</i>	Apocinaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Rega média; Iluminação: meia-sombra; Solo úmido;	Flores: setembro a abril	Flores rosa claro	Batata, rizoma	Comprimidos, garrafadas	Insuficiência cardíaca, doença de Chagas	Coluna, coração		(LORENZI & MATOS, 2008)
POR OLE	Beldroega	<i>Portulaca oleraceae</i> L.	Portulacaceae	Norte da África	Caatinga, Mata Atlântica, Amazônia e Cerrado	Herbácea	Solos: ricos em matéria orgânica	Flores: período de chuva ou com alta irrigação (dezembro, janeiro e fevereiro)	Flores: amarela	Toda a planta	Unguento, chá, extrato, uso oral	Sudorífica, emoliente, anti-inflamatória, diurética, vermífuga, antipirética, antibacteriana, em disenteria, enterite aguda, mastite, hemorroidas, cólicas renais, queimaduras, úlceras, emenagoga, diurética, anti-helmíntica, diabetes, problemas digestivos, emoliente, em problemas musculares, tônica, depurativa do sangue, cicatrizante, prevenção de infartos, fortalecimento do sistema imunológico, hipertensiva, Insuficiência hepática, inflamação da vesícula, analgésico, sífilis, estimula o apetite, distúrbios do fígado e estômago, cole	Rins, pele, fígado, olhos e cabelo		(LORENZI & MATOS, 2008)
VER CON	Boldo, Alumã	<i>Vernonanthura condensata</i> (Baker) H. Rob	Asteraceae (Compositae)	África tropical	Regiões dos tropicos	Arvoreta	Sol pleno; Regar sempre que que o solo estiver seco;	Flores: dezembro a março	Flores: brancas	Folhas	Chá		Vesícula biliar, digestório, fígado, cabeça		(LORENZI & MATOS, 2008)
COF ARA	Café	<i>Coffea arabica</i> L.	Rubiaceae	África	Cerrado, Amazônia e Mata Atlântica	Arvoreta	Sol pleno e quantidade de água média; bastante rega em fase de floração;	Flores: setembro a março Frutos: abril a junho	Flores: brancas Frutos: vermelho ou amarelo	Sementes, folhas	Infusão, decocto, compressas, banhos	Estimulante, hipoglicemiante, afecções dos olhos, diminui sonolência, fadiga	Sistema nervoso central, rins, músculos, coração, estômago,	O aparecimento de tensão nervosa e ansiedade pode ocorrer com a dose de cinco xícaras; acima destas doses aparecem os sintomas de intoxicação pela cafeína que pode ser fatal com a ingestão de dez ou mais xícaras. Mulheres grávidas ou que estejam amamentando devem evitar o uso do café.	(LORENZI & MATOS, 2008)
EUG DYS	Cagaíta	<i>Eugenia dysenterica</i> (Mart.) DC	Myrtaceae	Nativa	Cerrado	Subarbastivo	Sol pleno; Regar sempre que que o solo estiver seco;	Flores: agosto a setembro Frutos: setembro e outubro	Flores brancas; Fruto amarelo	Folhas, fruto, flores, semente, casca	Óleo, chá, suco	Diarréia, laxante	Coração, rins, intestino		(LORENZI & MATOS, 2008; (BRANDÃO & ROCHA, 2004)

QUADRO DE ESPÉCIES PROPOSTAS PARA O JARDIM DA MEMÓRIA															
SIGLA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA	ORIGEM	OCORRÊNCIA	TIPO	NECESSIDADES	SAZONALIDADE	CROMATISMO	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO	PARTE DO CORPO	OBSERVAÇÕES	BIBLIOGRAFIA
ANA HUM	Cajú	<i>Anacardium humile</i> A. St.-Hil	Anacardiaceae	Nativa	Cerrado	Subarbastiva	Sol pleno e solos bem drenados;	Flores: junho a novembro Frutos: outubro a novembro	Flores brancas; Pseudofruto alaranjado	Fruto verdadeiro, folhas, casca	Óleo, chá, suco, doce	Afecções de pele, diarreia, antissifilítico, tosse, hipoglicemia	Pele, garganta, pâncreas		(LORENZI & MATOS, 2008)
COS SPI	Cana-de-macaco	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Costaceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica, região Amazônica	Herbácea	Sol pleno e regas regulares;	Flores: ano todo	Inflorescências: vermelhas Flores: amarelas	Folhas, hastes, raízes e rizomas	Suco, decocto, infusão	Depurativo, adstringente, diurético, tônico, emenagogo, diaforético, gonorreia, sífilis, nefrite, picadas de insetos, problemas da bexiga e diabetes, irritações vaginais,	Sistema urinário e reprodutor, pele		(LORENZI & MATOS, 2008; SILVERIO, 2008)
MIC ALB	Canela-de-velho	<i>Miconia albicans</i> (SW.)	Melastomataceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Sol sem incidência direta; Rega dia sim dia não;	Flores: setembro a novembro Frutos: novembro a março	Flores brancas e os Frutos rosados;	Folhas	Chá	Anti-inflamatório, dor, tônico, reumatismo	Sangue, articulações		(LORENZI & MATOS, 2008)
CYM CIT	Capim-cidreira, Capim-santo, Erva-cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Poaceae (Gramineae)	Velho mundo	Regiões Sul e Sudeste do Brasil	Herbácea	Sol pleno e solo bem drenado;	Sem frutos e inflorescência raras	Folhas: verdes	Folhas	Chá, tintura	Calmanete, espasmolítica, analgésico, cólicas uterinas e intestinais, nervosismo, estados de intranquilidade, antimicrobiano	Músculos, Sistema nervoso, pele	Recomenda-se cuidado para evitar a presença de microfragmentos da folha no chá, os quais poderiam causar pequenas lesões nas mucosas que revestem o aparelho digestivo, da boca aos intestinos.	(CARNEIRO, 2008; LORENZI & MATOS, 2008; SILVERIO, 2008)
DOR CAY	Carapiá	<i>Dorstenia cayapia</i> Vell.	Moraceae	Nativa	Cerrado	Herbácea	Sol pleno e regas bem recorrentes;	Frutos: Novembro e Dezembro	Folhas: verdes	Folhas, raízes, rizomas, infrutescências	Chá, pó, decocto, compressas locais, cataplasma	Analgésico, anti-inflamatório, diaforética, digestiva, diurética, emenagoga, febrífuga, purgativa, tônica, estimulante e estomáquica, picada de cobra, fraturas ósseas	Estômago, intestino, pele, ossos, nervos		(LORENZI & MATOS, 2008; SILVERIO, 2008)
BAC CRI	Carqueja	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	Asteraceae (Compositae)	Nativa	Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa	Subarbastiva	Sol pleno, solo úmido (não enxarcado) e regas médias;	Flor: Outubro a março. Fruta: Dezembro a abril.	Inflorescências: brancas	Folhas, hastes	Chá	Tônico, febre, problemas hepáticos, disfunções estomacais e intestinais, úlcera, diabetes, malária, anginas, anemia, diarreias, garganta inflamada, vermes	Vesícula, fígado, pâncreas, estômago, intestinos, garganta		(LORENZI & MATOS, 2008)
JUS PEC	Chambá	<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophylla</i> Leonard	Acanthaceae	Região Tropical da América Latina	Região Amazônica	Herbácea	Iluminação: meia sombra ou sol pleno; Irrigação: Regulares, mantendo solo úmido; Solo: rico em matéria orgânica e drenável.	Flores e Frutos: dezembro a março	Flores: violetas	Folhas e flores	Infusão e xarope	Reumatismo, cefaleia, febre, cólicas abdominais, inflamações pulmonares, tosse, expectorante, sudorífica, afrodisíaca, analgésico	Pulmão, garganta, estômago, pele	O emprego medicamentoso desta planta deve ser feito com o cuidado de evitar o uso das folhas secas qual mal conservadas por causa do risco de modificação química da cumarina, provocada por fungos, que pode transformá-la em dicumarol, substância altamente hemorrágica.	(LORENZI & MATOS, 2008)
PAL RIG	Chapéu-de-couro	<i>Palicourea rigida</i> H. B. K.	Rubiaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Sol pleno e pouca necessidade de água;	Flores: setembro a janeiro Frutos: março a junho	Flores: amarelas	Folhas	Chá	Diurético, catarro, bronquite e moléstias pulmonares	Pulmão, brônquios		(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
RUD VIB	Congonha-de-bugre	<i>Rudgea viburnoides</i> (Cham.) Benth.	Rubiaceae	Nativa	Cerrado	Arbórea	Sol pleno e regas diárias;	Flores: agosto a setembro Frutos: junho e julho	Flores: brancas	Folhas	Chá	Pressão alta, diurético, doença de Chagas	Coração, rins		(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
ECH PUR	Equinácea	<i>Congonha-de-bugre</i> (L.) Moench	Asteraceae (Compositae)	Estados Unidos	Norte, nordeste, centro-oeste e sudeste;	Herbácea	Meia sombra e regas diárias;	Flor: setembro a março	Flores centrais: marrom-arroxeadas Flores externas: rosa-arroxeadas	Raízes, rizomas, folhas, hastes e flores	Cápsulas, extratos, tinturas, chá, gargarejo, cataplasma, suco	Cicatrizante, imunestimulante, antiviral, antibacteriano, dor de dente, dor de cabeça, artrites, hemorroidas, doenças venéreas, antialérgico, resfriado, faringite, gripe, inflamação	Sistema imunológico e respiratório, pele e dentes		(LORENZI & MATOS, 2008; LORENZI & MATOS, 2021)
ECL PRO	Erva-botão, Agrião-do-brejo	<i>Eclipta prostrata</i> (L.) L.	Asteraceae (Compositae)	Nativa	Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa, Pantanal	Herbácea	Sol pleno e pouca rega;	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas;	Inflorescências: brancas Frutos: pretos	Folhas, raízes	Suco, tintura, chá	Tosse, bronquite, asma, diarreia, sífilis, propriedades colagoga, tônica, emética, purgativa, desobstruente, anti-inflamatória, proteção hepática,	Fígado, pulmão, cabelo, sistema nervoso e circulatório		(CARNEIRO, 2008; LORENZI & MATOS, 2008; SILVERIO, 2008)
EMI FOS	Falsa-serralha, Serralha-brava	<i>Emilia fosbergii</i> Nicolson	Asteraceae (Compositae)	Ásia tropical	Nordeste, Norte e Sudeste	Herbácea	Sol pleno e bastante rega;	Flores o ano todo	Flores: rosa	Raízes, flores, folhas	Chá, compressa, sumo fresco	Febrífuga, antiasmática, antioftálmica, asma, bronquite, resfriados, dores do corpo, faringite, amigdalite, diurético, feridas, pruridos, eczemas, chagas, escaras	Pulmão, olhos, pele		(KÖRBES, 2002; LORENZI & MATOS, 2008)
KAL PIN	Folha-santa	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers.	Crassulaceae	Madagascar	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas;	Herbácea	Clima quente, sol pleno ou meia-sombra, irrigação abundante e pouco frequente, solo bem drenado	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas;	Flores: avermelhadas; Folhas e caules: verdes	Folhas	Chás	Antiulcera, anti-inflamatória, cicatrizante,	Sistema Gastrointestinal		(LORENZI & MATOS, 2008)
CAS SYL	Frade	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Salicaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Regas periódicas no início do pegamento da muda e na época de frutificação. Sol pleno	Flores: maio Frutos: junho	Flores cor creme e fruto vermelho;	Folhas, entrecasca, raiz	Chá	Queimaduras, ferimentos, herpes, tônico, depurativo, reumatismo, anti-inflamatório, analgésico, hemostático, gastrite, estomatite, gengivite, aftas, halitose	Pele, sangue, boca, estômago, intestino		(LORENZI & MATOS, 2008);
MIK GLO	Guaco	<i>Mikania glomerata</i> Spreng.	Asteraceae	Nativa	Cerrado	Trepadeira	Solo arenoso e rico em matéria orgânica; manter terra úmida; Sol pleno ou meia-sombra	Flores: setembro a dezembro	Flores: esbranquiçadas	Folhas	Chá e cataplasma	analgésicas, anti-inflamatórias e antioxidantes, broncodilatador, expectorante	Sistema respiratório	O guaco não é indicado para pessoas com câncer, tuberculose, diabetes e doenças no fígado	(LORENZI & MATOS, 2008)
PHI SEL	Guaiambê, imbê, imbê	<i>Philodendron selloum</i> Schott ex Endl.	Araceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Iluminação: meia-sombra	Fruto: dezembro a fevereiro Flores: dezembro a março	Inflorescência: Verde por fora, branco por dentro	Folhas, caule, raízes, sementes, flores	Suco, pó, sementes, decocto, cataplasma, tintura, banhos	Antirreumática, analgésica, vesicatória e vulnerária; contra orquite, reumatismo e úlceras, antiparasitária, hidropisia e úlceras externas	Pele, articulações, intestino		(LORENZI & MATOS, 2008; SILVERIO, 2008)
PLE AMB	Hortelã-gordo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Lamiaceae	África	Região sul	Herbácea	Solo rico em matéria orgânica e sempre úmido	Floresce: setembro a março	Folhas: verdes	Folhas	Infusão	Antibacteriana, expectorante, antifebril, anti-inflamatória e antisséptica bucal e da garganta, antitussígena, balsâmica, béquica, diaforética e peitoral.	Sistema respiratório, útero, ouvido, entre outros		(LORENZI & MATOS, 2008)
TAB AUR	Ipê-amarelo-do-Cerrado	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S. Moore	Bignoniaceae	Nativa	Cerrado, Caatinga, Pantanal	Arbórea	Sol pleno e regas diárias;	Flores: agosto e setembro	Flores: amarelas	Casca, folhas, entrecasca	Chá, lambedor	Gripe, resfriado, inflamações em geral, purgativo, antissifilíticas	Nariz, garganta, intestino		(LORENZI & MATOS, 2008); (BRANDÃO & ROCHA, 2004)

QUADRO DE ESPÉCIES PROPOSTAS PARA O JARDIM DA MEMÓRIA															
SIGLA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA	ORIGEM	OCORRÊNCIA	TIPO	NECESSIDADES	SAZONALIDADE	CROMATISMO	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO	PARTE DO CORPO	OBSERVAÇÕES	BIBLIOGRAFIA
TAB IMP	Ipê-roxo	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos.	Bignoniaceae	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica	Árborea	Sol pleno e regas diárias;	Flores: julho a agosto Frutos: agosto a outubro	Flores: rosas ou arroxeadas	Entrecasca	Chá	Reumatismo, adstringente, anti-inflamatório e anti-herpética.	Sangue, boca, garganta, articulações		(LORENZI & MATOS, 2008); (BRANDÃO & ROCHA, 2004)
HYM STI	Jatobá-do-Cerrado	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado, Floresta Amazônica Tropical	Árborea	Sol pleno; Solo levemente úmido, pode ser regada uma vez por semana	Flores: abril a agosto	Flores: creme	Resina, casca	Chá	Cistite, prostatite e hemorragia	Próstata		(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
CAR EST	Jequitibá-do-Cerrado	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	Lecythidaceae	Nativa	Cerrado	Árborea	Sol pleno e regas diárias;	Flores: outubro a janeiro Frutos: agosto a outubro	Flores: brancas	Casca	Chá	Adstringente, diarreias, anginas, leucorreias, hemorragias uterinas, afecções da boca e da garganta	Amígdalas, boca, intestino		(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
SOL LYC	Lobeira	<i>Solanum lycocarpum</i> St. Hil	Solanaceae	Nativa	Cerrado	Árborea	Sol pleno; Prefere solo ligeiramente seco, regar 1 vez por semana;	Flores: setembro a novembro	Flores: roxas	Flores, fruto	Lambedor	Bronquite, asma, diabetes	Trato respiratório, sangue, pâncreas		(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
ART ABS	Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Asteraceae (Compositae)	Europa	Sul e Sudeste	Arbustiva	Solo arenoso. Sol pleno	Fruto e flor: stembro a março;	Folhas e caules verdes	Folhas	Chá	Anti-pirética, hipnótica, espasmolítica, anti-inflamatória, carminativa, diurética, colagoga, emenagoga, abortiva, anti-helmíntica, aperitiva, expectorante, estimulante, vermífuga.	Fígado, útero, bexiga, estômago, rins, entre outros	O uso prolongado de extratos desta planta pode ocasionar danos neurológicos, transtornos digestivos e renais. A losna não deve ser usada durante a gravidez porque pode provocar aborto, nem em caso de pressão alta	(LORENZI & MATOS, 2008)
CAR PAP	Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	América central e Caribe	Regiões subtropicais	Arbustiva	Sol pleno, regas periódicas, nos primeiros meses de plantio;	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Flores: creme	Frutos, sementes, látex e raízes	Uso oral, solução do látex, látex puro, sementes secas e moídas, chá	Digestiva, diurética, laxante, asma, diabete, vermífugo, eliminação de sardas, calos e verrugas, emenagoga, antipirética, peitoral, estomáquica, sedativas, calmativas, afecções das vias respiratórias (tosses, bronquites e muco), antibacteriana, anti-helmíntica, alívio da indigestão, redução do ritmo cardíaco, baixar a pressão sanguínea, vasoconstrição, espasmolítico da musculatura lisa, contra amebas	Estômago, fígado, pulmão, pele	Fruto verde: abortivo; Folhas: tóxicas em altas doses	(LORENZI & MATOS, 2008); (LORENZI & MATOS, 2021)
OCI BAS	Manjeriço	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Lamiaceae	Ásia	Em regiões Equatorial, Subtropical, Tropical;	Herbácea	Luz solar direta de 4h a 6h por dia; irrigação regular; solo rico em matéria orgânica, drenado e arejado	Flores: entre Dezembro e Fevereiro;	Folhas e caules verdes	Folhas	Chá, óleo, cataplasma	Antiespasmódica, digestiva, diurética, sedativa e antioxidante	Coração, estômago		(LORENZI & MATOS, 2008)
AGE CON	Mentrasto	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Asteraceae	Nativa	Cerrado	Herbácea	Áreas úmidas. Meia sombra e sombra.	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Inflorescências: lilás a branca; Frutos: pretos	Folhas	Óleo essencial, tintura, decocto, pó, extrato alcoólico, unguento, compressas, fricções	Hemostática, cicatrizante, inibidor de contrações intestinais, depressor cardíaco, leve inibição de tumores, analgésico, dores de artrose, articulares, de traumatismos e reumáticas, inseticida, anti-inflamatória, antireumática, alívio das cólicas menstruais, como estimulante	Pele, intestinos, sistema reprodutor e nervoso	Utilizar espécimes em estado vegetativo devido a possível efeito hepatotóxico	(LORENZI & MATOS, 2008)
ACH MIL	Mil-em-ramas	<i>Achillea millefolium</i> L.	Asteraceae (Compositae)	Europa	Regiões tropicais e subtropicais;	Herbácea	Locais ensolarados, férteis e com boa umidade.	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Flores: brancas	Folhas e flores	Infusão	Analgésica, antibiótica, anti-inflamatória, adstringente, anti-reumática, anti-séptica, antimicrobiana, anti-hemorragica, digestiva, diurética, estimulante e expectorante	Pele, rins, coração, estômago, fígado, entre outros	Contraindicada na gravidez e em mulheres que estejam amamentando.	(LORENZI & MATOS, 2008)
ERY FUS	Mulungu	<i>Erythrina fusca</i> Loureiro	Fabaceae (Leguminosae)	Nativa	Cerrado, Mata Atlântica	Árborea	Sol pleno e rega diária;	Flores: maio a setembro	Flores: alaranjado-coral	Casca	Chá	Sedativo de ação suave, tosse	Garganta, sistema nervoso		(LORENZI & MATOS, 2008); (BRANDÃO & ROCHA, 2004)
LAF PAC	Pacari	<i>Lafoensia pacari</i> St. Hil	Lythraceae	Nativa	Cerrado	Árborea	Sol pleno e rega diária;	Flores: março a outubro Frutos: abril a agosto	Flores: brancas	Casca, raiz	Tintura	Cicatrizante, antifebril, tônico	Pele		(LORENZI & MATOS, 2008); (BRANDÃO & ROCHA, 2004)
CRO ANT	Pé-de-perdiz	<i>Croton antisiphiliticus</i>	Euphorbiaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Rega moderada; Meia sombra;	Flores: maio a novembro	Folhas com tons de verde, amarelo, vermelho e alaranjado dependendo da época;	Folhas, raiz	Garrafada, pó, chá, pomada, pilulas	Anti-inflamatório, depurativo, reumatismo, doenças sexualmente transmissíveis	Sangue, útero, ovário, próstata		(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
BOE DIF	Pega-pinto, Erva-tostão	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Nyctaginaceae	Nativa	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Herbácea	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Flores: brancas ou vermelhas	Raízes	Chá, cataplasma	Males do fígado, hepatite, icterícia, pedra na vesícula, diurético, colagoga, mordedura de cobra e bicho-do-pé, hemostática, antiespasmódica	Rins, fígado		(LORENZI & MATOS, 2008)
CAR BRA	Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Caryocaraceae	Nativa	Cerrado	Árborea	Sol pleno, regas periódicas, nos primeiros meses de plantio;	Flores: agosto a novembro Frutos: novembro a fevereiro	Flores: creme	Folhas, fruto	Pomada	Gripes, resfriados	Nariz, garganta		(LORENZI & MATOS, 2008); (BRANDÃO & ROCHA, 2004)
PIP ADUN	Pimenta-de-macaco, pindaíba	<i>Xylopiya aromatica</i> (Lam.) Mart.	Annonaceae	Nativa	Cerrado	Arbustiva	Rega diária e sol pleno;	Flores: setembro a novembro Frutos: abril a julho	Flores: brancas Frutos: verde-amarelado	Folhas, raízes, frutos, casca, semente	Chá, tintura	Tônico, carminativo, antiespasmódico, afecções do fígado, vesícula e do baço, picada de cobra, erisipela	Sistema gastrointestinal e nervoso, pele		(LORENZI & MATOS, 2008); (BRANDÃO & ROCHA, 2004); (SILVEIRO, 2008)

QUADRO DE ESPÉCIES PROPOSTAS PARA O JARDIM DA MEMÓRIA															
SIGLA	NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	FAMÍLIA	ORIGEM	OCORRÊNCIA	TIPO	NECESSIDADES	SAZONALIDADE	CROMATISMO	PARTE UTILIZADA	FORMA DE USO	INDICAÇÃO	PARTE DO CORPO	OBSERVAÇÕES	BIBLIOGRAFIA
EUG UNI	Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	Mata Atlântica	Cerrado	Arbustiva	Rega diária e sol pleno;	Fruto: de Outubro a Janeiro; Flores: junho a dezembro	Frutos: vermelhos, amarelos ou pretos	Frutos, folhas	Uso oral, sucos, geleias, doces, chá, extrato alcoólico	Excitante, febrífuga, aromática, antireumática, antidiarreica, diarreias infantis, verminoses, febres infantis, bronquite, tosse, ansiedade, hipertensão arterial, antimicrobiana. Suas folhas são eficazes contra problemas de próstata e pulmão, combatem diabetes, reumatismo e	Sistema respiratório, imunológico, intestinos e próstata		(LORENZI & MATOS, 2008; SILVERIO, 2008)
MEN PUL	Poejo	<i>Mentha pulegium</i>	Lamiaceae	Europa, Ásia e Península Arábica	Regiões temperadas	Rasteira	Locais úmidos ou junto de cursos fluviais; Solos ácidos, com humidade edáfica, permanente ou estacional. Sol pleno e meia sombra.	Flor: dezembro a junho	Flores: Rosadas; Caule: Arroxeados; Folhas: Verde vivo	Folhas e inflorescências	Óleo essencial, Extrato e Infusão	Carminativa, antiespasmódica, sudorífica, repelente de insetos, inseticida, tratamento de doenças infecciosas (antisséptica), antioxidante, digestiva, colagoga, fungicida, emenagoga, contra amenorréia, doenças reumatológicas e respiratórias, gota, coriza, resfriados, dores de cabeça e de menstruação, inflamações cutâneas e doenças de pele, comichão e dor por picadas de insetos	Sistema imunológico, nervoso e gastrointestinal, pulmões, boca e pele	O óleo essencial é hepatotóxico e não deve ser administrado por via interna durante a gravidez (possibilidade de aborto), durante a lactação, a crianças menores de seis anos ou a doentes com sensibilidade gastrointestinal, doença renal ou com doenças neurológicas. Em doses acima de 3 g., o óleo essencial é neurotóxico, origina vômitos e até pode provocar depressão cardiorrespiratória. Na aplicação	(GUEDES, 2015; SILVERIO, 2008)
PHY NIR	Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Phyllanthaceae	América	Região tropical	Erva ruderal	Solo: qualquer tipo; Insolação: preferência por baixa radiação	Literatura não encontrada nas fontes pesquisadas	Folhas verdes	Toda a planta	Uso oral, injeção, cápsulas, chá	Remédio para os rins, para eliminar pedra dos rins, urinar mais; promoção de relaxamento dos ureteres, analgésico, aumenta a filtração glomerular e a excreção de ácido úrico; litíase renal, reumatismo gotoso, hepatite B	Rins	Mesmo sendo considerado eficiente no tratamento de litíase renal é importante avaliar o tamanho das pedras existentes para que não haja a possibilidade de obstrução	(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
ROS ALB	Rosa-branca	<i>Rosa alba</i> L.	Rosaceae	Desconhecida	Centro-oeste	Arbustiva	Sol pleno e solo bem drenado, regas moderadas	Flor: dezembro a junho	Flores brancas	Flor	Chá, óleo essencial, conserve	anti-inflamatória, adstringente, antialérgica, antioxidante, cicatrizante, antisséptica, tônica, antidiarreica, imunostimuladora e calmante	Sistema nervoso, sistema imune, intestino		(LORENZI & MATOS, 2008);
SMI ASP	Salsaparrilha	<i>Smilax aspera</i> L.	Smilacaceae	Nativa	Cerrado	Trepadeira	Sol pleno e frequente durante a semana	Fruto: agosto a novembro Flor: dezembro a junho	Fruto vermelho escuro Flores: esbranquiçadas	Raiz	Chá, garrafada, pó	Depurativo, feridas, sífilis, reumatismo	Sangue, pele		(BRANDÃO & ROCHA, 2004)
SAL OFF	Sálvia	<i>Salvia officinalis</i>	Lamiaceae	Mediterrâneo	Encontrada no mundo todo	Herbácea	Sol pleno e rega diária;	Flor: dezembro a março	Folhas: Verde acinzentadas; Flores: violáceas (raras)	Folhas	Chá, óleo essencial, extratos	Ansiolítica, relaxante, redutora da lactação, antiglicemiante, antimicrobiana, higiene bucal, combate a leucorréias, cicatrização de feridas, cura de aftas, combate a dores de dente, cura de úlceras, emenagoga, cicatrizante, quimiopreventivo	Sistema reprodutor feminino e hormonal, sistema circulatório, nervoso e gástrico, ganglions e boca		(KÖRBES, 2002; MALAQUIAS, 2014)
ALT	Terramicina	<i>Alternanthera dentata</i> (Moench.) Stuehlik ex R.E.Fr.	Amaranthaceae	Nativa	Norte, Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil	Herbácea	Solos drenados ou encharcados ocupados por lavouras anuais ou perenes. Prospera em condições úmidas e é tolerante ao calor. Prefere pleno sol ou sombra parcial.	Flor: junho a setembro	Flores: Branca amarelentas; Ramos: Arroxeados	Folhas e flores	Chá, extrato, banhos e lavagens	Diurética, digestiva, depurativa, analgésica, antimicrobiana, antifúngica, antiviral, hepatoprotetora, antidiarreica, contra prisão de ventre, antitumoral, béquica antiinflamatória, antialérgica e antioxidante	Fígado e Bexiga		(ALENCAR et al., 2015; PEREIRA, 2007; WIKIWAND, 2021)
CAT ROS	Vinca	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Apocynaceae	Madagascar	Regiões tropicais e subtropicais	Subarbustiva	Sol pleno e meia sombra. Regas periódicas;	Floração o ano todo;	Flores: brancas ou róseas	Folhas, flores, sementes	Tintura, sumo, chá	Sudorífica, diurética, hipoglicemiante, febrífuga, antileucêmico	Sangue, Rins, Pancreas	As raízes são consideradas tóxicas. As doses para o preparo do chá dependem de alguns fatores como idade e estado de saúde.	(LORENZI & MATOS, 2008);

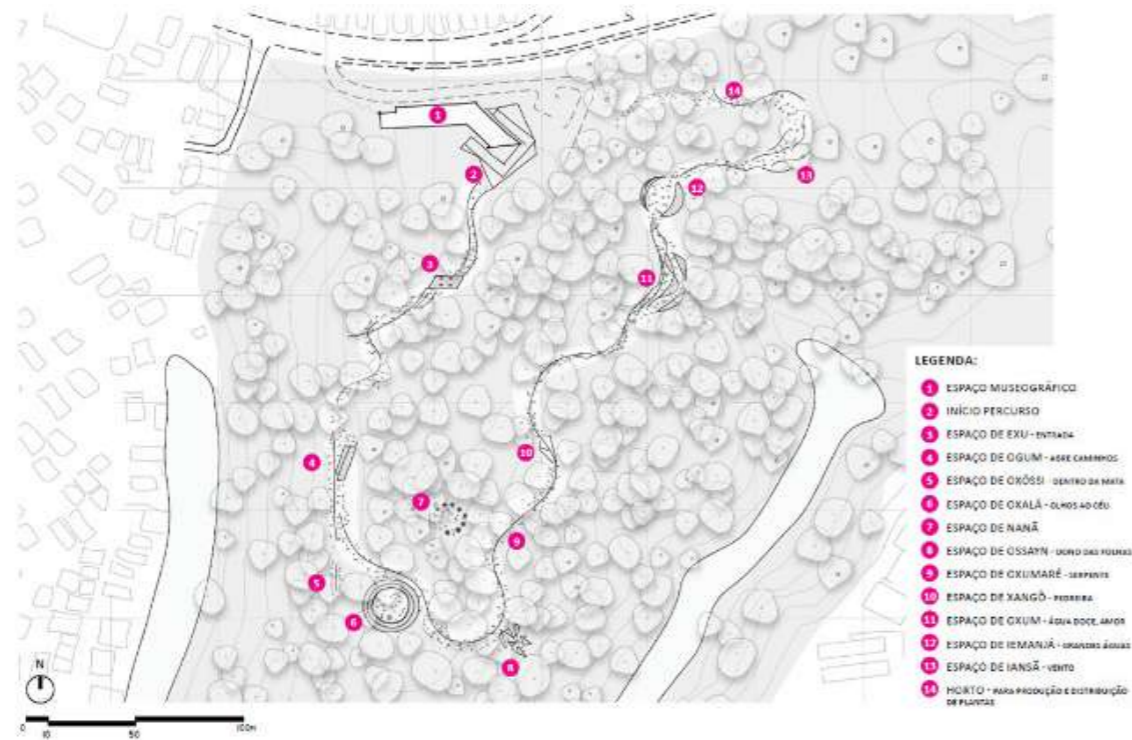
Quadro elaborado em colaboração com Izabella Stefaisk, Elisa Mariana Obeid, Millena Duarte, graduandas em Arquitetura e Urbanismo, Maria Luiza Barbosa, graduanda em Medicina Veterinária, Maria Luiza da Silva, raizeira e Daniela Ribeiro, raizeira e bióloga.

5.2 Inspirações

Jardim Etnobotânico de Salvador

Localizado dentro do Jardim Botânico de Salvador, em área definida pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, em 2016 e protegida pela Prefeitura com base na Lei de Preservação do Patrimônio Cultural do Município (8.550/2014), o Jardim Etnobotânico de Salvador conta com uma área total de 160.000 m², sendo 2.000 m² de área construída. Implantado em 2019, atualmente o projeto possui 61 mil plantas de diversos biomas distribuídos em doze espaços considerados sagrados pelo candomblé. As plantas cultivadas no Jardim Etnobotânico são utilizadas para fins religiosos, medicinais e alimentares, atendendo às comunidades que vivem próximas à área.

Figura 76: Espaços dos Orixás no Jardim Etnobotânico de Salvador.

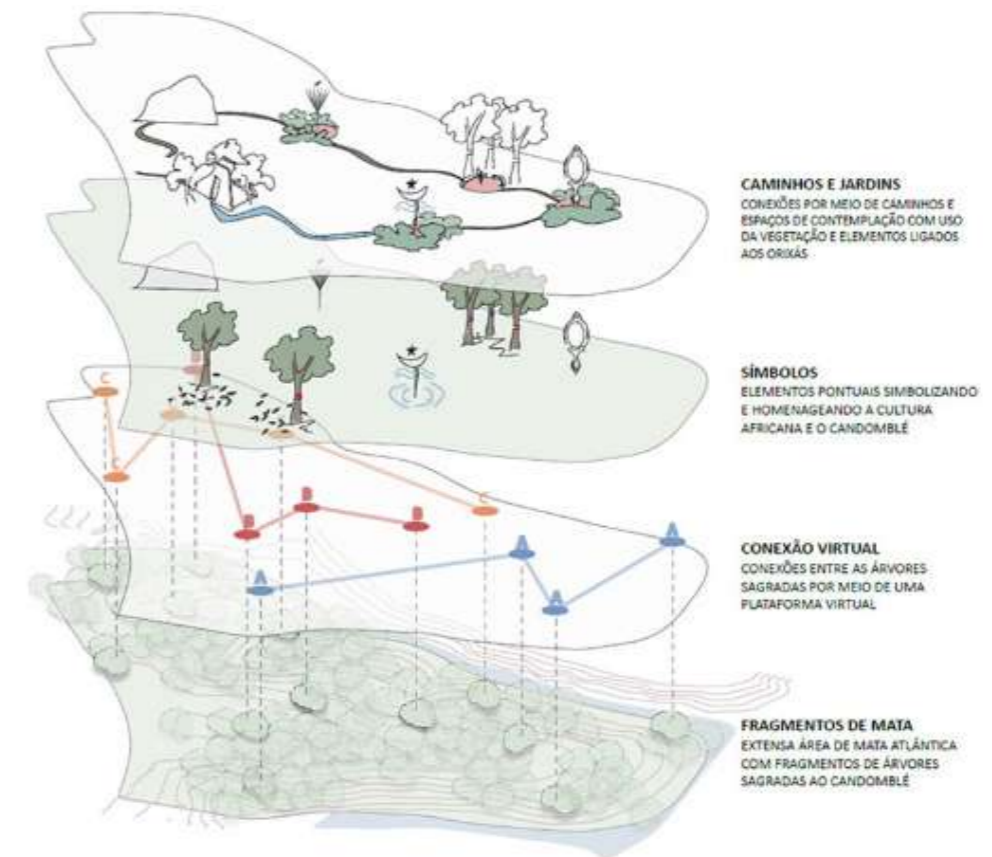


Fonte: Escritório Embyá: paisagens e ecossistemas.

O projeto para o Jardim Etnobotânico de Salvador envolveu a pesquisa de espécies botânicas com importância para as culturas afro-brasileiras, incorporando-as na composição de jardins e no percurso educativo proposto. Seu programa de necessidades é

composto por: viveiro de plantas, setor de programas e pesquisas, laboratórios, espaço de coleções vivas, acervo científico, salas administrativas e de curadoria, herbário, auditório, e área semicoberta para atividades diversas com arquibancada. Existe também espaço digital, hall de exposições e trilha.

Figura 77: Metodologia de camadas adotada no desenho do projeto.



Fonte: Escritório Embyá: paisagens e ecossistemas.

Figura 78: Plantio de árvores de espécies sagradas do candomblé como Aroeira, Peregun, Akoko e Espada de Iansã, entre outras mudas que foram doadas pelo povo de Santo que mora na região.

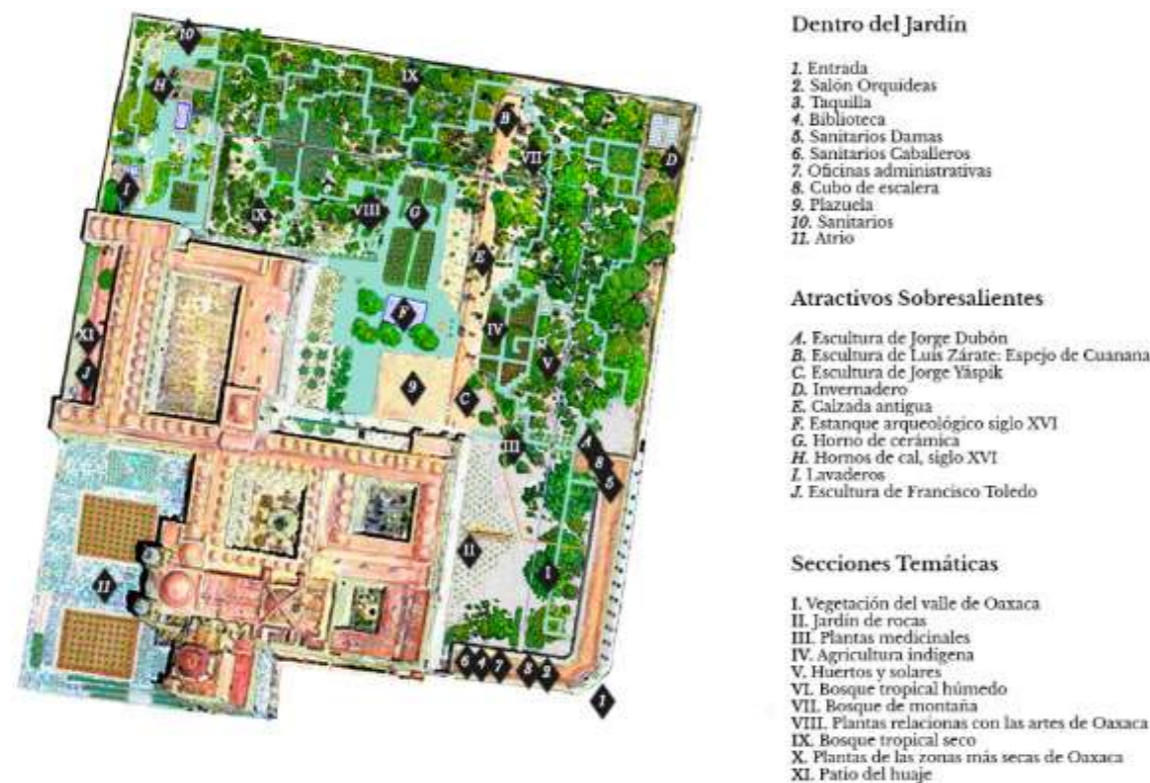


Fonte: Bruno Concha/Secom-PMS.

Jardín Etnobotánico de Oaxaca

O Jardim Etnobotânico de Oaxaca, no México, faz parte do Centro Cultural Santo Domingo, localizado no antigo convento construído nos séculos XVI e XVII para os frades dominicanos e no antigo pomar está o terreno do Jardim. Na época colonial houveram outras utilizações ligadas ao convento, como indicam algumas reminiscências restauradas no interior do Jardim como canais de rega e drenagem, lagoas, fornos de cal, lavanderia, forno cerâmico e estrada asfaltada para os vagões que forneciam comida e combustível. No espaço há também um viveiro, um banco de sementes, um herbário e uma biblioteca aberta aos visitantes. A visita ao Jardim só pode ser realizada por meio de um tour guiado.

Figura 79: Planta baixa do Jardim Etnobotánico de Oaxaca.



Fonte: Disponível em: <<http://jardinoaxaca.mx/mapa-del-jardin-2/>>. Acessado em: 15. out. 2021.

O Jardim representa a grande biodiversidade de climas, formações geológicas e tipos de vegetações nativas no Estado de Oaxaca com plantas oriundas tanto de climas áridos como úmidos, de baixos trópicos e de zonas temperadas e frias montanhosas. Com início do plantio em julho de 1998, as espécies presentes no projeto possuem relevân-

cia cultural para o povo de Oaxaca, com utilizações diversas como alimento, medicinal, corante, entre outros. O Jardim possui área de 2,32 hectares destes 2,10 hectares são de área plantada até o momento, nessa extensão há 950 espécies plantadas, o que corresponde a 10% da flora do Estado de Oaxaca, com 118 famílias botânicas, 472 gêneros e mais de 7.500 plantas individuais.

Figura 80: A direita, algumas das coleções botânicas. À esquerda, visitas guiadas realizadas.



Fonte: Disponível em: <<http://jardinoaxaca.mx/colecciones/>>. Acessado em: 15. out. 2021.

Nesse sentido, além da imensa diversidade botânica, o Jardim ainda mostra a relação da vegetação com as culturas presentes, sendo Oaxaca o estado que se vive a maioria das etnias e onde se fala mais línguas indígenas no México, é também o estado onde existem mais espécies de plantas e animais. Ainda são realizados trabalhos de pesquisa, educação e conservação sobre a flora com relevância para a etnobotânica do Estado.



5.3 O Jardim da Memória

Gilles Clément (1999b), paisagista e agrônomo francês, no seu conceito de “*jardin planetarie*” entende que os recursos terrestres são finitos, como o de um jardim e cada cidadão na sua prática diária tem um papel fundamental na sua proteção e conservação (CLÉMENT, 1999b). Dessa forma, identificar, estudar e promover os saberes populares contribuirá para a promoção de uma relação mais equilibrada entre homem e natureza, onde o jardim etnobotânico medicinal compartilhado auxiliará no processo de difusão e sensibilização da importância do patrimônio material e imaterial terapêutico da paisagem Cerradense.

O resgate do saber medicinal com plantas pode ocorrer através de diferentes figuras como bisavós, avós, mães, encantados, orixás, entre outras, e são transmitidos através de relatos, histórias, conversas, sonhos, sugestões e sinais de modo que esses saberes se fazem presentes na vida cotidiana quando são necessários e são ressignificados constantemente pela sociedade. A memória viva que acompanha os processos de transformações da sociedade e é transformada por ela compõe parte da identidade desses praticantes que por sua vez está atrelada às noções de pertencimento com o território, em que a paisagem é o referencial para entendimento do “eu” e do “outro”.

O Jardim da Memória incorpora as reminiscências, os novos usos e as demais transformações como registros da memória do lugar, evidenciada pelas camadas encontradas na paisagem modificada pelo tempo e pelo movimento da natureza. Assim, o desenho da paisagem proposto recupera e entrelaça os traçados ordenadores reminiscentes deste jardim (forma, ocupação e materialidade) com a recente ocupação edilícia trazida pela construção, em mutirão, da associação Mulheres Coralinas.

Assim, no percurso de campo foram levantados pontos a serem incorporados no programa de necessidades do projeto a ser desenvolvido neste trabalho, como a proposição de um jardim que possa promover a transmissão de saberes através de:

1. Apoio às condições materiais de produção através da venda de mudas com um espaço dedicado à preparação das mudas de espécies do Cerrado;
2. Geração de renda para a comunidade através de um espaço para realização de trocas e vendas de produtos locais;
3. Pesquisas, mapeamentos e inventários participativos;
4. Publicações e difusão de resultados das pesquisas realizadas no jardim por meio de reuniões com a comunidade;
5. Constituição e conservação de acervos através de um banco de sementes das plantas do jardim como uma forma de promover o registro da biodiversidade do Cerrado e sua difusão;
6. Ações educativas com visitas guiadas sensibilizando sobre as questões ambientais e patrimoniais além da criação de uma zona dedicada à memória dos visitantes, promovendo encontros anuais com comunidade para ações envolvendo a plantação de mudas que cada planta é indicada pelo nome da pessoa que a plantou;
7. Atenção à propriedade intelectual e direitos coletivos dos sujeitos envolvidos.

Desse modo, no projeto de Arquitetura da Paisagem busca-se diluir os contornos do desenho para que o foco da fruição no espaço livre sejam as morfologias naturais das plantas, seus povos e seus saberes medicinais. O partido projetual baseado na tríade formada por Cerrado, saberes e sujeitos busca promover o encontro do existente com o novo, a interligação das populações tradicionais com as fitofisionomias do Cerrado e o papel contemporâneo das “mediadoras da paisagem” desses saberes, em sua maioria mulheres, no caso da Cidade de Goiás.

Figura 83: Partido projetual baseado na tríade formada por Cerrado, saberes e sujeitos.



Fonte: LIMA, 2021.

JARDIM DA MEMÓRIA
CALENDÁRIO ANUAL DE FRUTOS

JANEIRO

Canela-de-velho, Carqueja,
Chambá, Guaimbê, Losna, Pequi,
Pitanga

FEVEREIRO

Canela-de-velho, Carqueja,
Chambá, Guaimbê, Losna, Pequi

MARÇO

Canela-de-velho, Carqueja,
Chambá, Chapéu-de-couro,
Guaimbê, Losna

ABRIL

Café, Carqueja, Chapéu-de-couro,
Pacari, Pimenta-de-macaco

MAIO

Café, Chapéu-de-couro, Pacari,
Pimenta-de-macaco

JUNHO

Café, Chapéu-de-couro,
Congonha-de-bugre, Frade,
Pacari, Pimenta-de-macaco

JULHO

Congonha-de-bugre, Pacari,
Pimenta-de-macaco

AGOSTO

Angico-do-Cerrado, Ipê-roxo,
Jequitibá-do-Cerrado, Pacari,
Salsaparrilha

SETEMBRO

Angico-do-Cerrado, Barbatimão,
Cagaita, Ipê-roxo,
Jequitibá-do-Cerrado, Losna,
Salsaparrilha

OUTUBRO

Barbatimão, Cagaita, Cajuí,
Ipê-roxo, Jequitibá-do-Cerrado,
Losna, Pitanga, Salsaparrilha

NOVEMBRO

Barbatimão, Cajuí,
Canela-de-velho, Carapiá, Losna,
Pequi, Pitanga, Salsaparrilha

DEZEMBRO

Canela-de-velho, Carapiá,
Carqueja, Chambá, Guaimbê,
Losna, Pequi, Pitanga

JARDIM DA MEMÓRIA
CALENDÁRIO ANUAL DE FLORES

JANEIRO

Batata infalível, Beldroega, Boldo
Alumã, Café, Cana-de-macaco,
Carqueja, Chambá, Chapéu-de-couro,
Equinácea, Falsa-serralha, Guaimbê,
Hortelã-gordo, Jequitibá-do-Cerrado,
Losna, Manjericão, Pitanga, Poejo,
Rosa-branca, Sálvia, Vinca

FEVEREIRO

Algodãozinho-do-campo, Batata
infalível, Beldroega, Boldo Alumã,
Café, Cana-de-macaco, Carqueja,
Chambá, Equinácea, Falsa-serralha,
Guaimbê, Hortelã-gordo, Losna,
Manjericão, Poejo, Rosa-branca, Sálvia,
Vinca

MARÇO

Algodãozinho-do-campo, Babosa,
Batata infalível, Boldo Alumã,
Café, Cana-de-macaco, Carqueja,
Chambá, Equinácea,
Falsa-serralha, Hortelã-gordo,
Losna, Pacari, Poejo, Rosa-branca,
Sálvia, Vinca

ABRIL

Algodãozinho-do-campo, Babosa,
Batata infalível, Cana-de-macaco,
Falsa-serralha, Jatobá-do-Cerrado,
Pacari, Poejo, Rosa-branca, Vinca

MAIO

Alecrim, Algodãozinho-do-campo,
Asa-de-andorinha, Babosa,
Cana-de-macaco, Falsa-serralha, Frade,
Jatobá-do-Cerrado, Mulungu, Pacari,
Pé-de-perdiz, Poejo, Rosa-branca,
Vinca

JUNHO

Alecrim, Algodãozinho-do-campo,
Babosa, Cajuí, Cana-de-macaco,
Falsa-serralha, Jatobá-do-Cerrado,
Mulungu, Pacari, Pé-de-perdiz,
Poejo, Rosa-branca, Terramicina,
Vinca

JULHO

Alecrim, Algodãozinho-do-campo,
Arruda, Artemísia, Cajuí,
Cana-de-macaco, Falsa-serralha,
Ipê-roxo, Jatobá-do-Cerrado,
Mulungu, Pacari, Pé-de-perdiz,
Terramicina, Vinca

AGOSTO

Alecrim, Algodãozinho-do-campo,
Artemísia, Cagaita, Cajuí,
Cana-de-macaco, Congonha-de-bugre,
Falsa-serralha,
Ipê-amarelo-do-Cerrado, Ipê-roxo,
Jatobá-do-Cerrado, Mulungu, Pacari,
Pé-de-perdiz, Pequi, Salsaparrilha,
Terramicina, Vinca

SETEMBRO

Alecrim, Algodãozinho-do-campo,
Angico-do-Cerrado, Artemísia,
Barbatimão, Batata infalível, Café,
Cagaita, Cajuí, Cana-de-macaco,
Canela-de-velho,
Chapéu-de-couro,
Congonha-de-bugre, Equinácea,
Falsa-serralha, Guaco,
Hortelã-gordo,
Ipê-amarelo-do-Cerrado, Lobeira,
Losna, Mulungu, Pacari,
Pé-de-perdiz, Pequi,
Pimenta-de-macaco, Salsaparrilha,
Terramicina, Vinca

OUTUBRO

Alecrim, Algodãozinho-do-campo,
Angico-do-Cerrado, Barbatimão,
Batata infalível, Café, Cajuí,
Cana-de-macaco, Canela-de-velho,
Carqueja, Chapéu-de-couro,
Equinácea, Falsa-serralha, Guaco,
Hortelã-gordo, Jequitibá-do-Cerrado,
Lobeira, Losna, Pé-de-perdiz, Pequi,
Pimenta-de-macaco, Pitanga,
Salsaparrilha, Vinca

NOVEMBRO

Algodãozinho-do-campo, Barbatimão,
Batata infalível, Café, Cajuí,
Cana-de-macaco, Canela-de-velho,
Carapiá, Carqueja, Chapéu-de-couro,
Equinácea, Falsa-serralha, Guaco,
Hortelã-gordo, Jequitibá-do-Cerrado,
Lobeira, Losna, Pé-de-perdiz, Pequi,
Pimenta-de-macaco, Pitanga,
Salsaparrilha, Vinca

DEZEMBRO

Batata infalível, Beldroega, Boldo
Alumã, Café, Cana-de-macaco,
Carapiá, Carqueja, Chambá,
Chapéu-de-couro, Equinácea,
Falsa-serralha, Guaco, Guaimbê,
Hortelã-gordo,
Jequitibá-do-Cerrado, Losna,
Manjericão, Pitanga, Poejo,
Rosa-branca, Sálvia, Vinca

O movimento da natureza, como um princípio de vida, em sincronia com os corpos vivos de saúde, de saberes, de memória e de cuidado constrói a paisagem desse jardim. Neste lugar composto por um mosaico de diferentes morfologias, é buscado reparar a paisagem, reparar tanto no sentido de trazer o reconhecimento como em trazer o reparo, diante da possibilidade de existência de outras topografias. Com diretriz principal o respeito ao tempo da natureza, a sazonalidade é um elemento fundamental a ser incorporado no projeto, sistematizações resultantes da pesquisa e da observação do tempo como os calendários anuais de flores e frutos surgem como importantes ferramentas projetuais e pedagógicas. A oscilação da chuva durante o ano com época de seca, junto ao início do inverno, nos meses de abril à setembro e época de chuva de outubro a março proporciona incorporar a sazonalidade cromática das espécies no projeto paisagístico como uma potencialidade estética e pedagógica da natureza.

Como resposta projetual, o jardim etnobotânico medicinal propõe um espaço coletivo de partilha da paisagem conectando o corpo ao mundo através da experiência sensível, provocando diferentes sensorialidades. Como suporte dialógico, o projeto irá convidar o usuário a absorver a paisagem por meio de seu reconhecimento na sua experiência subjetiva, descentralizando a experiência da paisagem do sentido da visão, compreendendo que “um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva” (TUAN, 1983, p. 20).

Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizado somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar. (TUAN, 1974, p. 12)

Na perspectiva de incentivar o retorno da vegetação nativa nas paisagens urbanas, a intervenção não busca reconstituir uma paisagem originária, mas sim mostrar possibilidades de relações físicas que a natureza pode sustentar, transversalmente, a partir da abordagem decolonial da paisagem. A vegetação proposta forma mais um entrelaçamento da pesquisa, construído colaborativamente com entusiastas da paisagem e raizeiras, com destaque para Dona Maria, Daniela e Vera Lúcia, procura sensibilizar com

o plantio sobre o potencial de cura do Cerrado, suas sazonalidades e suas memórias.

Assim, a paisagem como resultado de seu contexto histórico e cultural, configurando-se como forte símbolo de poder e apropriação cultural, têm-se nas relações culturais o critério para a seleção das espécies do projeto, a aproximação com o campo e a realidade local surgem como parte essencial do processo projetual. Nesse sentido, a etnobotânica contribui muito além de apresentar as características e propriedades medicinais das plantas, o estudo busca compreender também a relação subjetiva dos sujeitos com a paisagem dinâmica cerratense para poder assim, documentar as tradições culturais e suas dinâmicas próprias. Assim, o jardim etnobotânico traz à tona o Cerrado e sua relação com suas populações e espécies de outros Biomas.

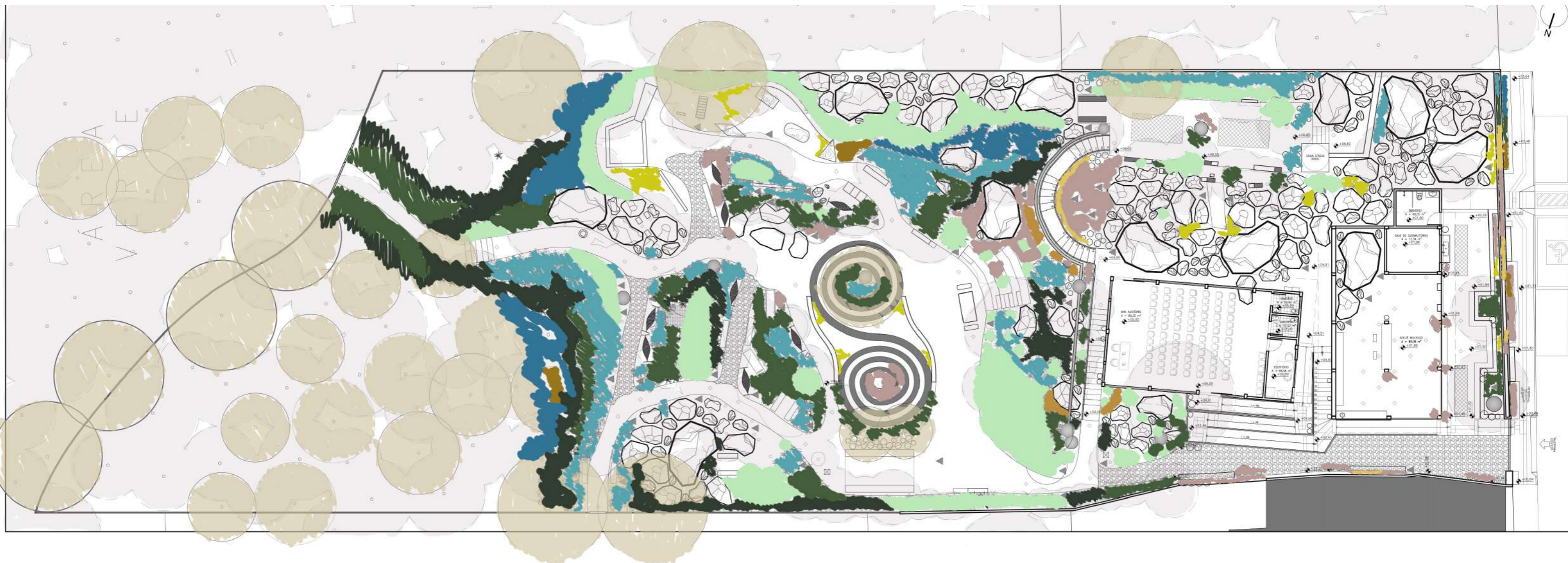
O jardim explora estratégias de plantio que recorram a natureza não-controlada que caracteriza os territórios rurais de Goiás, manifestada a partir da espiral em direção ao Rio Vermelho, e a natureza contida da cidade, que surge de forma a refletir sobre o papel da natureza em nossas cidades, presente nos espaços com canteiros ortogonais e maior ação antrópica, como a calçada, a rua de pedra e os demais espaços em proximidade com a Casa Coralinas. Promovendo um equilíbrio entre os opostos que se manifesta em canteiros mais naturalistas, que se transformam com a passagem do tempo e misturam espécies nativas e exóticas junto à preexistência. Ao mesmo tempo, exploram ocupações reminiscentes como a espiral, expandindo-a em um desenho de vegetação que a desconstrói com o uso de espécies medicinais do Cerrado que o usuário é chamado a reconhecer e interagir.

Voltando a sua origem, a experiência sensorial do ser humano o direciona para um desenho, ainda amorfo, cujo produto final é resultado do reconhecimento e sensibilização na paisagem. Pelo tempo disposto para desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso não foi possível desenvolver uma proposta de plantio em colaboração com as detentoras de saberes, contudo, o experimento permitiu identificar a imersão paisagística com os detentores como um possível caminho para um método de construção coletiva da paisagem, envolvendo a troca transdisciplinar de saberes.

Como alternativa, é desenvolvido um quadro a partir do cruzamento das informações sobre porte e hábito das espécies medicinais escolhidas para a proposta de plantio, e com base nos dados, um esquema geral com manchas referentes a canteiros com plantas de com mesmo hábito e porte, deixando o projeto em aberto para que posteriormente os grupos sociais envolvidos no uso e manutenção do espaço possam experimentar e aprender com o processo de construir e pensar o jardim medicinal pouco a pouco, podendo ainda escolher outros critérios de agrupamento das espécies como por exemplo parte utilizada para fazer remédio ou parte do corpo em que a planta atua.

Assim, escutando aos grupos sociais e usuários que asseguram o uso e a vitalidade da Paisagem-Patrimônio e adotando uma visão de paisagismo ecossistêmico, que respeita os ciclos e recursos fornecidos pela natureza, é proposto um processo de desenho da paisagem que acolhe as apropriações, tentativas e erros no Jardim como um movimento natural de vida.

	sol pleno	meia sombra	sombra
arbórea	angico-do-Cerrado, barbatimão, congonha-de-bugre, ipê-amarelo-do-Cerrado, ipê-roxo, jatobá-do-Cerrado, jequitibá-do-Cerrado, lobeira, mulungu, pacari, pequi		
arvoreta	boldo alumã, café		
arbustiva ou subarbustiva	alecrim, algodãozinho-do-campo, arruda, cagaita, cajuí, carqueja, chapéu-de-couro, frade, losna, mamão, pimenta-de-macaco, pitanga, rosa-branca, vinca	arruda, batata infalível, canela-de-velho, guaimbê, pé-de-perdiz, vinca	canela-de-velho, guaimbê
herbácea	artemisia, babosa, beldroega, cana-de-macaco, capim-cidreira, carapiá, chambá, erva-botão, falsa-serralha, folha-santa, hortelã-gordo, manjericão, mil-em-ramas, sálvia, terramicina	asa-de-andorinha, babosa, beldroega, chambá, equinácea, falsa-serralha, folha-santa, hortelã-gordo, manjericão, mentrasto, quebra-pedra, terramicina	asa-de-andorinha, mentrasto, quebra-pedra
trepadeira	guaco, salsaparrilha	guaco	
rasteira	poejo	poejo	



Nesta ação são utilizadas espécies de áreas nativas do Cerrado em meio a Floresta trabalhando o cromatismo das espécies como um potencial de experiência sensorial na paisagem, variando entre a floração de início de mês de março e gradativamente chega ao seu pico no mês de Agosto, onde todas florescem, criando um ponto de destaque em meio a floresta. A combinação de clareiras em meio a copa das árvores existentes, a cor e texturas dos diferentes estratos vegetativos e sua relação simbiótica com o Rio Vermelho convida a experimentar os percursos do jardim com totems, cerâmicas, mobiliários, redários e percursos de água conectados por fontes de cerâmica, evocando o curso hídrico nas proximidades a entrar na área de intervenção.

A prática das Coralinas com ações envolvendo o patrimônio cultural material e imaterial traz grande contribuição no que diz respeito a propagação, a partir de diferentes estratégias, a arte local. No trabalho desenvolvido pelas Coralinas se destacam as produções de cerâmicas, artesanato capaz



Pacari
Lafoensia pacari St. Hil

março - outubro



Mulungu
Erythrina fusca Loureiro

maio - setembro



Ipê-roxo
Handroanthus impetiginosus (Mart. ex DC.) Mattos

julho - agosto



Ipê-amarelo-do-Cerrado
Tabebuia aurea (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S. Moore

agosto - setembro



Pequi
Caryocar brasiliense Camb.

agosto - novembro



Angico-do-Cerrado
Anadenanthera falcata.

setembro - outubro

de proporcionar o encontro com a terra, a sociabilidade entre as sujeitas e o empoderamento de suas atividades culturais. Tendo estas relações etnográficas mapeadas, as Coralinas norteiam o projeto a partir da definição do programa de necessidades e dos pontos de parada e caminhada, marcado com totens e vasos de cerâmica.

Figura 88: Proposta de fachada para a Casa Coralinas.



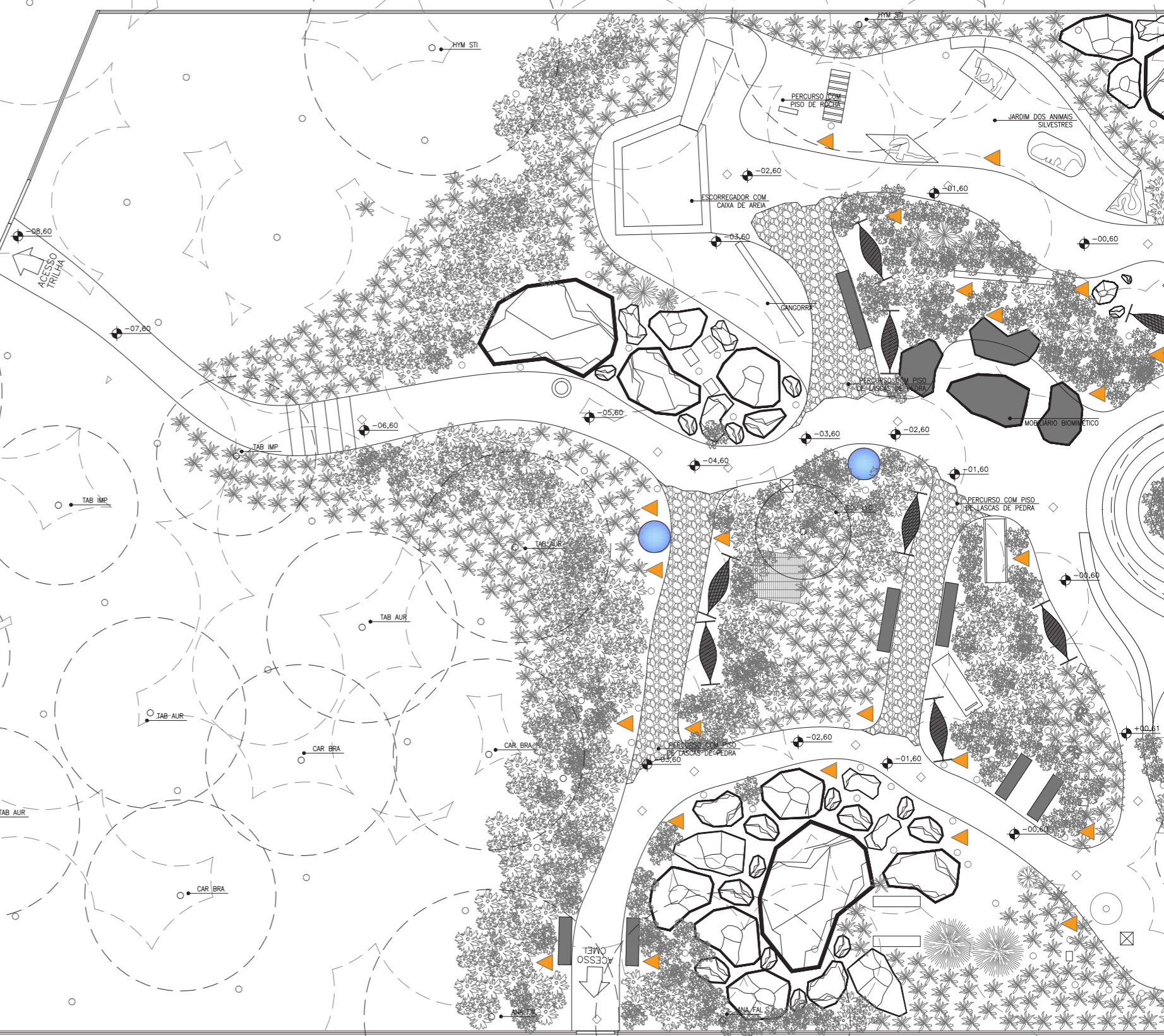
A pesquisa na paisagem junto a sede das Coralinas demonstrou o anseio por novos espaços e, mantendo a tradição de homenagear sujeitas de relevância, é proposto o Berçário Maria Toró, importante raizeira de Goiás, sendo um viveiro de mudas que, para além das trocas com a comunidade, possa contribuir para construção coletiva do Jardim, homenageando os envolvidos nesse processo colaborativo. Então, a intervenção paisagística pensa espaços de refúgio individuais, como mirantes e redários e locais para sociabilidade, como mesas, bancos e áreas de brinquedos infantis.

Enquanto as raizeiras transformam a terra em cura por meio de remédios, as artesãs são capazes de transformar a terra em cura por meio da arte, encontro que convida os usuários ao contato com a natureza desde a formação do território até sua transformação ao longo do tempo. Desse modo, a cerâmica feita pelas artesãs lembra da importância do encontro com a terra, sendo a sua conexão física com a natureza. Dessa forma, a cerâmica se materializa na proposta paisagística de diferentes formas, evocando memória e arte, junto à mobiliários com azulejos com com desenhos de espécies

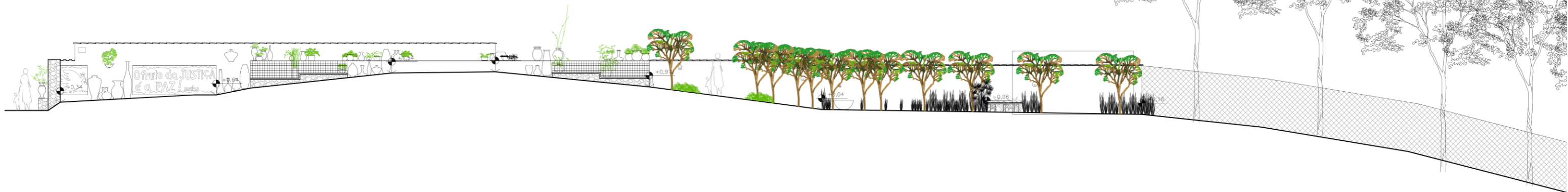
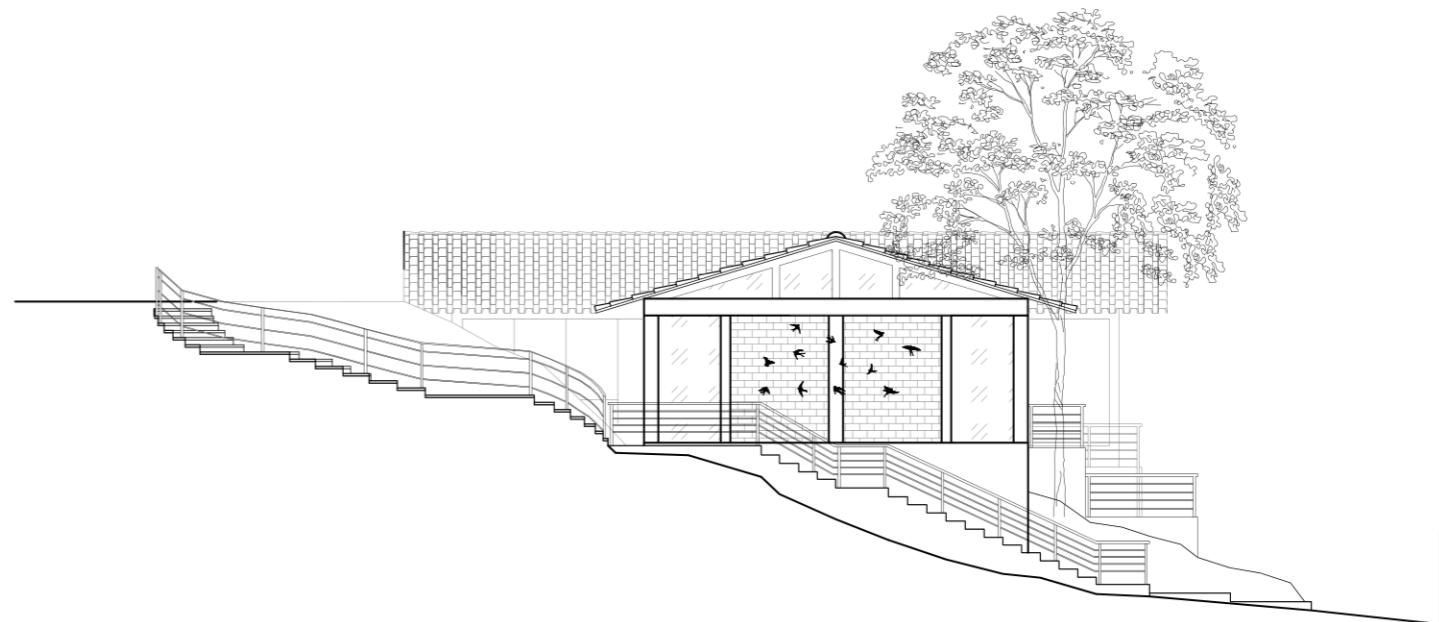
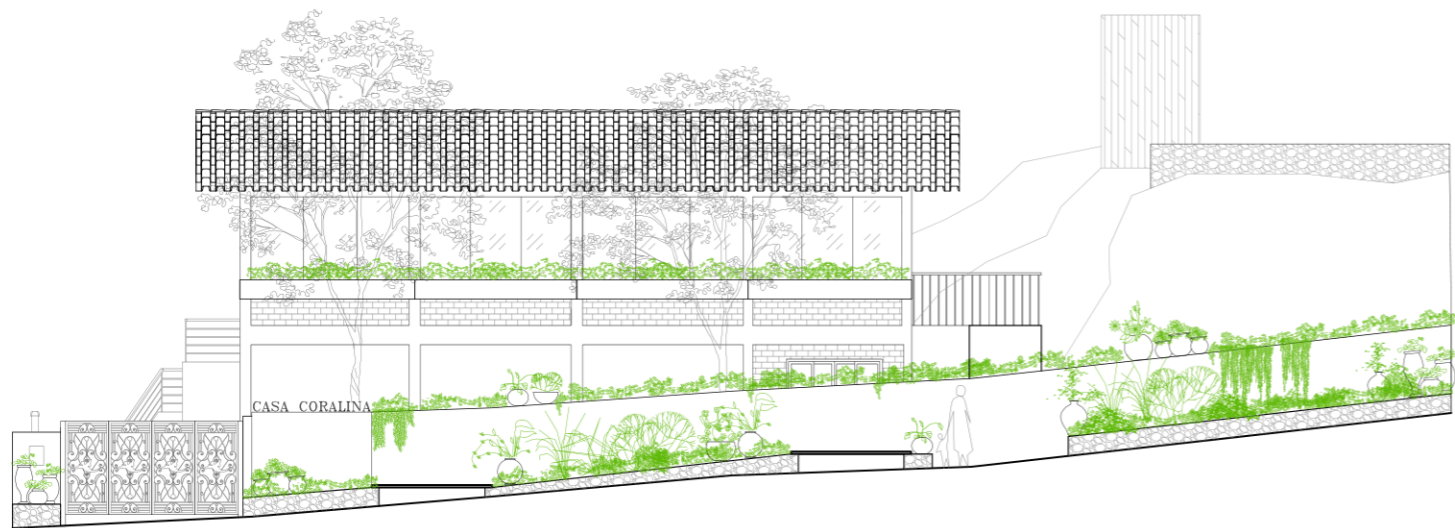
encontrada *in loco*, que recuperam a memória do território, através de um jardim que acolhe a transfiguração.

Fruto da união dos saberes e das ciências em uma ecologia de saberes, o Jardim da Memória é uma “farmácia viva” que habita esses territórios de cuidado e cura que acolhe a diversidade e a complexidade das práticas de saúde com plantas, em um sistema mais sustentável de cuidado com a saúde. Assim, o projeto permite conhecer outros espaços de saúde que não as farmácias e hospitais, retomando o encantamento com a própria terra, sendo o lugar também um aspecto de saúde espiritual desses sujeitos.

ÁREA VERDE









6. HORIZONTES

A partir da observação de tradições e costumes relacionadas ao uso de plantas medicinais pela perspectiva decolonial foi possível entrelaçar paisagens, territórios, saberes, memórias, tempos, sujeitos, experiências, patrimônios e trajetórias resultando no alargamento do horizonte no que diz respeito à compreensão da prática da Arquitetura da Paisagem. Os movimentos iniciados buscam, a longo prazo, contribuir para reconfigurar relações de poder, “não só incluindo segmentos historicamente subalternizados nos processos de elaboração e gestão de políticas públicas e na construção de conhecimento, como também por meio de uma resignificação simbólica decolonial de suas práticas culturais ao longo das gerações” (AMARAL, 2015, p. 75).

A vigilância epistemológica requerida pela ecologia de saberes transforma o pensamento pós-abissal num profundo exercício de auto-reflexividade. Requer que os pensadores e atores pós-abissais se vejam num contexto semelhante àquele em que Santo Agostinho se encontrava ao escrever suas Confissões, o qual expressou eloqüentemente desta forma: “Converti-me numa questão para mim”. A diferença é que o tópico deixou de ser a confissão dos erros passados para ser a participação solidária na construção de um futuro pessoal e coletivo, sem nunca ter a certeza de não repetir os erros cometidos no passado. (SANTOS, 2007, p. 94)

A perspectiva crítica da paisagem através da interculturalidade crítica, fundamentação teórica, pesquisa bibliográfica com ênfase nas oralidades e contato com o campo em uma relação direta entre corpo e natureza permitiu identificar que os saberes com plantas estão costurados com experiências da vida cotidiana, e além disso, levantou questões como:

a necessidade de produzir não só um tipo de conhecimento compartilhado entre a/o pesquisador/a e os sujeitos estudados, mas também - e principalmente - um tipo de conhecimento destinado a fortalecer os próprios sujeitos. [...] mais como esforços de emancipação do que como expressões de expertise, ou seja, mais como esforços para aperfeiçoar processos de mudança social e/ou buscar melhores maneiras de comunicação, planejamento e teoria para desenvolver funções de gestão mais satisfatórias e humanas. (BORDA, 2009 apud AMARAL, 2015, p. 82-83)

Os saberes e memórias encontrados durante a pesquisa permitiram compreender a preservação da paisagem como um instrumento de proteção do passado e do futuro, laço intrínseco com a natureza, cultura, patrimônio, pessoas e saúde. O estudo da paisagem deve contemplar diferentes cosmovisões, a partir da reflexão multidisciplinar e transdisciplinar, assim, pensar em outras estruturas de territorialidade deve incluir os povos tradicionais da terra em que a participação ativa dessa população na tomada de decisões é importante para uma gestão comprometida com as demandas reais desses grupos.

Por fim, o Jardim da Memória é desenhado coletivamente de maneira que não se encerra em si, como todo desenho da paisagem, ele abre espaço para se pensar a paisagem como transformação. E, o seu próprio processo de elaboração e execução já desencadeou a transformação social na comunidade mobilizando grupos diferentes, promovendo saberes tradicionais e mostrando ainda que a Paisagem não tem borda, podendo vir a se transformar ainda mais, traduzida na revisão da prática da Arquitetura da Paisagem.

Figura 92: Conversa com as artesãs associadas sobre a pesquisa com plantas medicinais, as propostas de intervenção no jardim e como poderiam contribuir para o projeto paisagístico.



Figura 94: Andamento da execução do projeto da fachada, foram construídos os canteiros, piso, instalação do piso tátil e plantio de algumas espécies.



Fonte: LIMA, 2022.

Do infinito potencial de estudo que a área apresenta, ainda há a possibilidade de aprofundamento nas questões que envolvem a contribuição dos seres vivos encontrados como fungos, borboletas, galinhas, pássaros e saguis e os que podem vir a surgir na paisagem que será desenhada. Ademais, o trabalho de campo, no processo de construção de confiança com o interlocutor resultou em diversos trabalhos setoriais que não se relacionam diretamente com o projeto pretendido neste trabalho, mas que constam como apêndices e anexos para acrescentar em termos de construção de conhecimento. O Jardim da Memória ensina com sua resiliência que é possível florescer em tempos difíceis e que o despertar é um exercício de olhar para o interior, de redescoberta sobre quem somos e qual nosso papel no mundo.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Ananda Cardoso Gomes; ROSSI, Ana Aparecida Bandini; PEREIRA, Mayara Peron. **TRIAGEM FITOQUÍMICA DAS FOLHAS DE *Alternanthera brasiliana* (L) KUNTZE e *Alternanthera dentata* (MOENCHE) STUHLIK**. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwi20oqPi-jxAhXFqZUCHae9A-IQFnoECAUQAA&url=http%3A%2F%2Fportal.unemat.br%2Fmedia%2Ffiles%2Fbioagro__ecologia_e_botanica_016.pdf&usq=AOvVaw2EbVCj3885CTx2u2xJpaec>. Acesso em: 05 de março. 2022
- ALMEIDA, M. F. **Caracterização sócio-espacial do setor Rio Vermelho na cidade de Goiás**. 2004. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2004.
- AMARAL, J. P. P. **Da colonialidade do patrimônio ao patrimônio decolonial**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2015.
- BATALHA, M. A. O cerrado não é um bioma. **Biota Neotropica** [online]. 2011, v. 11, n. 1 [Acessado 11 Outubro 2021], p. 21-24. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1676-06032011000100001>>. Epub 12 Set 2011. ISSN 1676-0611. <https://doi.org/10.1590/S1676-06032011000100001>.
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, p.11-66, 2014.
- BRANDÃO, C. R.; ROCHA, E. **O Jardim da Vida**. 1. ed. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2004.
- BRASIL [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518231>>. Acesso em: 14 out. 2021.
- CAMPOS, A. C. **Caminhos de Aruanda: trajetória do candomblé e umbanda na Cidade de Goiás**. 2013. 59 p. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade Estadual de Goiás, [S. l.], 2013. Disponível em: https://www.gnuteca.ueg.br/html/file.php?folder=material&file=1518191113_adelbiane_conceicao_campos.pdf. Acesso em: 1 out. 2021.
- CARNEIRO, Danilo Maciel. **Ayurveda: saúde e longevidade**. 2ª ed., Kelps, Goiânia-GO, 2008, 286 p.
- CARVALHO, Miranildes G. T. & VILARINHO, Cristiane S. P. S.; **Plantas Mediciniais: o ouro do nosso Cerrado**. Goiânia: Kelps, 2017, 224 p.
- CHAVEIRO, E. F. A urbanização do cerrado: espaços indomáveis, espaços deprimidos. **Revista UFG**, [S. l.], v. 12, n. 9, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48318>. Acesso em: 22 ago. 2021.
- CLÉMENT, G. **Le jardin en mouvement**. Paris: Sens & Tonka, 1999a.
- CLÉMENT, G. **Les jardins planétaires**. Paris: J.-M. Place, 1999b.
- CUNHA, G. R. Assistência técnica habitacional com técnicas construtivas não convencionais: proposta de adequação sociotécnica para o enfrentamento da colonialidade tecnocientífica. **Epistemologias do sul**, v. 3, n. 1, p. 142-153. 2019.
- DIAS, J. E.; LAUREANO, L. C. **Farmacopéia popular do Cerrado**. Goiás: Articulação Pacari (Associação Pacari), 2009.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.
- GOMES, S. I. M. S. **Etnobotânica no Jardim Botânico Tropical: o seu interesse para o público**. 150 p. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.
- GONÇALVES, J. R. S. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Revista Estudos Históricos**, v. 28, n. 55, p. 211-228, 2015.
- HERBÁRIO. In: MICHAELIS dicionário escolar da língua portuguesa. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/herb%C3%A1rio/>>. Acesso em: 19 set. 2021.
- KÖRBES, Vunibaldo Cirilo, Irmão. **Plantas Mediciniais**. 66ª ed., Grafit, Francisco Beltrão- PR, 2007, 238 p. 2002.
- LIMA, G. A. P. Os espaços simbólicos e o bordado manual como método para leitura sensível das casas sertanejas do Arraial da Barra/GO. **Anais do IV Simpósio Nacional sobre Patrimônio e Práticas Culturais**, Barbalha, 2020.
- LIMA, G. A. P.; FARIA, B. L. X. O saber popular sobre plantas medicinais: a resistência cultural da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino e da Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás Regional Rio Vermelho. **Anais do IX Congresso de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura**, Goiás, 2020.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas Mediciniais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª ed. Nova Odessa, Instituto Plantarum, 2008.
- LYNCH, K. **The image of the city**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1960.
- MAGALHÃES FILHO, F. S.; I. J. OLIVEIRA. A Utilização de Mapas Mentais na Percepção da Paisagem Cultural da Cidade de Goiás/GO. **CULTUR Revista de Cultura e Turismo**, Ilhéus, v. 7, n. 3, p. 31-45. 2013.
- MARTINS, F. M. **Arquitetura vernacular de Goiás: análise de um patrimônio cultural**. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2004.
- MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, jun. 2017.
- MOYSÉS, A.; SILVA, E. R. Ocupação e urbanização dos cerrados: desafios para a sustentabilidade. **Cadernos Metrópole**. 2008, v. 20), p. 197-220. ISSN: 1517-2422. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=402837801011>
- NAME, L; ZAMBUZZI, M. Notas inconclusivas sobre raça, arquitetura e a colonialidade do patrimônio material e imaterial. **Epistemologias do sul**, v. 3, n. 1, p. 118-140, 2019.
- PASQUIM FEMINISTA, informativo libertário Rosa Gomes. **Publicação do coletivo feminista GSEX**, Ano I, volume 05, dezembro de 2021.
- QUEIROZ, E.; VILELA, M. E. A.; CARNEIRO, L. M.; LAUREANO, L. C.; DIAS, H. F. Cartilha. In: DIOCESE DE GOIÁS (Goiás). **Nossas plantas, nossa saúde**. [S. l.: s. n.], p. 1-136, 1998.
- RAMIRES, T. L. **A cidade além da vila: uma análise sócio-urbana entre a periferia e o centro histórico da cidade de Goiás**. Dissertação (Mestrado. PUC-GO. Goiânia, 2019
- RIBEIRO-SOUZA, D.; NOVAIS, I.P.C.B.; PARENTE, L.M.L.; PEREIRA, L.H.; **Identificação e Descrição de espécies de plantas medicinais usadas no Hospital de Medicina Alternativa em Goiânia (GO)**. UFG, 2010, 63p.
- SANTOS, B. S. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 78, p. 3-46. 2007.
- SILVA, L. H. A. Em terras da Santa: Caderno de viagem ao Arraial da Barra. **Anais SEMITEC, XVIII**

Seminário Internacional sobre território e cultura, Colômbia, 2019.

SILVERIO, João Pedro. **Manual de Fitoterapia e de plantas medicinais úteis (especialmente as do Cerrado)**, 1ª ed. Brasília: RBS Gráfica e Editora, 2008, 644 p.

TUAN, Yi - Fu. **Topofilia: um estudo de percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. New Jersey, 1974.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.



APÊNDICES

APÊNDICE A

Bisavós, avós, mães

Relato oral dado em 16 de agosto de 2021 na sede da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino por Maria Luíza, coordenadora da Pastoral da Saúde da Diocese de Goiás Regional Serra Dourada desde 1995.

Gostaria que a senhora contasse como começou sua relação com as plantas medicinais.

“Eu sou filha de camponês e onde nós morávamos em Gongomé o único recurso que tinha eram as plantas medicinais, os remédios formulados com as plantas medicinais. O meu avô era homeopata, então eles faziam os remédios da homeopatia, mas o que era mais forte eram os remédios com as plantas medicinais. Então, a minha origem é africano misturado com português, a minha bisavó veio da África, de uma região chamada Fatic, no Senegal, em uma região que hoje é chamada de Fatic, e essa minha bisavó ela fazia muitos chazinhos pra gente né, minha avó materna, que era sogra dessa africana, era filha de português, de Sardinha da costa de Portugal né, então também gostava muito dos chás. Eu fui criada dentro desse ambiente né, de remédios só com plantas medicinais, homeopatia. Eu fui tomar o primeiro comprimido eu tinha dezoito anos, primeiro comprimido que eu tomei na minha vida. Aí eu me casei e meu marido tinha visão alopata né, então só servia remédio feito de farmácia e eu acabei por algum tempo perdendo essa herança minha só que depois eu tomei consciência que não tava certo, meu organismo não tava reagindo com os remédios né. Aí eu voltei, dei uma parada assim, sabe? E até houve discordância do meu marido, mas eu tentei convencê-lo que era a forma mais viável e ele acabou entrando (risos) aí eu voltei para os remédios das raízes, das folhas, né. Aí eu fazia parte da saúde estadual, eu trabalhava na Secretaria de Saúde de Goiás, antes chamava OSEC, organização não sei o que de saúde, então eu trabalhei por muitos anos lá e sempre passando para as pessoas né, o médico zangava com a gente, “mas dá certo doutor, dá certo”, “não, isso não é científico, não é comprovado”, pra que mais comprovação do que a melhora da pessoa? (risos) Bom, aí eu fiz um trabalho lá com as gestantes, e dentre essas gestantes tinha pessoa que não queria o filho, que era filho indesejado e não queria o filho. Aí eu comecei a trabalhar a questão dos enxovais, porque na medida que vai fazendo o enxoval a pessoa vai aceitando mais a gravidez, né. Aí a gente ia nessas lojas, pedia os panos pra quem não tinha condições de comprar e eu levei uma pessoa que sabia costurar, sabia essas coisas, pra ensinar, bordar, sabe? E a gente com isso conseguiu que a gravidez dessas pessoas que não estava muito contente com a gravidez, aceitar. Hoje nós temos aí na comunidade, né, homens e mulheres que, eles não sabem que eles foram rejeitados, né. Mas a gente trabalhava a aceitação da gravidez, sabe. Aí, diante desse trabalho que eu fiz o Dom Tomás mandou pesquisar nas comunidades, ele tava implantando a Pastoral da Saúde, isso em 93, né, implantando a Pastoral da Saúde e precisava de pessoas da comunidade que tivesse uma afinidade assim com as plantas, que ia trabalhar a questão das plantas aí perguntou às comunidades, fez uma pesquisa nas comunidades e algumas comunidades “Olha nós conhecemos uma pessoa assim que fez um trabalho cheio de, e uma pessoa assim que tem muita familiaridade com as plantas e tem familiaridade com a comunidade, né, é muito integrada na comunidade”, aí Dom Tomás me chamou pra falar né, e eu falei “Dom Tomás eu não tenho capacidade para isso não” “Não minha filha mas se você não tiver mesmo condições você arruma uma pessoa que o supervisor veio de Belo Horizonte e ele vai fazendo a entrevista com a pessoa, eu quero que você passe e leve a pessoa da comunidade que possa, se você não quiser, né”. Aí chegou o supervisor e foi fazer a entrevista, a pesquisa, e não deu outra (risos) pois é, eu

muito temerosa, é que teve formação, muita formação e a gente ingressou nessa área aí, né, e a gente tá aí até hoje né, tem vinte tantos anos, né, que a gente faz esse trabalho e a gente tá tentando capacitar outras pessoas para assumir, tamo aí.”

Então começou com as suas bisavós e avós, em casa, porque não tinha condições?

“Não tinha recursos, era muito longe a cidade, uma pessoa se passasse mal e tivesse que ir no médico ela tinha que andar um dia inteiro a cavalo pra chegar e depois voltar né (risos).”

E para além de se curar com as plantas, você acha que estabelece outras relações na sua vida? A relação estabelecida é unicamente com o objetivo de curar a doença ou há algo além disso?

“A gente não pensa só na doença, a gente pensa muito na prevenção da doença porque é melhor prevenir né, do que ficar doente. Então a gente trabalha muito a questão da prevenção da doença e para isso a gente estuda a doença, pra pessoa se proteger, pra saber como ela pega aquela doença, como evitar essa doença, né.”

Você aprendeu receitas com as suas avós?

“Avós, bisavós, mãe, a gente traz de lá um pouco da bagagem, depois a gente vai construindo na medida que a gente vai caminhando, eu falo assim, a gente aprende é na relação com as pessoas, com os raizeiros, com as benzedeiros, até com as parteiras que agora tá só tem uma mas nenhuma pratica mais, por causa dos hospitais. Então as plantas que são boas pro parto, que ajuda no parto, as benzedeiros também, toda benzedeira é uma raizeira, elas trabalham muito com as plantas.”

APÊNDICE B

Cuidar e passar pra outras pessoas

Relato oral dado em 16 de agosto de 2021 na sede da Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino por Vera Lúcia, funcionária da Casa desde 2010.

Pode dar volta, pode contar, pode emendar, pode ficar à vontade. Como surgiu esse seu contato com as plantas? O seu primeiro contato até chegar aqui, sua trajetória, como que foi?

“Foi através dos meus pais, da minha mãe também, porque igual que, antigamente, a gente usava mais esses remédios, que é os remédios caseiros. Então a gente quase num ia ao médico e comprar remédio, então a gente às vezes dá uma febrinha, uma dor de barriga, então a minha vó, a gente usava aquela prantinha (sic), sabe? Colhia, fazia o chazinho a gente tomava, então foi assim. Aí eu tive meus filhos também, casei, tive meus filhos e foi também usando esses remédios, pra dor de barriga, pra febre, pra cólica. Então que minha mãe ensinava, aí eu fazia dando pra eles, aí eu peguei amor pela planta. Aí Dona Maria Luiza precisava de uma pessoa aqui, aí ela me convidou, aí eu vim, tô aqui até hoje e tô muito grata a Dona Maria e por essa aprendizagem, cada vez mais conhecer mais as plantas, então eu tenho só que agradecer.”

E você conseguiu passar esses conhecimentos para os seus filhos?

“Passei pra minha filha, inclusive minha netinha deu uma cólica nela e eu vim Dona Maria fiz “Dona Maria socorro, que que é bom isso aqui?”, porque assim, eu já fico assim naquela dúvida ainda, porque aí por eu ensinar depois alguma coisa errada eu socorro na Dona Maria “Dona Maria socorro, ela tá assim”, explico Dona Maria falou que que era pra fazer, aí falei com minha filha, aí minha filha, então a gente tá fazendo assim, sabe? Usando muitas plantinhas, sabe, que de farmácia mesmo a gente quase já nem usa mais, só mesmo o essencial. E minha netinha tá com 7 anos, às vezes quando gripa isso aqui, eu venho, pego xarope, falo pra Dona Maria e já dou o xaropinho de abacaxi pra ela, dou o própolis, pra aumentar a imunidade dela, então graças a Deus, tá indo.”

E sua relação com as plantas, você acha que você lembra das plantas só na hora da doença? Na hora da necessidade? Como que se dá?

“Não. Eu lá em casa, meu quintal lá então eu tenho é Tansagem plantada, sabe? Eu tenho hortelã, então eu tenho algumas plantinhas. Então quando eu tô aguando eu chego nelas lá, sabe, fico olhando, então eu fico assim, sabe? Aquela alegria de eu estar em contato com ela e sabendo que ela é um remédio que a gente possa usar e para cura das pessoas. Meu contato com elas é muito intenso, tem vezes que eu tô, assim, chateada com essa pandemia que tamo vivendo hoje em dia, aí eu vou lá pro quintal e fico regando as plantas e fico olhando e pedindo à Deus, à natureza.”

Então, as suas relações de cuidar do seu jardim fazem parte também de uma prática de saúde?

“Faz, com certeza, faz muito mesmo. E eu tenho lá em casa essas plantinhas que às vezes chega o vizinho, até aqui mesmo quando eu vou fazer o xarope, então eu trago algumas lá de casa que eu tem, trago pra cá pra gente poder fazer e passar pra outras pessoas também que vão lá às vezes contando o que tá sentindo aí tenho, já pego, a gente já dá o tanto na medida certa para as pessoas, então é isso. Eu me sinto muito privilegiada, viu?”

Para além das plantas servirem para curar as doenças do corpo, diretamente, talvez façam parte de um ritual, você ir lá, plantar, molhar?



“É cuidar né, então, e passar pra outras pessoas, fazer muda, sabe, ali já vai passando para outras pessoas, às vezes a pessoa vai lá. Igual ontem mesmo foi uma senhora lá perguntou se eu tinha hortelã, eu falei “tenho, pouquinho mas tem”, aí quando só um pouquinho, arrumei pra ela, peguei até uma mudinha, sabe? Ainda falei pra ela “vou mandar uma mudinha pra senhora plantar também”, porque além da gente dá pra pessoa fazer o remédio naquela hora a gente já passa também pra pessoa ir plantando, dando pra outras pessoas, pra não ficar só ali. Então a gente vai espalhando, nossa, é muito bom, muito bom mesmo.”

“A Mãe Natureza, nossa como é maravilhoso demais, às vezes a gente tá assim, pra baixo, igual eu vejo, vou pro quintal, aí fico olhando minhas plantinhas, sabe? Tem pézinho de cajá, fico tão satisfeita, aquele pequenininho, sabe? Ontem mesmo tinha um tucano lá no pé de mamão eu fiquei olhando aquilo lá eu fiquei “Gente, que coisa linda”, sabe? Então a gente também produz os frutinhas pros passarinhos também, ir lá e fazer sua alimentação.”

APÊNDICE C

Partilha

A oficina “Plantas medicinais do Cerrado e benzimento” ministrada por Maria Luíza da Silva Oliveira, Adelbiane Conceição Campos, Derci Felipe de Assis e Gabriel Aires Peixoto de Lima, e realizada presencialmente no auditório Comary do edifício Conviver, Goiás/GO foi concebida como atividade do evento “Goyaz 2001 + 20. Patrimônio mundial, qual humanidade?”¹⁹ em que são levantadas reflexões a respeito dos impactos da patrimonialização nos 20 anos de reconhecimento do título de patrimônio mundial pela UNESCO.

A oficina teve limite de quinze participantes, selecionados a partir do preenchimento de um formulário disponibilizado virtualmente. No formulário aplicado para participação da oficina foram obtidos dados referentes ao perfil dos interessados, como faixa etária predominante de 21-30 anos (42%), seguido por 41-50 anos (27%), 31-40 anos (21%), acima de 50 anos (5%) e até 20 anos (5%). Das 21 pessoas que responderam, 55% eram mulheres, 36% eram homens e 9% não-binário. Destas, 40% possui vínculo com alguma instituição de ensino superior na cidade de Goiás como UFG, IFG ou UEG, 60% respondeu que não possui.

Para além das questões que objetivavam entender o perfil dos interessados como faixa etária, expressão de gênero e vínculo com instituição de ensino, foi perguntado se sabiam o que é fitoterapia e se utilizavam de algum remédio natural com plantas (como garrafas, tinturas, pomadas, chás, entre outros). Destes, 86% respondeu que sabe o que é fitoterapia e 14% respondeu que não. 91% respondeu que utiliza algum remédio natural com plantas e 9% respondeu que não. Essa última amostragem de dados mostrou

confusão na compreensão do que é fitoterapia que, embora 91% utilize algum fitoterá-

¹⁹ Realizado através da parceria entre a Unidade Acadêmica Especial de Ciências Sociais Aplicadas e a Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, com apoio do Instituto Federal de Goiás - Câmpus Cidade de Goiás, da Universidade Estadual de Goiás - Câmpus Cora Coralina e da Prefeitura Municipal de Goiás.

pico, somente 86% afirmou saber o que é fitoterapia. Ainda foram levantadas questões abertas como “O que você entende por medicina tradicional?” e “O que você entende por saúde?”, que renderam respostas interessantes e algumas equivocadas com relação ao conceito de medicina tradicional, abaixo estão alguns trechos retirados das respostas.

O que você entende por medicina tradicional?

“São medicinas que visam manutenção da saúde com uso de matérias de mais fácil acesso provenientes da natureza, respeitando conceitos e costumes passados por gerações antes por uma cultura oral”, “Bom, tradicional me remete à determinada tradição específica. Acredito que medicina tradicional tenha a ver com práticas medicinais que tenham por base referencial histórico de determinada cultura”, “São conhecimentos passados de geração em geração que proporcionam o conhecimento sobre as plantas que estão à nossa volta e são utilizadas em diversas situações relacionadas a nossa saúde, fugindo do monopólio de grandes indústrias farmacêuticas. Assim, valorizando os saberes e fazeres tradicionais de um povo”, “Acredito que são conhecimentos passados por gerações, extraídos da relação ser humano e natureza, através de observações e experimentações”, “Aquele que engloba os conhecimentos empíricos e do passado”.

“A certificada pela ciência com utilização de medicamentos alopáticos”, “Medicina de farmácia, laboratórios”, “Aquele que utiliza medicamentos manipulados em laboratório e segue apenas protocolos já estabelecidos”

O que você entende por saúde?

“Saúde é um estado de funcionamento adequado do indivíduo tanto com corpo físico, mental, emocional e espiritual. Saúde é a integralidade de função do indivíduo com olhar como ser completo”, “É um bem estar físico mental e não apenas ausência de doença mas seus direitos respeitados e valorizados dentro da nossa "normalidade"”, “Saúde é a capacidade de lutar contra aquilo que nos oprime”, “Entendo saúde como algo amplo, como hábitos que possam promover bem estar físico e psicológico a longo prazo; alimentação mais natural com boas fontes de vitaminas e minerais; políticas públicas para garantia de direitos básicos da vida; lazer e etc”.

A oficina que ocorreu no dia 18 de setembro de 2021 teve duração de quatro horas (9h - 13h) e contou com 6 momentos, sendo eles: 1) apresentação da atuação dos grupos da Pastoral da Saúde e da Casa junto à cidade de Goiás e suas comunidades rurais; 2) rodada de apresentação dos participantes e suas motivações para estarem na oficina; 3) apresentação das plantas nativas do Cerrado que serão utilizadas no preparo dos remédios; 4) roda de conversa sobre a prática da benzedura com Adelbiane Conceição; 5) preparo dos medicamentos; 6) partilha dos remédios preparados entre os participantes, oficinairos e equipe organizadora do evento. Simultaneamente, ocorria a benzedura por Derci Felipe de Assis, a todos que estivessem no local e que houvesse o interesse.

Figura 97: A esquerda, apresentação da atuação dos grupos da Pastoral da Saúde e da Casa da Agricultura Familiar realizado por Maria Luíza. A direita, preparo dos medicamentos pelos participantes com divisão das etapas de preparo buscando fomentar o trabalho coletivo.



Fonte: Do autor, 2021.

Abaixo estão as informações sobre os medicamentos preparados como nome científico, indicação, ingredientes, modo de preparo, modo de usar e validade.

Óleo de ANGICO (*Anadenanthera falcata*)

INDICAÇÃO	Queimaduras, assadura, intestino preso, homeostático, tosse, gripe, anti-inflamatório
INGREDIENTES	- 1L de óleo de girassol; - 200g de entrecasca desfiada de Angico; - 1 recipiente de vidro grande com tampa; - 1 coador de papel e suporte; - 1 panela pequena de inox; - 1 panela grande de alumínio; - 1 colher de inox; - 1 pano de prato; - 20 frascos de 50 ml com dosador; - 1 medidor.
MODO DE PREPARO	Colocar a entrecasca desfiada desidratada e o óleo de girassol em um vidro de boca larga, enrolar em um pano, colocar em banho maria por 30 minutos, a partir da fervura. Deixar esfriar na panela. Filtre a mistura com o coador de papel e envase nos frascos.
MODO DE USAR	Para uso interno: laxante (1 colher de chá por dia) Para uso externo: Contusão, hematoma, erisipela, flebite, úlcera varicosa, queimadura, assaduras. Usado para massagem na coluna. Bronquite e asma, gripe, alergia respiratória (1 colher de chá no café quente em dias alternados).
VALIDADE	1 ano

	Tintura de JATOBÁ (<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne)
INDICAÇÃO	Cistite, próstata, pulmão, diurético
INGREDIENTES	1L álcool de cereais; 200g de entrecasca desfiada de Jatobá; 1 recipiente de vidro grande com tampa; 1 coador de café de papel e suporte; 1 pano escuro; 20 frascos 1 medidor; 50 ml de água mineral.
MODO DE PREPARO	Misture a entrecasca desfiada e desidratada e o álcool de cereais no recipiente de vidro. Deixe curtir 21 dias, mantendo o frasco enrolado em um pedaço de pano escuro longe da exposição solar. Agite o frasco diariamente durante 10 minutos. Após o período de maceração, filtre a mistura com o coador de papel e envase nos frascos.
MODO DE USAR	Para cistite e próstata: 40 gotas, 3x ao dia durante 3 dias e após isso, 25 gotas até terminar o conteúdo do vidro.
VALIDADE	2 anos
	Solução de JEQUITIBÁ (<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze)
INDICAÇÃO	Amidalite, faringite
INGREDIENTES	200 ml de glicerina vegetal; 750 ml de tintura de Jequitibá; 20 frascos de bico fino leitoso 50 ml 1 recipiente de vidro grande com tampa; 1 panela pequena de inox 1 panela grande de alumínio 1 pano de prato; 1 colher de inox 1 medidor
MODO DE PREPARO	Misture a tintura e a glicerina no recipiente de vidro grande. Enrole o vidro em um pano e coloque o recipiente em banho maria, depois que abrir a fervura, contar 5 minutos aproximadamente. Se ocorrer precipitação, coar enquanto quente, após isso deixe esfriar e envase nos frascos.
MODO DE USO	Borrifar na garganta até 3x ao dia
VALIDADE	1 ano

APÊNDICE D

Oração do Cerrado

Senhor, como filhas e filhos de Deus Pai, da Mãe Terra, da Mãe Água, amantes da natureza e dependentes dela, pedimos licença para pisar neste bioma sagrado.

Senhor, todos que estão aqui com certeza tem o compromisso de não devastar o Cerrado e de não poluir e envenenar suas águas e seu solo.

Livrai-nos Senhor da tentação de destruir o Cerrado por ganância econômica ou por qualquer motivo.

Por isso, Senhor, pedimos a fortaleza necessária para continuar lutando a favor do Cerrado e da sua preservação e toda a biodiversidade.

Maria Luíza

Observação: Pedir a todos os presentes que rezem junto o Pai Nosso com o compromisso de proteger o povo do Cerrado e o Cerrado com toda a sua biodiversidade.

APÊNDICE E

Vamos dar vida pra isso

Relato oral dado em 18 de março de 2022 por Arcelina, na varanda de sua casa, no Setor Rio Vermelho, cidade de Goiás.

“Cantar e cantar e cantar a alegria de ser um eterno aprendiz” lalalaralara e acabou, é assim a minha vida.

Onde você nasceu?

"Nasci na cidade de São Paulo, na maternidade da Avenida Paulista, meu pai é médico, minha mãe dona de casa, na época, de quatro filhos, depois veio mais um. [...] A gente morava na Avenida Paulista quando meu pai conseguiu melhorar e vir pra o Jardim Paulista e então numa casa bem maior do que a outra e então o pessoal do Nordeste, da família do meu pai, meu pai tinha treze irmãos e minha mãe tinha onze irmãos, então era muito irmão e quando tinha alguém doente lá em Recife vinha pra São Paulo porque por aqui que ia resolver os problemas, aí imagina, aqueles quatro filhos e daí chega mais um, mais outro, mais outro, a gente dava um jeito. E aí foi assim a vida da gente, estudei primeiro em um colégio próximo da minha casa, na Vila Mariana, bem interessante, de freiras e nesse local ainda não tinha me mudado ainda para o Jardim Paulista. Por acaso contei que eu nasci por ali porque meu pai trabalhava por ali, mas aí quando eu comecei a ficar adolescente viemos morar no Jardim Paulista, ali tem a Avenida Paulista, uma rua, outra rua e a terceira rua, é a Alameda Jaú, meu pai comprou a casa, a primeira que ele comprou, que ele conseguiu o dinheiro para comprar, daí a gente ficou lá até o final da vida do meu pai, daí minha mãe conseguiu um dinheiro e eu também tava conseguindo porque a essa altura eu já estava trabalhando em Brasília."

Você nasceu em que ano?

"44"

E qual o dia do seu nascimento?

"25 de agosto, dia do soldado."

Qual sua formação?

"Sou formada em jornalismo pela Fundação Cásper Líbero, com mestrado na França, quando eu comecei jornalismo era o único curso de jornalismo, logo em seguida apareceu o curso de jornalismo da USP, aí meu irmão fez o curso de jornalismo lá, aí eu fui fazer o mestrado na França, em comunicação."

Como foi seu retorno ao Brasil?

"Quando eu voltei ao Brasil eu tava casada, meu marido também era jornalista então eu arrumei um trabalho pra mim, ele arrumou um trabalho para ele, nós tínhamos uma casa muito bonita, alugada e ficamos em Brasília um tempo, mas aí a gente terminou o casamento, nós tínhamos um filho, o Pedro, aí dividimos o dinheiro e deu para eu comprar um apartamento, uma gracinha de apartamento na Asa Sul e eu continuei o meu trabalho, continuei trabalhando. Mas aí inventava umas viagens pra cá e pra lá. Era bom."

Você é apaixonada por viajar?

"Eu gosto de viajar. Conhecer o mundo e você sabe a ideia que eu tô tendo agora? Que eu não tenho ca-

beça para fazer mais um livro, esse aqui é o último, então eu preciso distribuir esse livro, eu to sozinha, eu não tenho uma pessoa que resolva pra mim isso ou aquilo, não tenho. Mas eu tenho que resolver esse problema, a editora me entregou 600 livros, vou fazer 600 livros vender em Goiás? Não tem jeito, né? [...] Eu não vou sair distribuindo pro Brasil a fora, eu não sei ainda como fazer, eu tô com um negócio na cabeça, se você tiver alguma ideia, me dê. É isso, *c'est ça, c'est la vie*."

Como foi seu contato com Goiás?

"Eu já conhecia Goiás junto com meu marido, e com meu filho pequenininho, mas eu conheci o Mosteiro, quando eu conheci o Mosteiro, quer dizer, era a cidade de Goiás e o Mosteiro, e quando eu vim pra cá era cidade de Goiás, Mosteiro e o início da organização da UNESCO, fazer isso aqui, patrimônio. Já cheguei aqui a organização, por exemplo, não podia ter fio, tinha que enfiar por debaixo, não botar velas, botava lâmpadas mesmo que dava a impressão de velas, né? E daí eles foram consertando a cidade toda."

E então você chegou em Goiás por volta de 2000?

"É, mais ou menos 2000. No começo de 2000 eu já sabia que existia isso e já vi e já acompanhei."

Você veio a cidade de Goiás motivada pelo Mosteiro e pelo trabalho com o Mosteiro, mas como surgiu a ideia de criar o Jardim da Transfiguração?

"Que daí eu vim morar aqui, que lá os monges não deixam as mulheres morar, pode dormir um dia, um final de semana, pode né, mas ficar o tempo todo não pode. Então eu comecei a construção dessa casa, quem fez foi um monge que hoje tá em Itaberaí, é padre lá em Itaberaí. [...] Ele é ótimo, cabeça excelente. E depois, não só a casa mas a convivência com os vizinhos todos, conhecer quem eles eram, uns estudavam, outros não estudavam, pé no chão, barro (risos), não tinha cimento, tudo era cercado de arame, você viu a fotografia, né? Daí eu tomei a animação, a gente tinha encontro de oração, era quinta-feira aqui e quinta-feira acolá, formavam grupos e enchíamos o Mosteiro. Então esse monte de gente, inclusive dessa rua aqui que dava até lá embaixo e aqui também, daí falamos "Vamos dar vida pra isso" e aí veio essa ideia. Daí eu comprei três terrenos, construí mas era só jardim, não tinha nenhum prédio, e ficou bonito. Daí entrou essa nova, eu doe pro pessoal lá das Mulheres, das Mulheres Coralinas, elas ganharam aquilo de presente mas assim, se comprometeram de manter o Jardim, e espero que façam, porque eu já tô velhinha, não vou tomar conta disso."

A aproximação com a comunidade do bairro incentivou a criação desse espaço?

"Ah a criação. A coisa ia crescendo, entende? Os meninos não sabiam ler, não sabiam escrever, então essa casa daí eu comprei aquela casa, não era assim direitinho como é agora, era muito diferente mas ali tinha uma mesa que tava ali no quintal, os pés assim, ai bota madeira, madeira, madeira e eles ficavam lá e a gente fazia aulas, fazia aulas mas eram aulas assim de desenho, aulas de poesia, daí a gente vamo combinar e nesses dias apareceu uma moça especializada em árvores, como se chama? Bióloga, daí eu falei com ela, "Você faz isso? Faço", daí botei os meninos todos pra trabalhar, aqui tem um lugar de construção de madeira, que joga madeira que sobra pro lado de fora, então a gente foi lá buscar e fazia assim, serrava, e daí a gente pedia pra moça o nome. Ah... sei lá como era o nome, aquela que morreu no centro?"

Pequi

"Pequi! O Pequi é o nome que todo mundo sabe que é pequi mas tem aquele nome na língua, então eles escreviam e a gente colocou em todos."

E a espiral?

"Aquela espiral era o meu conhecimento, na casa da Graça tem uma espiral lá que é uma coisa agradável, em vários locais do mundo tem uma coisa assim. E tem aquele pequizeiro que caía uma quantidade de flores, uma quantidade, uma coisa apaixonante e era um espaço plano, falei "vamos fazer aí uma mandala", daí eu paguei pros cara lá e foi fazendo, foi fazendo, foi fazendo e depois pintaram aquilo tudo de

vermelho, eu era muito voltada para essa questão de norte, sul, leste, oeste então aqui tava o norte, sul, leste, oeste. Então a cor de cada um, de acordo com as cores, uma pedra de uma cor, essa e essa da mesma cor, essa e essa da mesma cor, então dava norte, sul, leste, oeste. Quer dizer, ao mesmo tempo que a gente tinha a beleza, a gente ia colocando também as informações da cultura, das coisas diferentes que estavam ali. Depois o menino, esse vive aqui, mora aqui, o nome dele eu esqueci, porque isso aí o médico falou que eu posso esquecer o nome das coisas. Então... esse rapaz que fez isso aqui, essa porta, da frente e de trás. Você viu de trás como que é? Então olha aqui, tem o sol, tem a lua, trabalho dele, o nome dele eu esqueci, então aqui é o pão, o trigo, aqui touro, virgem, eu sou virgem e quem pintou é touro, isso aqui é coisa que você encontra lá no Mosteiro, esse, esse, você encontra lá no Mosteiro, aqui, o rapaz que fez ao invés de assinar botou as mãozinhas dele, aqui, tá vendo? As duas mãos, e isso, é coisa que tem no Mosteiro, lá no Mosteiro, os símbolos. Ficou assim desse jeito."

E o que você sonha para o Jardim da Transfiguração? Tem algo que você gostaria que o Jardim fosse ou significasse?

"Eu acho que a Mandala é boa, já tá pronta, é só limpar, passar uma tinta vermelha ou cera vermelha, tá pronta. Aquele lugar que é pra sentar assim, dá pra sentar, tem a mesa da missa, você viu a mesa da missa?"

A de concreto?

"É, e tem um monte de coisinhas assim que é pra colocar um pau, que caiu. Eu acho que essa coisa, não é apenas para a missa, a gente já fez shows, a gente fez, aquela menina que canta maravilhosamente, morenona, Laís? Ela é petista, militante. [...]"

Quais ocupações você acha que deveriam acontecer lá? Nas fotos eu vi que aconteciam orações e festas.

"É, orações, festas, aniversários... mas era tudo. E tinha festa todo mês, entende? Todo mês tinha festa, então tinha as comunidades, "ah então é a comunidade tal que vai cuidar", botava aquela mesa que as mulheres faziam as comidas."

Quais comunidades? As rurais?

"Aqui tinha os grupos de oração que formavam comunidades, entende? Então tem o lado de lá onde tá o pessoal lá perto do Mercado, que se sobe lá aquele campo de futebol, aqui é isso que você tá vendo."

Os bairros?

"Os bairros! Cada bairro tinha um grupo de oração, fazíamos às vezes na casa de uma, depois na outra semana na casa de outra, depois na casa de outra. Os outros grupos estavam fazendo a mesma coisa. Quando chegava domingo aquela igreja ficava dura de gente, aqui não pode ser que tem que ficar separado um do outro, impressionante."

E as atividades com yoga que aconteciam?

"Eu já cheguei aqui formada em yoga, na sombra, agora eu não vou fazer yoga naquele sol que cai bem em cima, né? Mas posso fazer lá em cima, que lá em cima tem um jardim também. Então é fácil, é só convidar as pessoas para vir fazer e a gente faz, a yoga tá na minha cabeça."

Entendi, e para você como se dá sua conexão com a natureza? O que significa para você?

"Beleza, alegria, esperança que a chuva caia, esperança que as plantas cresçam, esperança que não destruam as plantas, enfim, pra mim sou mais plantas do que coisas diferentes."

Então sua conexão com a natureza se dá desse modo. Eu vejo o Jardim como um espaço de esperança também.

"É isso mesmo. Agora, eu preciso ir, eu tô velhinha, né? Precisa ter alguma pessoa, da sua idade ou um

pouquinho mais velha para assumir isso daí, entende? Conversar com alguém que sabe determinar o nome das árvores. Pra.. todos aqueles balanços, redes, uma casa lá em cima pro pessoal pra sentar, então isso daí era tudo coisa que eu ia conseguindo, entende? E botava lá, então eu acho que se as pessoas que estiverem envolvidas nisso e tem paixão pelas crianças, pelos jovens, então tem que procurar as coisas. Entende? E não é caro, fazer. Por exemplo, tinha um cara ali que faz, trabalha com madeira, ele me deu uma madeira assim, aí a gente fez o ferro assim pra segura, aí daí, chamou um cara que trabalhava com tijolo e essas coisas e fez um cimento ali, e tá lá até hoje. Criança fez uma escada assim pra escorregar, pra escorregar aqui tinha que ter areia, tem o negócio de balançar porque a árvore aguenta, né? Tem várias coisas lá que podem ser refeitas ou melhoradas."

ANEXO A

QUADRO DE ESPÉCIES PROJETO ARQUITETÔNICO IV - UBS TIPO 01

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	INDICAÇÃO MEDICINAL	PARTE UTILIZADA
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Feridas, debilidades cardíacas, piolho, má digestão, tosse, reumatismo, estimulante geral.	Folhas, flores, frutos
Angico-do-Cerrado	<i>Anadenanthera falcata</i> .	Depurativo, laxante, cicatrizante, vermífugo, anti-hemorragico.	Entrecasca, resina
Aroeira salsa	<i>Schinus molle</i> L.	Cicatrizante, depurativo, diurético, reumatismo, bronquite, diarreia.	Folhas, casca, frutos, sementes, resina
Calêndula	<i>Calendula officinalis</i> L.	Cicatrizante, emenagoga, diaforética, icterícia, coceiras e brotoejas.	Inflorescências
Camomila	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Indigestão, cólicas uterinas, limpeza de pele, febres.	Flores
Copaíba	<i>Copaifera langsdorffi</i> Desf.	Anti-inflamatório, pneumonia, tosse, cicatrizante, caspa.	Tronco
Ipê-roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Antiviral, antifúngica, cicatrizante, anti-inflamatório.	Entrecasca
Jalapa	<i>Mirabilis jalapa</i>	Depurativo, problemas de pele, espinhas, irregularidades menstruais.	Raízes, folhas, flores
Sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.	Gripe, resfriado, inflamações de pele, reumatismo, artrite, diurético	Folhas, flores, entrecasca, frutos
Sálvia	<i>Salvia officinalis</i> L.	Cólicas estomacais, bronquite, tosse, resfriado, estomatites, gengivites, aftas, laringite.	Folhas, flores, inflorescências

ANEXO B

CALENDÁRIO ANUAL DE FLORES CERRATENSE

JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
Assa-peixe, Baru, Batata infalível, Chapéu-de-couro, Copaíba, Espinheira-santa, Jequitibá-do-Cerrado, Quina	Algodãozinho-do-campo, Assa-peixe, Baru, Batata infalível, Copaíba, Espinheira-santa, Quina	Algodãozinho-do-campo, Assa-peixe, Batata infalível, Copaíba, Pacari, Quina
ABRIL	MAIO	JUNHO
Algodãozinho-do-campo, Assa-peixe, Batata infalível, Jatobá-do-Cerrado, Murici, Pacari, Quina	Algodãozinho-do-campo, Frade, Jatobá-do-Cerrado, Murici, Mulungu, Pacari, Pé-de-perdiz, Tansagem	Algodãozinho-do-campo, Cajuí, Espinheira-santa, Jatobá-do-Cerrado, Mamacadela, Mulungu, Pacari, Pé-de-perdiz, Sucupira-preta, Tansagem
JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
Algodãozinho-do-campo, Arnica-do-Cerrado, Aroeira-vermelha, Cajuí, Espinheira-santa, Ipê-roxo, Jatobá-do-Cerrado, Lixeira, Mamacadela, Mulungu, Pacari, Pé-de-perdiz, Sucupira-preta, Tansagem	Algodãozinho-do-campo, Arnica-do-Cerrado, Aroeira-vermelha, Cagaita, Cajuí, Congonha-de-bugre, Erva-de-Santa-Maria, Espinheira-santa, Ipê-amarelo-do-Cerrado, Ipê-roxo, Jatobá-do-Cerrado, Lixeira, Mamacadela, Mangaba, Mulungu, Pacari, Pé-de-perdiz, Pequi, Salsaparrilha, Sucupira-preta, Tansagem	Algodãozinho-do-campo, Angico-do-Cerrado, Arnica-do-Cerrado, Aroeira-vermelha, Barbatimão, Batata infalível, Cagaita, Cajuí, Canela-de-ema, Canela-de-velho, Chapéu-de-couro, Congonha-de-bugre, Erva-de-Santa-Maria, Espinheira-santa, Ipê-amarelo-do-Cerrado, Lixeira, Lobeira, Mamacadela, Mangaba, Mulungu, Pacari, Pé-de-perdiz, Pequi, Salsaparrilha, Sucupira-branca, Sucupira-preta, Tansagem
OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Algodãozinho-do-campo, Angico-do-Cerrado, Arnica-do-Cerrado, Barbatimão, Batata infalível, Cajuí, Canela-de-ema, Canela-de-velho, Chapéu-de-couro, Curriola, Erva-de-Santa-Maria, Espinheira-santa, Jequitibá-do-Cerrado, Lobeira, Lixeira, Mamacadela, Mangaba, Negramina, Pacari, Pé-de-perdiz, Pequi, Sucupira-branca, Tansagem	Algodãozinho-do-campo, Barbatimão, Baru, Batata infalível, Cajuí, Canela-de-ema, Canela-de-velho, Chapéu-de-couro, Copaíba, Curriola, Erva-de-Santa-Maria, Espinheira-santa, Jequitibá-do-Cerrado, Lobeira, Mamacadela, Mangaba, Pé-de-perdiz, Pequi, Sucupira-branca	Baru, Batata infalível, Canela-de-ema, Chapéu-de-couro, Copaíba, Espinheira-santa, Jequitibá-do-Cerrado

CALENDÁRIO ANUAL DE FRUTOS CERRATENSE

JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
Barbatimão, Baru, Canela-de-velho, Curriola, Lixeira, Mangaba, Negramina, Pequi	Barbatimão, Baru, Canela-de-velho, Pequi	Barbatimão, Baru, Canela-de-velho, Chapéu-de-couro
ABRIL	MAIO	JUNHO
Barbatimão, Chapéu-de-couro, Pacari, Quina	Barbatimão, Chapéu-de-couro, Copaíba, Pacari, Quina	Barbatimão, Chapéu-de-couro, Congonha-de-bugre, Copaíba, Frade, Pacari, Quina
JULHO	AGOSTO	SETEMBRO
Congonha-de-bugre, Copaíba, Pacari, Quina	Angico-do-Cerrado, Copaíba, Ipê-roxo, Jequitibá-do-Cerrado, Mamacadela, Murici, Pacari, Quina	Angico-do-Cerrado, Aroeira-vermelha, Cagaita, Copaíba, Ipê-roxo, Jequitibá-do-Cerrado, Mamacadela, Murici
OUTUBRO	NOVEMBRO	DEZEMBRO
Aroeira-vermelha, Cagaita, Cajuí, Copaíba, Ipê-roxo, Jequitibá-do-Cerrado, Lixeira, Mamacadela, Murici, Sucupira-preta	Barbatimão, Cajuí, Canela-de-velho, Lixeira, Mamacadela, Mangaba, Murici, Pequi, Sucupira-preta	Barbatimão, Canela-de-velho, Curriola, Lixeira, Mangaba, Negramina, Pequi, Sucupira-preta

ANEXO C

ATIVIDADES PROJETO DE EXTENSÃO “JARDIM DA MEMÓRIA: PAISAGENS DE CURA”

Nº	ATIVIDADE	DATA	LOCAL	PARTICIPANTES
01	Reunião virtual #1	26/01/2022 (quarta-feira)	Remoto	Gabriel, Malu, Gustavo, Roberta, Victoria, Milena, Camila, Izabela, Elisa e Steffania
02	Conversa entre	01/02/2022 (terça-feira)	Associação Coralinas	Ebe, Mariana, Gabriel, Dona Maria
03	Reunião virtual #2	02/02/2022 (quarta-feira)	Remoto	Gabriel, Steffania, Izabela, Gustavo, Victoria, Milena, Roberta, Gabriela
04	Atividade de campo #1	03/02/2022 (quinta-feira)	Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino	Gabriel, Malu, Gustavo, Izabela, Dona Maria
05	Levantamento técnico #1	05/02/2022 (sábado)	Associação Coralinas	Gabriel, Malu, Gustavo, Roberta, Victoria, Dalily
06	Levantamento técnico #2	08/02/2022 (terça-feira)	Associação Coralinas	Gabriel, Malu, Gustavo, Ingrid, Mariana
07	Reunião virtual #3	09/02/2022 (quarta-feira)	Remoto	Gabriel, Milena, Gustavo, Malu, Dalily, Izabela, Steffania, Gabriela
08	Levantamento técnico #3	11/02/2022 (sexta-feira)	Associação Coralinas	Gabriel, Malu, Victoria, Izabela
09	Identificação e coleta de plantas medicinais	15/02/2022 (terça-feira)	Associação Coralinas	Gabriel, Dona Maria, Daniela, Milena, Izabela, Malu, Dalily, Gustavo
10	Preenchimento quadro de espécies	18/02/2022 (sexta-feira)	Remoto	Gabriel, Malu, Elisa
11	Atividade de campo #2	04/03/2022 (sexta-feira)	Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino	Gabriel, Malu, Dona Maria, Vera Lúcia
12	Apresentação para Mulheres Coralinas	04/03/2022 (sexta-feira)	Associação Coralinas	Gabriel, Victória, Ebe, Mariana
13	Levantamento técnico #4 e banho de floresta	16/03/2022 (quarta-feira)	Associação Coralinas	Gabriel, Ingrid
14	Desenhos de observação	17/03/2022 (quinta-feira)	Associação Coralinas	Gabriel
15	Levantamento estratos vegetais e banho de floresta	24/03/2022 (quinta-feira)	Associação Coralinas	Gabriel, Roberta, Izabela
16	Atividade de campo #3	01/04/2022 (sexta-feira)	Casa da Agricultura Familiar Dom Tomás Balduino	Gabriel, Dona Maria, Vera Lúcia
17	Preenchimento quadro de espécies 2#	04/04/2022 (segunda-feira)	Remoto	Gabriel, Daniela, Izabela



